

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MÔNICA DA SILVA ROSA

O TRABALHO DE JOVENS NAS LAVOURAS DE CAFÉ

Entre as Urgências da Vida e as Expectativas dos Estudantes, Seus Pais e Avós

Mariana - Minas Gerais

2020

MÔNICA DA SILVA ROSA

O TRABALHO DE JOVENS NAS LAVOURAS DE CAFÉ

Entre as Urgências da Vida e as Expectativas dos Estudantes, Seus Pais e Avós

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação-Mestrado da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Desigualdades, diversidade, diferenças e práticas educativas inclusivas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria da Exaltação Coutrim

Mariana - Minas Gerais

2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R788t Rosa, Mônica da Silva.
O trabalho de jovens nas lavouras de café [manuscrito]: entre as urgências da vida e as expectativas dos estudantes, seus pais e avós. / Mônica da Silva Rosa. - 2020.
144 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Área de Concentração: Educação.

1. Juventude rural - Viçosa (MG). 2. Trabalho e estudo. 3. Gerações. 4. Educação de jovens e adultos - Viçosa (MG). 5. Escolarização. I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 374.7(815.1)(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assuncao Costa - SIAPE: 1.894.964



FOLHA DE APROVAÇÃO

Mônica da Silva Rosa

O trabalho de jovens nas lavouras de café: entre as urgências da vida e as expectativas dos estudantes, seus pais e avós

Membros da banca

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim (Orientadora) - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Écio Antonio Portes (Membro) - Universidade Federal de São João Del Rey

Prof. Dr. Marcus Vinícius Fonseca (Membro) - Universidade Federal de Ouro Preto

Versão final

Aprovado em 26 de março de 2020

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Rosa Maria da Exaltação Coutrim



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, PROFESSOR 3 GRAU**, em 09/06/2020, às 18:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0059550** e o código CRC **E28B77F3**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.004301/2020-51

SEI nº 0059550

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

DEDICATÓRIA

Ao meus pais, Sandra Maria da silva e Jair da Silva Rosa, por todo amor e renúncia, para que eu alcançasse todos os sonhos presentes no meu coração desde a infância. Aos meus irmãos Letícia e Victor, que sempre acreditaram na minha capacidade, com todo meu amor e dedicação.

Aos meus queridos Davi, Laís, Giovanna e Lívia, crianças que enchem o meu coração de alegria e disposição, para continuar contribuindo na construção de um futuro mais justo e de oportunidades. Com amor e ternura!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todas as oportunidades.

Agradeço aos jovens e suas famílias, que abriram as portas de suas casas por toda a confiança em que depositaram em mim na realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Sandra e Jair por todo apoio e amor incondicional durante esse período de ausências.

Agradeço aos meus irmãos pelo companheirismo, amor e compreensão e por entenderem que eu precisava estar totalmente dedicada a este trabalho.

Agradeço ao meu cunhado Bruno, pela solicitude e apoio neste tempo.

Agradeço aos meus afilhados e seus pais, por entenderem as minhas ausências e pelo carinho.

Agradeço aos meus amigos, que durante todo o período do mestrado estiveram ao meu lado, ainda que, eu não pudesse fazer o mesmo, me senti acolhida e querida ao receber cada mensagem e sorriso.

Em especial Agradeço a Ana Carolina, Iana, Franciele e Nicolly, pelo apoio, convívio e por vibrarem com todas as minhas conquistas, vocês tornam a minha trajetória mais leve e divertida.

Agradeço a Família Duarte Miranda, extensão da minha família em Ouro Preto pela compreensão em minhas ausências e por todo cuidado, eu me sinto acolhida e amada.

Agradeço a Flávia Coelho, que acreditou que eu conseguiria fazer o mestrado quando esse desejo ainda estava somente no meu coração. Além de uma professora querida se tornou uma pessoa que me apoiou durante todo o processo de seleção. Que iluminou o caminho e me transmitiu leveza e força.

Agradeço a Robson e Ariane, que estiveram comigo desde o início dessa trajetória, por todo apoio e ajuda.

Agradeço a todos os professores do mestrado em Educação da UFOP, por todo conhecimento compartilhado.

Aos professores Marcus Vinícius Fonseca e Écio Antônio Portes, que aceitaram fazer parte de minha banca da defesa de dissertação, por todas as contribuições para este trabalho.

Agradeço aos funcionários do ICHS, por todo o suporte durante este tempo de convivência.

Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto e Capes, por todo suporte e apoio financeiro, permitindo que eu pudesse me dedicar de forma exclusiva a realização desta pesquisa.

Em especial, agradeço a Rosa Coutrim, por ter aceitado o desafio de me orientar durante este percurso, por toda delicadeza e ternura. Agradeço pelas oportunidades de crescimento e por compartilhar seu conhecimento, tempo, por todas as colocações e contribuições, para que eu pudesse realizar meu trabalho com leveza e segurança.

Agradeço por todo cuidado com o cacto, que veio de solo arenoso e por ter acreditado no seu crescimento com paciência. Agradeço por ter confiado e acreditado em minha capacidade, quando eu tinha somente disposição, vontade e disciplina para oferecer, enquanto me deu tanto, com seu enorme conhecimento e sua sabedoria.

RESUMO

A inserção no mundo do trabalho, mesmo que no setor informal, e a permanência na escola é um desafio para uma parcela significativa da população jovem em nosso país. No caso da juventude rural e de pequenas localidades os empecilhos para trabalhar e estudar são ainda maiores. O distrito de São José do Triunfo pertence ao município de Viçosa (MG) e tem na lavoura de café uma de suas principais fontes de renda. Diferentes gerações trabalham nessas lavouras, principalmente no período da colheita do fruto, inclusive os jovens estudantes. Na busca de compreender um pouco da vivência destes jovens e de suas famílias esta pesquisa surgiu da seguinte questão: Qual o lugar do trabalho na lavoura do café na vida de jovens do ensino médio em um distrito de Viçosa? Para responder a tal questionamento foi traçado o objetivo geral: compreender o lugar do trabalho na lavoura do café na vida de jovens do ensino médio distrito. A abordagem escolhida foi a qualitativa e priorizou a realização de entrevistas reflexivas com quatro jovens, seus pais e avós envolvidos no trabalho de colheita do café. Todos os jovens cursam o 1º ano do Ensino Médio da escola pública situada no distrito. A construção dos dados incluiu também análise dos documentos e observação participativa. A pesquisa revelou que o trabalho na lavoura do café ocupa um papel muito importante na vida das diferentes gerações do distrito. Há o envolvimento ativo dos jovens com a realidade de trabalho no período de colheita por influência familiar, mas também por desejo próprio, uma vez que o dinheiro que recebem representa independência relativa no consumo e nas suas escolhas. Embora demonstrem orgulho de verem seus filhos e netos trabalhando na lavoura, os pais e avós entrevistados valorizam o estudo e deixaram claro que desejam empregos melhores para os jovens, e que tais empregos somente serão possíveis por meio da escolarização. Contudo, entre os estudantes ouvidos na pesquisa, apenas um deles deseja continuar estudando, o que demonstra as urgências cotidianas que interferem em suas escolhas e influenciam nas as fracas expectativas profissionais e educacionais do grupo.

Palavras-chave: Juventudes; Trabalho; Gerações; Família; Escolarização

ABSTRACT

Entering the labor market, even in the informal sector, and staying in school is a challenge for a significant portion of the young population in our country. In the case of rural youth and in the small towns, the difficulties to work and study are even bigger. The district of São José of Triunfo belongs to the municipality of Viçosa (MG) and has in coffee farming one of its main sources of income. Different generations work in these fields, mainly during the fruit harvest, including young students. In the search to understand a little of the experience of these young people and their families, this research arose from the following question: What is the role of work in coffee farming in the life of high school youth in a district of Viçosa? To answer this question, the general objective was outlined: to understand the role of work in coffee farming in the lives of young people in high school. The chosen approach was qualitative and prioritized reflective interviews with four young people, their parents and grandparents involved in coffee harvesting work. All young people interviewed attend the 1st year of high school at a public school located in the district. The construction of the data also included analysis of the documents and participatory observation. The research revealed that work in coffee farming plays a very important role in the life of the different generations in the district. There is the active involvement of young people with the reality of work in the harvest period due to family influence, but also due to their own desire, since the money they receive represents relative independence in consumption and in their choices. Although they are proud to see their children and grandchildren working in the fields, the parents and grandparents interviewed, value the study and made it clear that they want better jobs for young people, and that such jobs will only be possible through schooling. However, among the students heard in the research, only one of them wants to continue studying, which demonstrates that the daily urgencies interfere with their choices and influence the weak professional and educational expectations of the group.

Keywords: Youths; work; Generations; Family; Schooling

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Imagem do palco para as festividades da Semana Santa em São José do Triunfo	46
Figura 2:	Membros do grupo teatral Nova Luz no primeiro dia de festividades	46
Figura 3:	Encenações da semana de festividades do palco na área externa da igreja.	46
Figura 4:	imagem de São José do Triunfo capturada por satélite	117
Figura 5:	Festividades de Nossa Senhora do Rosário, momento de entrada na igreja.	118
Figura 6:	Festividades de Nossa Senhora do Rosário, momentos em que o grupo de congado vai até a igreja, percorrendo as ruas da comunidade.	118
Figura 7:	Festividades de Nossa Senhora do Rosário, momento de início do rito no dia festivo.	119
Figura 8:	Festividades de Nossa Senhora do Rosário, missa solene com participação da comunidade.	119
Figura 9:	Pátio da escola	120
Figura 10:	Quadra da escola	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Evasão Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Homens e Mulheres	21
Gráfico 2:	Atraso Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019- Homens e Mulheres	22
Gráfico 3:	Evasão Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Zona Urbana e Zona Rural	23
Gráfico 4:	Atraso Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Zona Urbana e Zona Rural	24
Gráfico 5:	Evasão Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Pretos ou pardos e Brancos	25
Gráfico 6:	Atraso Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Pretos ou pardos e Brancos	25
Gráfico 7:	Taxa de distorção idade-série – 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018	51
Gráfico 8:	Taxa de distorção idade-série – Ensino fundamental anos finais 6º a 9º ano da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018	52
Gráfico 9:	Distorção idade-série– 1º ano do ensino médio da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018	52
Gráfico 10:	Distorção idade-série – 3º ano do ensino médio da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018	53
Gráfico 11:	Distorção idade-série – Ensino médio 1º a 3º ano da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018	53
Gráfico 12:	Distorção idade-série – 9º ano do Ensino Fundamental da Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	55

Gráfico 13:	Distorção idade-série – 9º ano do Ensino Fundamental da Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	55
Gráfico 14:	Distorção idade-série – 1º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	56
Gráfico 15:	Distorção idade-série – 1º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	57
Gráfico 16:	Distorção idade-série – 2º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	57
Gráfico 17:	Distorção idade-série – 2º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	58
Gráfico 18:	Distorção idade-série – 3º ano do Ensino Médio das Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	59
Gráfico 19:	Distorção idade-série – 3º ano do Ensino Médio das Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Porcentagem de estudantes de 16 anos que concluíram o ensino fundamental entre os anos de 2012 e 2018 no Brasil, no Sudeste e em Minas Gerais	7
Quadro 2:	Porcentagem de estudantes de 19 anos que concluíram o ensino médio entre os anos de 2012 e 2018 no Brasil, no Sudeste e em Minas Gerais	8
Quadro 3:	Participantes da pesquisa	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Matrículas por série do ano de 2018 da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo.	54
----------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EFA: Escola Família Agrícola

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICHS: Instituto de Ciências Humanas e Sociais

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto

UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

PISA: Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNADC: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

NESFE: Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola

EJA: Educação para Jovens e Adultos

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

INTRODUÇÃO	5
1 SOCIALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO FAMILIAR: O CASO DOS JOVENS TRABALHADORES	16
1.1 Juventude e Juventudes: O que a sociologia traz sobre o ser jovem	16
1.2 A escola e o trabalho na vida dos jovens	20
1.3 A família como espaço de socialização: Aprendizado e transmissão intergeracional	30
2 CONHECENDO O CAMPO DA PESQUISA E OS RECURSOS METODOLÓGICOS ADOTADOS	40
2.1 O Distrito: a presença do café na história	40
2.2 A Comunidade Local	44
2.3 A Escola	48
2.4 Os participantes da Pesquisa: Os jovens, os pais e os avós.....	62
2.5 A construção da pesquisa	62
2.6 A seleção dos jovens entrevistados e suas famílias	66
3 TRABALHO DE JOVENS NAS LAVOURAS DE CAFÉ: ENTRE AS URGÊNCIAS DA VIDA E AS EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES, SEUS PAIS E AVÓS	69
3.1 Os jovens do distrito, seus pais e avós	71
<i>Família 1 – Estudante João</i>	71
<i>Família 2 – Estudante Pedro</i>	74
<i>Família 3 – Estudante Felipe</i>	78
<i>Família 4 – Estudante Lívia</i>	83
3.2 Os jovens do distrito: estigmatização e relação com o espaço.....	87
3.3 Socialização familiar: Suporte e solidariedade entre as três gerações.....	89
3.5 O trabalho na vida das famílias: A moral e o orgulho de ser trabalhador	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
APÊNDICES	117
I. Levantamento fotográfico	117
II. Termo de consentimento livre e esclarecido – Para menores e maiores de idade.	122
III- Roteiros de Entrevistas com Jovens	127
IV- Roteiros de Entrevistas com Pais e Avós.....	130

INTRODUÇÃO

As Ciências Sociais nos proporcionam explorar, compreender e apresentar a sociedade com seus movimentos, especificidades e conhecer as relações que moldam a vida cotidiana. Também, nos instiga a aprofundarmos nos timbres, sons, espaços, contrastes e singularidades de forma reflexiva e atenta. Temos então um desafio de enxergar as relações, os indivíduos e o que nos cerca para além dos clichês exteriores e estáticos que estão impregnados em nós e acabam limitando nossas percepções e questionamentos.

Dessa forma, as ciências sociais possibilitam uma nova forma de “ler” determinada prática e de interpretar as relações entre natureza e cultura, sujeito e sociedade, história e estrutura. Isto ocorre para além de levantar pontos que fortalecem, legitimam ou contrariam os paradigmas, mas, sobretudo que possibilitam refletir a partir das categorias de análise que nos permitem enxergar os contextos sociais que se apresentam. Por isso, é do nosso ofício de sociólogo, perceber as mudanças, identificar continuidades e, sobretudo, compreender como as desigualdades sociais e econômicas interferem em nossas vidas.

As desigualdades são fruto das relações sociais, políticas e culturais e assumem feições distintas, não se restringindo à situação econômica dos indivíduos. Se refletem no cotidiano das pessoas, nos espaços e tempos distintos e, entre eles, o ambiente escolar e os processos relacionados à escolarização, objeto de estudos privilegiado pela sociologia da educação.

As pesquisas de caráter empírico sobre as desigualdades escolares surgem na década de 1950 e, segundo Nogueira (2002, p. 157), países como Estados Unidos, França e Inglaterra foram os percussores nesses estudos. A partir dos anos 60 somos convidados por Pierre Bourdieu (1998) a analisarmos os fenômenos sociais de forma crítica e aprofundada, não correndo o risco assim de naturalizar os processos. Ou seja, ao tratar das desigualdades que se refletem nas trajetórias escolares, Bourdieu e outros autores nos convidam a voltar nossa atenção para o contexto socioeconômico e as estruturas familiares dos alunos. É fundamental pensar nas desigualdades das famílias, nas instancias socializadoras que se diferem e interferem no modo como esses alunos se desenvolvem no ambiente escolar.

A desigualdade presente no ambiente escolar é o reflexo do que está para além dos muros da escola. Ela não se dá de um único modo e não pode ser explicada de forma

generalizada. É fruto das relações sociais, políticas e culturais e as consequências dessas relações se estendem ao ambiente escolar, aos processos escolares e, mesmo que o acesso à educação se amplie por meio de políticas universais, conforme conclui Bourdieu (1983), surgirão novas formas de diferenciação.

Consideramos assim, a partir da bibliografia trazida nesta dissertação, a escola como um campo de disputa social, na qual os sujeitos, de forma mais específica os estudantes pertencentes às camadas populares se posicionam em decorrência de um conjunto de capitais acumulados no decorrer de sua vida (BOURDIEU 1989). No caso mais específico da escolarização dos jovens, é mister também discutir questões que extrapolam o campo simbólico e subjetivo e que refletem nos processos de escolarização. De forma mais objetiva, é importante pensar sobre as questões relacionadas ao seu dia a dia e à rotina, como por exemplo, a presença do trabalho braçal na vida de estudantes, uma marca da desigualdade social entre jovens de famílias mais pobres (DAYRELL; JESUS, 2016).

Além do trabalho, ao analisarmos a escolarização dos estudantes de camadas populares devemos ressaltar as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem e a falta de sentido da escola, ainda mais considerando a realidade de estudante trabalhador, oriundo de famílias com baixo capital cultural, mas que possuem o “saber fazer”, o conhecimento prático. Assim, muitos estudantes não atribuem um significado para o aprendizado escolar e consideram que os conteúdos puramente teóricos só atendem as expectativas dos “conformistas” (WILLIS, 1991).

Por isso, ao discutirmos a escolarização dos jovens é fundamental levar em consideração as necessidades familiares e particulares que os levam a ter uma rotina de estudo e trabalho. Assim, quando não conseguem conciliar estas duas atividades, muitos deles deixam os bancos escolares precocemente, e isso se reflete nas estatísticas educacionais. A evasão escolar é um problema social presente nas escolas brasileiras e não se dá por motivação específica: muitos abandonam a escola por não atribuírem sentido à escola; outros não conseguem acompanhar os conteúdos das disciplinas; muitos reprovam sucessivamente, entre outros tantos motivos.

De acordo com dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população jovem brasileira se aproxima da marca de 51,3 milhões (IBGE, 2019). Compõem esse grupo pessoas de ambos os sexos com idade entre 15 e 24 anos. Utilizamos neste estudo dados com base nos indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC, 2018), metodologia que o IBGE passa a adotar

em substituição a Pnad. Com a utilização desta nova metodologia os dados de 2018 podem ser comparados com os de 2012 em diante.

Os dados obtidos pela Pnad Contínua (2018) demonstram que entre os anos de 2012 e 2018 o número de estudantes que concluíram o ensino fundamental no Brasil cresceu, o que ocorreu também com o Sudeste e Minas Gerais (Quadro 1).

Quadro 1: Porcentagem de estudantes de 16 anos que concluíram o ensino fundamental entre os anos de 2012 e 2018 no Brasil, no Sudeste e em Minas Gerais

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
	%	%	%	%	%	%	%
Brasil	68,6	71,4	73,4	74,9	74,9	74,9	75,9
Sudeste	79,1	80,0	81,6	83,6	83,1	85,1	81,9
Minas Gerais	76,2	75,3	79,9	78,3	78,6	83,6	81,6

Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da PnadC (2018).

No Brasil os anos de 2015, 2016 e 2017 apresentam o mesmo percentual (74,9 %) de conclusão, o que nos leva a observar que, apesar de não haver aumento nas taxas nestes anos, também não houve diminuição. Se compararmos tanto a região sudeste ou o estado de Minas Gerais em relação as taxas de todo o Brasil, notamos, que os índices oscilam, não conseguindo manter o crescimento no decorrer do tempo. E ao analisarmos todo o período de tempo no Sudeste observamos que o número de alunos com idade de 16 anos que concluíram o ensino fundamental cresceu apenas 2,8 %. Ou seja, no Sudeste e em Minas Gerais quase 20% dos estudantes não conseguem completar 8 anos de estudos antes dos 16 anos de idade. A situação ainda é mais grave nos dados nacionais com 24,1%.

Em relação aos estudantes do ensino médio (Quadro 2), no estado de Minas Gerais, 62,4% dos jovens com 19 anos de idade (idade considerada regular para alunos que estão concluindo o ensino médio) concluíram o ensino médio no ano de 2018. Este resultado é muito próximo do percentual nacional que é de 63,5%, no mesmo ano. Entretanto, se compararmos os dados do Estado de Minas Gerais com a região Sudeste notamos que no ano de 2018, o estado tem desempenho pior que a região. A porcentagem de concluintes no Sudeste é crescente desde 2012, havendo uma queda somente no ano de 2015. O que, conforme já foi mencionado, não ocorre no estado. Essa oscilação é mais

visível tanto compararmos com a região sudeste, quanto com os índices do país, que são crescentes até o ano de 2018.

Quadro 2: Porcentagem de estudantes de 19 anos que concluíram o ensino médio entre os anos de 2012 e 2018 no Brasil, no Sudeste e em Minas Gerais

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Brasil	51,7%	53,6%	55,7%	55,9%	58,9%	59,2%	63,5%
Sudeste	59,8%	61,1%	64,9%	63,6%	65,5%	67,4%	70,8%
Minas Gerais	50,3%	59,2%	59,4%	55,6%	62,3%	65,7%	62,4%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da PnadC (2018).

Desta forma, observamos no Quadro 2 que entre os 75,9% dos alunos que concluíram o ensino fundamental em 2018 no Brasil, 63,5% não terminaram o ensino médio até os 16 anos. Desses que conseguiram ingressar no ensino médio, quase 40% não concluiu os estudos até os 19 anos. Ou seja, esses alunos já passaram por forte seleção para chegar ao Ensino Médio, mas diferentes fatores os impedem de avançar ou retardam sua conclusão da educação básica.

Nota-se, a partir dos dados expostos, que no período de transição do ensino fundamental para o ensino médio os índices de evasão e abandono aumentam no Brasil. Revelando, dessa forma, o processo de exclusão sofrido por tantos rapazes e moças em diferentes partes do país.

A pesquisa ora apresentada está inserida na discussão sobre desigualdade escolar ao trazer o caso de jovens estudantes de um pequeno distrito da cidade de Viçosa – MG que trabalham nas lavouras de café. Mais do que números estatísticos, esses jovens representam uma parcela da população que se encontra distante dos grandes centros e dos principais projetos sociais de promoção, proteção e acolhimento de jovens.

O distrito investigado se afasta do centro da cidade por uma distância aproximada de oito quilômetros. É relevante lembrar que Viçosa por ter uma Universidade de grande prestígio no estado de Minas Gerais e no país, atrai um grande público jovem que ali busca formação acadêmica. A sede do campus da Universidade Federal Viçosa oferece atualmente 47 cursos de graduação e a cidade conta também com outras instituições de ensino superior, tendo uma população flutuante composta em sua maioria por estudantes universitários e pré-universitários. Por isso, é importante pensar o distrito de São José do

Triunfo, lócus da pesquisa, como pertencente a uma cidade com uma vultuosa população jovem e que comporta tantos perfis de juventudes.

Apesar de registrado como pertencente ao perímetro urbano, a ruralidade se faz presente na vida cotidiana do distrito e de seus moradores. Com forte dependência da produção do café, a organização social e a sociabilidade dos moradores trazem características do interior. Hoje o distrito conta com uma escola pública que atende crianças e jovens do ensino fundamental e médio completos. Além desta há uma escola municipal que oferece vagas para o pré-escolar e uma creche municipal que disponibiliza vagas para a educação infantil.

Os jovens protagonistas neste estudo, pertencem às camadas populares e todos eles apresentaram uma característica comum: O trabalho temporário na colheita de café. Devido às dificuldades financeiras, o período de colheita torna-se uma alternativa para complementar à renda familiar e esses jovens iniciam ainda crianças o trabalho de modo informal e temporário, tornando-se uma medida paliativa para atender às necessidades financeiras pessoais e domésticas. Muitos desses alunos acabam se afastando da escola no período de colheita e depois não retornam para dar continuidade ao ano letivo.

A participação dos estudantes na colheita do café ocorre há várias gerações e existem registros que comprovam tal atividade há quase 40 anos no distrito. Por isso, transmitida dos pais aos filhos, continua se perpetuando, mesmo em um momento em que a escolarização é tão valorizada na sociedade.

Na pesquisa realizada no ano de 1961, a evasão na época da colheita foi observada por João Bosco Guedes Pinto¹.

A frequência dos alunos às aulas varia muito; durante o preparo do terreno para a plantação e durante a colheita, especialmente a do café a frequência diminui muito, pois os pais precisam da ajuda dos filhos e não a dispensam (PINTO, 1963, p. 20).

Apesar do desenvolvimento de tecnologias que facilitam o trabalho nas lavouras, não são todos que as utilizam e substituem o trabalho braçal por mecanização da mão de obra. Desta forma, a presença dos trabalhadores é comum em todas as fases da cultura do

¹Em 1961 foi realizada uma pesquisa socioeconômica, financiada pelo Instituto de Economia Rural da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, pertencente à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), federalizada em 1969 com o nome de Universidade Federal de Viçosa (UFV), realizada pelo técnico-pesquisador João Bosco Guedes Pinto na qual levanta algumas informações relevantes no que se refere a organização do distrito e sua formação.

café na região, e é notável a centralidade e a continuidade do trabalho nas lavouras, bem como fora apresentado já nos estudos de Pinto (1963). O trabalho na colheita do café, que ocorre entre os meses de maio a agosto, é ensinado pelos pais aos filhos e passa de geração em geração. Assim, a família não transmite somente os costumes, valores, hábitos, mas também persiste ao longo do tempo e na vivência familiar a atividade laborativa comum a todos na hierarquia familiar. Assim, o trabalho na colheita é valorizado pelas famílias das camadas populares do distrito e é transmitido como uma herança cultural familiar, o “saber fazer”, passado de geração em geração.

Assim, orientada por minha própria experiência de vida no distrito e pela teoria sobre juventude e ensino médio, elaborei uma questão central que orientou a pesquisa: *Qual o lugar do trabalho na lavoura do café na vida de jovens do ensino médio em um distrito de Viçosa?*

A questão central, por sua vez, trouxe elementos para a definição do *objetivo geral* da pesquisa que foi compreender o lugar do trabalho na lavoura do café na vida de jovens do ensino médio em um distrito de Viçosa. A partir do objetivo geral, *os específicos* foram assim definidos: Investigar a importância da colheita do café na vida das famílias do distrito; analisar como o trabalho interfere na escolarização dos adolescentes e jovens; compreender como o trabalho da colheita do café foi vivenciado no percurso escolar dos pais e avós dos jovens da pesquisa.

Até o momento, a única investigação encontrada sobre o papel da lavoura do café para os estudantes foi publicada por Pinto (1963) e traz dados importantes sobre formação de São José do Triunfo, menos populoso do que é hoje e cercado por fazendas e grandes propriedades. Hoje as grandes fazendas foram desmembradas em pequenos sítios, como a do Senhor José Lourenço de Freitas, que após o seu falecimento foi dividida entre seus herdeiros. As lavouras de café foram mantidas, no entanto o que antes era de um proprietário, hoje, se divide para mais de cinco pessoas.

O objeto de pesquisa surgiu para mim aos poucos, ao longo da minha vivência no distrito e da trajetória na universidade. Acredito que proporcionar novas interpretações sobre as dinâmicas sociais a partir de contextos singulares que tocam a nossa realidade é relevante para entendermos as consequências das nossas relações, da forma com que organizamos as instituições, naturalizamos e reproduzimos desigualdades, como reproduzimos vivências da vida cotidiana, nos relacionamos com diversas pessoas. Os habitantes do distrito analisado são sujeitos sociais que têm suas vivências, e estas vão sendo reproduzidas e reinventadas por seus filhos e netos. A vida segue seu curso na

cadência pausada da fala dos mais idosos sentados na porta da sala em busca de sol, para se aquecer e na agitação das crianças correndo após o alarme da escola, sinalizando que um turno das aulas terminou.

Moradora do distrito desde que nasci, lancei-me em um desafio de me aprofundar em uma realidade que me parecia natural, própria. Durante a infância toda a rotina familiar era alterada no período da colheita do café, para que neste período minha mãe, que não trabalhava fora do ambiente doméstico, fosse para a lavoura. Neste período, não somente ela como; tias e primos desenvolviam tal atividade.

Essa época do ano era esperada, pois o ganho na colheita do café supria algumas necessidades de consumo, como a possibilidade de comprar roupas novas, sapatos, ou mesmo de acessar serviços pagos, como dentistas, entre outras necessidades que se estendiam durante o ano e podiam ser supridas neste período com uma renda familiar extra. Somente o que meu pai ganhava não era suficiente para cobrir tais gastos. Durante toda a infância, neste período as crianças da família se revezavam nas casas dos tios sob cuidado de uma das adolescentes da família que assumiam a responsabilidade e as funções domésticas para que, sobretudo as mães, trabalhassem neste período de colheita.

Aos 14 anos comecei a trabalhar também no período da colheita do café. Ao levar os filhos para a lavoura minha mãe mantinha a vigilância e o controle sobre os filhos. Durante a adolescência continuei desenvolvendo tal atividade e dividia o período da escola com o trabalho na lavoura, o que era confortável, visto que era estudante do ensino médio e não poderia me dedicar exclusivamente ao trabalho. Soma-se a isso as dificuldades encontradas pelos jovens de conseguir um emprego, sobretudo em meio período. Assim, passei grande parte da vida achando que era comum dividir a rotina da escola com o trabalho na colheita em certo período do ano, como uma “coreografia” aprendida na família e que apenas aprendemos os passos e seguimos.

Mas ao ingressar no curso de ciências Sociais, algumas coisas se tornaram objetos de questionamentos ininterruptos e outras formas de interpretar essas realidades que também são minhas, foram surgindo. Todos os dias, retornando da Universidade Federal de Viçosa, percorria o mesmo trajeto e passava pela mesma placa que me lembrava que eu havia chegado no meu bairro e me encontrava em perímetro urbano. Mas cada quilometro que me aproximava do meu bairro dava a sensação de estar me distanciando do urbano, da luminosidade do centro da cidade, das diversas fachadas das lojas, do movimento e barulho noturno que deixava para trás cada vez que o meu destino se

aproximava. Logo ao saltar do ônibus tinha contato com dinâmicas, situações e algumas miudezas que me traziam memórias de um cenário rural.

Na mesma calçada em que um grupo de adolescentes se encontram sentados ouvindo funk e “jogando conversa fora”, eu via galinhas e outros animais domésticos atravessando o asfalto esburacado e se adentrando em algum quintal. Os cavalos e as charretes dividem as via com os carros e lotação num ritmo e velocidades harmônicos. Por diversos anos observei certas famílias preparando suas festas tradicionais na comunidade, cada uma com sua função que se repetia anualmente; as mulheres passando as tardes que antecedem o dia treze de maio², preparando um grande banquete em suas casas. E ao entardecer do mesmo dia homens chegando apressados do trabalho, colocando suas vestimentas brancas, tomando os seus instrumentos musicais gastos pelo uso e pelo tempo nos braços, e saírem de suas casas para saudar nossa senhora do Rosário até o dia treze de maio chegar.

Esses acontecimentos que se repetiam ano após ano em um decurso de tempo composto por dias de vivências simples, e depois de ter percorrido um caminho que me permite olhar de forma mais reflexiva para minha própria realidade, meus pensamentos me conduziram a diversas reflexões: quem é essa gente que aqui se apresenta? Quais suas motivações? Quem é essa gente que divide pelas ruas sua devoção? Quem é essa gente que depois de um dia de trabalho, canta e dança para celebrar sua padroeira? Quem são as crianças que aprendem com os seus pais valores e mantêm tradições locais vivas? Quem são essas pessoas, crianças, adolescentes, jovens e adultos que vão fazendo a costura do tempo e imprimindo em sua vivência o resultado das relações com os outros, como Vygotsky defendia, que “nós nos tornamos nós mesmo através dos outros” (1986, p. 56).

Apesar de esses indivíduos serem familiares a mim, visto que sou viçosense, minha família reside em São José do Triunfo e as práticas construídas me são familiares desde a infância, os símbolos e significados que lhe são conferidos eu não conheço

²A festa de Nossa senhora do Rosário está presente no distrito de São José do Triunfo desde os anos de 1930, tem origem afro descendente. Os componentes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário são em grande maioria moradores do próprio distrito. A festa acontece no final de semana mais próximo ao dia 07 de outubro (data comemorativa). Entretanto a irmandade se reúne no dia 12 de maio e festejam até o dia 13 de maio, visto que atribuem a libertação dos escravos a um milagre com a intercessão de Nossa Senhora do Rosário (conhecida por algumas pessoas como Nossa Senhora do Pretos).

amplamente. Como traz Gilberto Velho: “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (VELHO, 1987, p.126). O desconhecimento das práticas desses sujeitos, ou desconhecimento dos significados que eles atribuíam e ainda atribuem às suas práticas compõe um cenário diversificado que desperta em mim curiosidades.

Agora, como estudante de pós-graduação, lancei sobre essas realidades um olhar que tentou enxergar os contextos sociais de forma dinâmica, o que alimentou a curiosidade investigativa em buscar desvendar, esmiuçar e compreender os arranjos construídos, os significados e as interações dessas pessoas com o distrito em um contexto específico, na relação entre as famílias e as trajetórias escolares de seus filhos e a realidade que os cercam.

Para a realização da pesquisa busquei a interlocução com os participantes, ou seja, jovens, seus pais e avós moradores do distrito. Isto ocorreu por meio de entrevistas com quatro estudantes do primeiro ano do ensino médio, bem como seus pais e avós, sendo critério de seleção que todos estivessem envolvidos com o trabalho na lavoura do café. Não foram entrevistados o pai e a mãe, o avô e avó de todos os estudantes, mas um de cada de geração, de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

A pesquisa foi construída, desde seu início, com base em autores nacionais e internacionais que abordaram direta ou indiretamente a constituição do ser jovem e sua relação com a escola e o trabalho. Assim, trazemos as contribuições de autores como Bourdieu (1983), Dayrell (2003), Dayrell e Jesus (2016), Lahire (1997, 2007) e Sposito (1998, 2002), entre tantos outros, que nos ajudam a pensar a construção das identidades juvenis, seus processos de escolarização, sociabilidade, socialização e as interfaces de temas que se ligam e se relacionam a outros como, por exemplo, de que forma a socialização familiar e o trabalho interferem em processos de escolarização.

Ao propor reflexões sobre jovens e suas famílias que vivem em regiões do interior do Brasil, que habitam localidades afastadas dos grandes centros, pouco populosas e que tem presentes em sua rotina e em seu processo de escolarização o trabalho, a pesquisa traz contribuições para as análises sobre os contextos de socialização que estes experienciam no interior do estado de Minas Gerais, em um contexto familiar, de trabalho e de escolarização. Colabora dessa forma, com o campo de pesquisa dedicado aos estudos sobre as juventudes de camadas populares e sob a condição de trabalhadores.

Também é importante ressaltar que esta dissertação traz importantes elementos para os estudos sobre as relações geracionais ao propor uma reflexão sobre a transmissão dos conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens. Ao ouvir avós e pais dos jovens estudantes a dissertação abre portas para o aprofundamento da discussão sobre socialização revelando a importância histórica da lavoura do café na vida de várias gerações de famílias que convivem na comunidade.

Em síntese, a dissertação traz os interlocutores as experiências e práticas familiares dos participantes da pesquisa sob uma abordagem diferenciada que não fixa os olhares na escola, mas sim no que está para além dela ao propor observar como os estudantes oriundos de camadas populares se relacionam com a escola e com o mundo do trabalho, e qual a importância destes não só para os jovens, mas para seus familiares, de forma mais específica, pais e avós. Cabe ressaltar a escassez dos estudos voltados aos jovens do interior e da importância de ouvi-los e conhecer de forma mais profunda a realidade em que vivem.

No âmbito da Sociologia da Educação, essa pesquisa também contribuirá com os debates acerca dos processos de escolarização e longevidade escolar ao abordar e apresentar a realidade de jovens do ensino médio. Além disso, auxiliará nos futuros estudos sobre o tema, principalmente aqueles desenvolvidos no Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola (NESFE/ UFOP).

Para melhor exposição da pesquisa e seus resultados, dividimos o texto em três capítulos. No primeiro deles, fazemos uma discussão sobre as juventudes, trazendo contribuições de pesquisadores que nos ajudam a compreender de forma mais aprofundada os perfis e identidades juvenis, principalmente no que diz respeito aos jovens de camadas populares. Trouxemos para a discussão, conceitos e temas que julgamos importantes para a compreensão teórica e empírica do cotidiano dos jovens ouvidos na pesquisa. Para isso, buscamos relacionar autores que discutem sobre juventude, família, trabalho, socialização e escolarização (trazendo também dados sobre evasão).

No capítulo 2, trouxemos uma apresentação do distrito, com informações pertinentes sobre a organização local e aspectos que julgamos relevantes para conhecer de forma mais abrangente o distrito em que a pesquisa se desenvolveu. Pretendemos, com isso, levar o leitor a compreender o contexto em que o grupo de jovens aos quais esta pesquisa se dedica vivem com suas famílias.

Em um segundo momento foi feita a apresentação da escola na qual os jovens entrevistados se encontram matriculados. Por último foi explicitada a metodologia

empregada na realização desta pesquisa, com a descrição dos critérios de seleção dos participantes, construção e análise dos dados.

O terceiro capítulo, trouxe a apresentação dos jovens selecionados, pais e avós do distrito, a análise das entrevistas realizadas, abordando suas experiências com a família, a escola e o trabalho.

1 SOCIALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO FAMILIAR: O CASO DOS JOVENS TRABALHADORES

No decorrer deste capítulo trouxemos para a discussão, conceitos e temas que julgamos importantes para a compreensão teórica e empírica do cotidiano dos jovens ouvidos na pesquisa. Para isso, buscamos relacionar autores que discutem sobre juventude, família, trabalho, escolarização e socialização.

Nesta pesquisa faremos uma discussão no campo da sociologia da educação a partir de autores nacionais e internacionais que abordaram direta ou indiretamente a constituição do ser jovem e sua relação com a escola e o trabalho. Assim, trazemos as contribuições de autores como Bourdieu (1983), Dayrell (2003), Dayrell e Jesus (2016), Lahire (1997, 2007) e Sposito (1998, 2002), entre tantos outros, que nos ajudam a pensar a construção das identidades juvenis, seus processos de escolarização, sociabilidade, socialização e as interfaces de temas que se ligam e se relacionam a outros como, por exemplo, de que forma a socialização familiar e o trabalho interferem em processos de escolarização. Esses autores nos ajudam a pensar a juventude situada em um espaço, em um tempo e em contextos específicos, singulares, na importância de pensar a diversidade, a pluralidade e a dinamicidade de um grupo que não compõe uma categoria engessada, rígida e estática.

Para facilitar a leitura, na primeira parte deste capítulo apresentamos discussões sobre o conceito de juventude e a pluralidade de interpretações que o envolve, tendo em vista que as discussões e formas de caracterizá-lo não são únicas. Em seguida, abordamos a relação dos jovens com o mundo do trabalho, para que seja possível entender um pouco mais da vida desses rapazes e moças de camadas populares que se inserem no mercado laboral. Por último, abordo a socialização familiar, situando esses jovens em um espaço – lugar não somente físico, mas também afetivo, de aprendizado, de convivência e formação.

1.1 Juventude e Juventudes: O que a sociologia traz sobre o ser jovem

A sociologia nos permite compreender os fenômenos sociais e nos adverte a pensá-los a partir de contextos históricos que se tornam fundamentais para entendê-los de forma ampla e aprofundada.

Estudar as juventudes é um desafio, pois é necessário atenção e cuidado para não se analisar as possibilidades de vivências desta fase da vida a partir de um modelo estático, um conceito fechado que não abrange ou contrapõe as diferentes reflexões que vão sendo construídas a partir do tema. A juventude pode ser entendida de diferentes formas; ora um período da vida entre a infância para a vida adulta, ora uma fase de transição, mas que tem suas especificidades, além de ser biologicamente marcada por transformações físicas ocorridas em um determinado período de tempo. Nesta pesquisa, compreendemos a juventude sendo composta por distintos atores sociais que atuam em diferentes esferas da vida social (DAYRELL, 2003), tais como o ser aluno, o ser trabalhador, o ser filho e neto, entre outros papéis que esses jovens protagonizam no tocante a suas experiências de vida.

Segundo autores especialistas nos estudos sobre juventude (ABROMOVAY e CASTRO, 2015; DAYRELL, 2003; PAIS, 2001 entre outros), a classificação dos jovens não se dá em decorrência de estarem inseridos em uma determinada faixa etária. Essa categorização impossibilitaria pensar em multiplicidades juvenis e realidades específicas e singulares, as quais envolvem condições e experiências individuais. Não há, portanto, uma definição clara sobre quando se inicia a fase da juventude e quando ela termina. Porém, as fronteiras da juventude com outras fases da vida têm sido determinadas por governos, institutos de pesquisa e pela legislação nacional a fim de nortear a construção e a implementação de políticas, ações e programas voltados para a proteção e garantia dos direitos dos jovens. Para a realização deste estudo, foi necessário adotar um referencial de idade e, embora reconheçamos que as multiplicidades juvenis não nos permitem traçar limites rígidos para definir quem é jovem ou não, escolhemos a faixa etária utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que demarca a juventude brasileira com idade entre 15 e 24 anos.

No ano de 2019 foi publicado pelo mesmo Instituto um documento que constitui um diagnóstico significativo das condições sociais desse grupo com o título: População Jovem no Brasil (IBGE, 2019). Cabe aqui assinalar que a demarcação etária trazida pelo IBGE coincide com o campo jurídico no Estatuto da Juventude, lei nº 12.852 de 05/08/2013, que em seu artigo 1º, § 1º, considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 24 anos de idade. No entanto, há um contraponto entre o estatuto da Juventude e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), lei nº 8069/1990, que em suas disposições preliminares, no art. 2º, considera adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade.

A Representação da UNESCO no Brasil no ano de 1997 criou uma linha de pesquisa sobre juventude, violência e cidadania e, a partir do ano de 1998³ foram publicados resultados de investigações voltadas à juventude brasileira, na época, já eram consideradas jovens as pessoas com idades entre 15 e 24 anos de idade.

Para além da legislação, as discussões sobre as juventudes se fazem necessárias para o entendimento mais aprofundado dessas identidades juvenis diversas. Dayrell (2003) nos ajuda a compreender como o senso comum interpreta a juventude. Segundo o autor, muitos a veem como uma fase de transição de descobertas e de esperanças para um grupo que, posteriormente, será responsável por resolver os problemas do país. Segundo essa percepção, os jovens são considerados a esperança do futuro da nação, pessoas com poder de fazer melhorias em todos os setores da sociedade. Ainda segundo o autor, em alguns casos, a juventude é estigmatizada, caracterizando os jovens como problemáticos, indisciplinados e desordeiros e concebida como a fase da vida em que impera a irresponsabilidade e a imaturidade. No entanto, a análise mais sistemática e apurada das Ciências Humanas nos mostra a complexidade que envolve a compreensão das vivências dos jovens e traz um profundo debate sobre o tema.

Embora não tenha sido seu principal objeto de análise, Bourdieu (1983) pode ser considerado um dos autores que se dedicou a estudar a pluralidade de vivências da juventude. Para o autor, a palavra juventude não comporta a pluralidade de realidades distintas em que os jovens vivem, e defende que há pelo menos duas juventudes: a burguesa e a das classes populares.

Desta forma, o autor nos ensina que não se pode utilizar o termo de forma genérica, sem considerar que uma idade biologicamente definida e comum, pode não trazer os mesmos interesses, conflitos e realidades a todas as pessoas. Para o autor, os lugares sociais que os jovens ocupam são diferentes e, conseqüentemente, as condições de existência, experiências e o *habitus* não serão os mesmos para todos eles. Segundo Bourdieu:

³ A linha de pesquisa foi criada em 1997 e a partir do ano de 1998 iniciaram as publicações. A UNESCO disponibiliza uma listagem com o título das 25 pesquisas desenvolvidas sobre juventude. A partir dos títulos das mesmas não é possível identificar alguma que aborde o tema da evasão ou do trabalho na vida dos jovens. Vale ressaltar que grande parte das publicações se voltam às questões relacionadas a educação (UNESCO, 2018).

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob forma de *habitus*. Os indivíduos "vestem" os *habitus* como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjunturalmente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para "guardar suas distâncias" ou para manipulá-las estrategicamente, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las (1983, p. 75).

Para o autor, *habitus* são definidos em decorrência da condição de classe, referindo-se assim tanto à classe quanto ao grupo. Tal aspecto nos ajuda a pensar a pluralidade de *habitus* que os diferentes grupos "jovens" podem comportar, como os da periferia, dos grandes centros, do interior, da zona rural, os de camadas médias, de camadas populares etc.

Para além do pertencimento à classe social, Abromovay e Castro (2015) defendem que a juventude, não seria somente uma, mas um conjunto diverso que compreende: "diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na nossa sociedade (p. 14)". Assim, a juventude seria, por definição, uma construção social e produto da mesma, "relacionada com formas de ver os jovens, inclusive por estereótipos, momentos históricos, referências diversificadas e situações de classe, gênero, raça, grupo, contexto histórico entre outras" (p.14). Abromovay e Castro (2015) ressaltam, dessa forma, que, ao se empregar o termo "juventudes" no plural, reforça-se, em primeiro plano, antes de apresentar suas especificidades e possíveis singularidades, "a existência de elementos comuns ao conjunto dos jovens" (P. 14).

Segundo as mesmas autoras, as diferentes juventudes são visíveis, referem-se a uma "realidade palpável que tem sexo, idade, raça, fases, uma época que passa, cuja duração não é para sempre, ou seja, uma geração. Dependem fundamentalmente, de suas condições materiais e sociais, de seus contextos, de suas linguagens e formas de expressão" (ABROMOVAY; CASTRO, 2015, p. 14). Por fim, Abromovay e Castro (2015) ressaltam ainda a relevância dos jovens para o entendimento das transformações e funcionamento das sociedades modernas, visto que, quando se entende a juventude, se compreende a modernidade de forma ampla, abarcando seus espaços, vivências e instituições distintas, como por exemplo a arte, a educação, a cultura, o trabalho, o lazer e o consumo, entre outros.

1.2 A escola e o trabalho na vida dos jovens

Muitos jovens de camadas populares, ao chegarem ao ensino médio, já romperam com uma trajetória escolar familiar progressiva (LAHIRE, 2006; THIN, 1997) e trazem consigo o desejo de concluir a escolarização básica e ir além. Porém, suas expectativas são diversas e difíceis de serem contempladas de forma ampla pela escola. Na medida em que avançam nos estudos surgem novas demandas e obstáculos. Com isso, a possibilidade de alcançar mais oportunidades do que os pais e das que lhes foram apresentadas até o momento pode se tornar um fator positivo para que o jovem continue estudando. Entretanto, apesar de reconhecerem a necessidade de concluir o ensino básico, nem todos estão motivados a continuar os estudos, fruto, em muitos casos, da violência simbólica⁴ à qual foram submetidos ao longo dos anos (BOURDIEU, 1989) e das urgências da vida, como a necessidade de trabalhar.

Para discutirmos o papel do trabalho e dos estudos na vida do jovem precisamos levar em conta também as especificidades dos diferentes grupos juvenis; jovens de periferia e do centro, do interior e das grandes cidades, da zona rural e urbana, provenientes de regiões extremamente vulneráveis e de regiões com maior infraestrutura, de diferentes camadas sociais, gênero e cor. Assim, compreender as condições de existência e das diversas formas de vivenciar a juventude nos ajuda a entender como são construídas as relações dos jovens com a escola, com o trabalho e com a sociedade.

Os dados divulgados pelo IBGE (2019) por meio da síntese de indicadores sociais auxiliam na análise da qualidade de vida e dos níveis de bem-estar das pessoas, famílias e grupos populacionais, e ainda na efetivação de direitos humanos no Brasil. Esses dados divulgados anualmente nos permitem conhecer melhor o acesso da população aos diferentes serviços, bens e oportunidades. Esses indicadores contemplam a heterogeneidade da sociedade brasileira sob o cenário das desigualdades sociais e são importantes para situar esta pesquisa em um cenário amplo.

Selecionamos, portanto para este estudo, mais especificamente os resultados referentes ao abandono e atraso escolar de jovens com idade de 15 a 17 anos de todo o país.

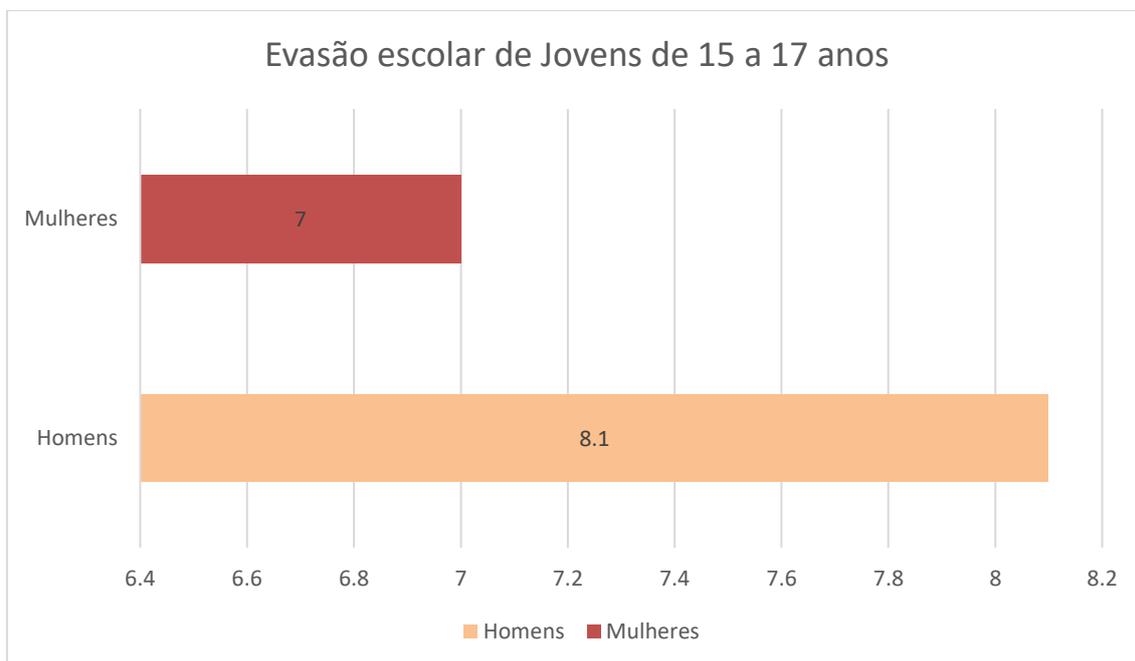
⁴ De acordo com Bourdieu (2003, p. 7-8) a Violência Simbólica é uma “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”.)

Segundo o IBGE (2019), o primeiro fator que influencia na evasão é a renda. 11,8 % dos jovens estudantes que abandonaram a escola sem concluir o ensino médio no ano de 2018 pertence às camadas mais empobrecidas da sociedade e o percentual de abandono e atraso escolar para os jovens mais ricos atingiu 1,4 %. Esses dados são referentes ao ano de 2018, quando o total de jovens em situação de abandono e atraso escolar no Brasil era de aproximadamente 737 mil pessoas. Comparando-se o percentual de evasão dos jovens de 15 a 17 anos entre as diferentes regiões do Brasil, a região Sudeste tem o menor índice (6%) ficando abaixo do percentual do país que é 7,6 (IBGE, 2019).

No Brasil, ainda é muito grande o número de jovens que estão fora do mercado de trabalho e da escola. Em 2019, o IBGE divulgou os dados referentes à Pnad Contínua coletados no ano de 2018, que revelam que, entre os 47,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos, 23% não estavam trabalhando e nem estudando, sendo que os homens apresentam o índice de 17,6% e as mulheres de 28,4% (IBGE, 2019) ou seja, existem muito mais mulheres longe da escola e do trabalho.

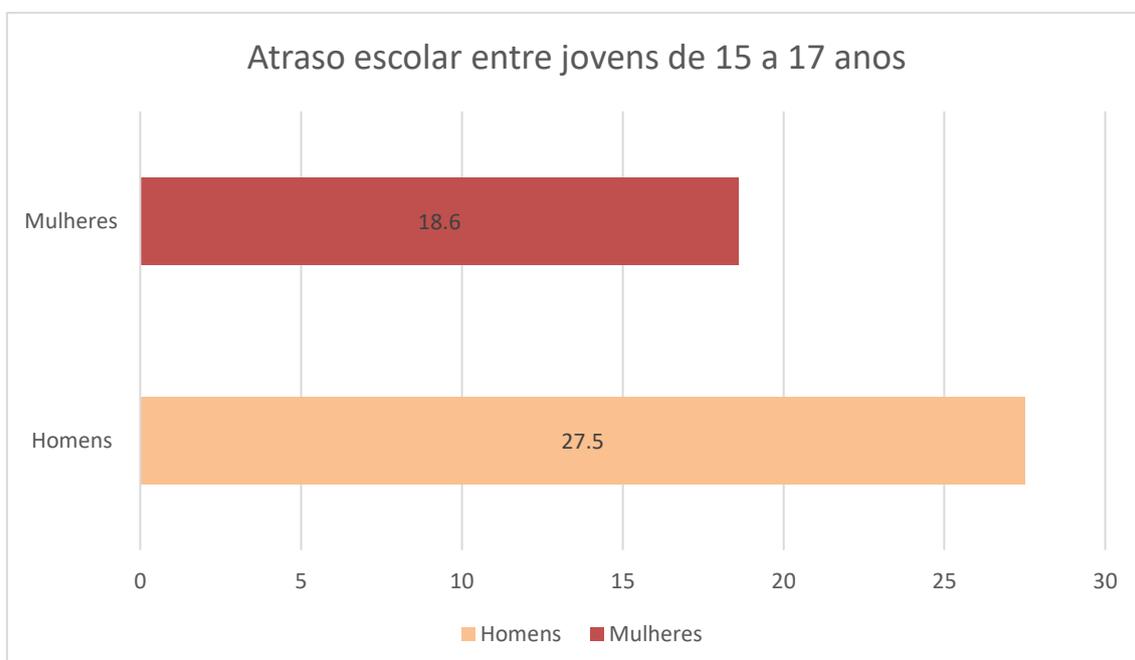
Tais resultados despertam indagações e reflexões sobre qual tipo de atividade elas estariam desenvolvendo, como, por exemplo, os serviços domésticos voltados para a própria família. Ao analisarmos os dados de evasão e atraso escolar por sexo entre jovens do país com idade entre 15 e 17 anos (Gráfico 1), percebemos que os homens têm percentuais maiores em ambos os casos, com 8,1% de evasão e 27,5% de atraso escolar. Enquanto as mulheres têm índices de 7,0% e 18,6% respectivamente. Verifica-se que, em se tratando de evasão, a diferença entre homens e mulheres é de 1,1%, uma diferença pouco discrepante se comparada com o fenômeno de atraso escolar que é de 8,9 % (Gráfico 2).

Gráfico 1: Evasão Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Homens e Mulheres



Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da Qedu (2019).

Gráfico 2: Atraso Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019- Homens e Mulheres

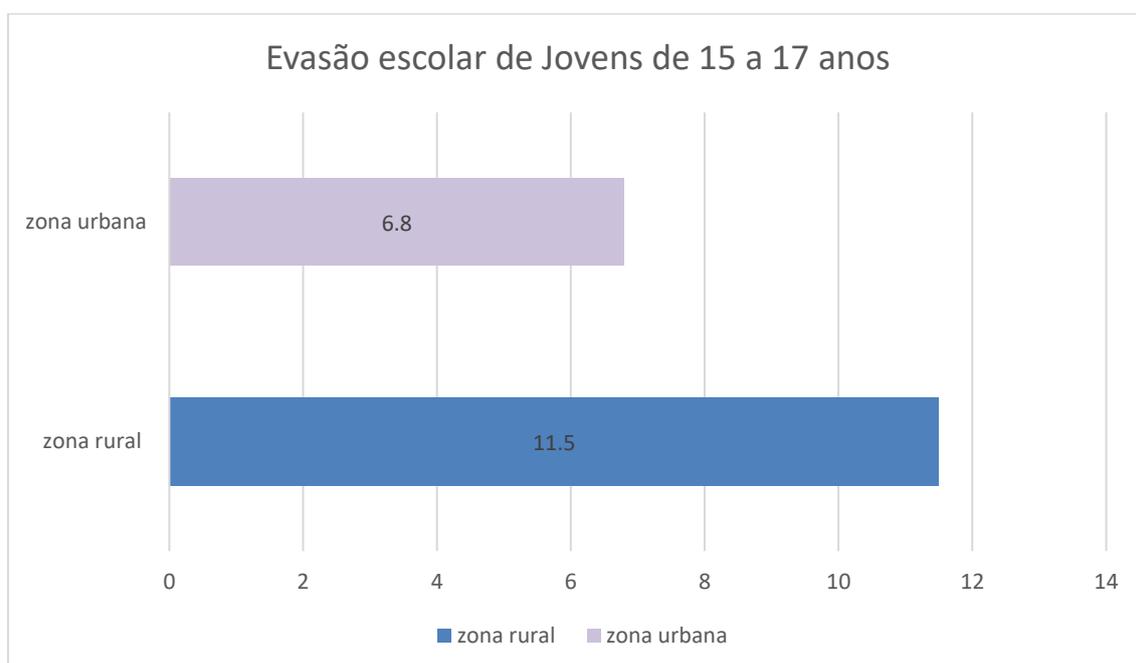


Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da Qedu (2019).

Além das desigualdades de gênero, há também diferenças alarmantes entre os jovens de áreas urbanas e das zonas rurais no Brasil. Dados do IBGE (2019) nos mostram que 77% dos estudantes de 16 anos das áreas urbanas concluíram o ensino fundamental e, apenas 66,4%, o ensino médio. Os índices caem quando verificamos as taxas referentes aos jovens da mesma idade na zona rural, em que 65,8% terminaram o ensino fundamental e 47,4% concluíram o ensino médio.

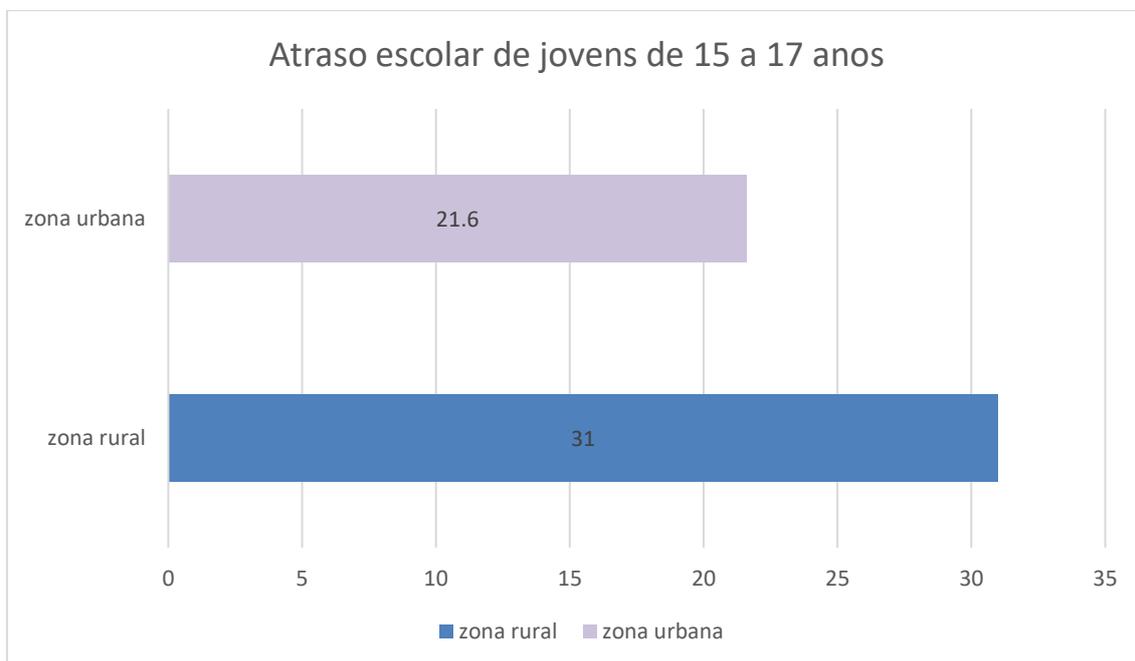
A desigualdade de escolarização entre os jovens das zonas rural e urbana são evidentes. Em conformidade com os dados presentes nos Gráficos 3 e 4, nota-se que tanto a evasão quanto o atraso escolar são mais presentes na zona rural que na zona urbana. O que nos permite inferir que os jovens pertencentes à zona rural encontram maiores dificuldades de permanecerem na escola e concluírem a educação básica.

Gráfico 3: Evasão Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Zona Urbana e Zona Rural



Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da Qedu (2019).

Gráfico 4: Atraso Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Zona Urbana e Zona Rural



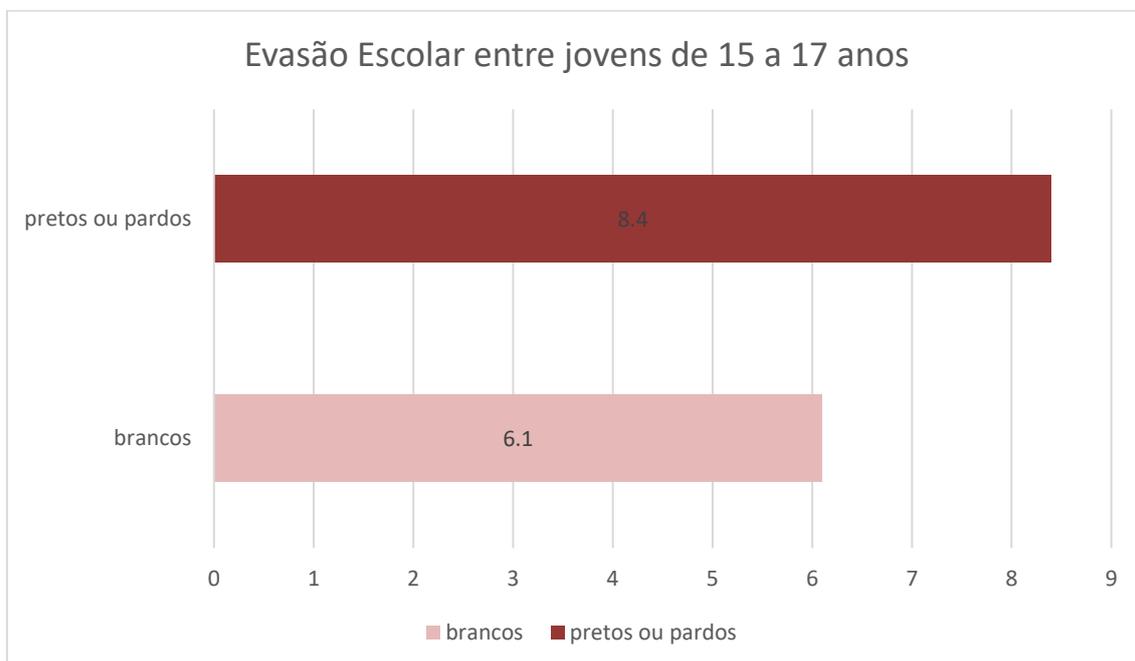
Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da Qedu (2019).

Os dados referentes a cor ou raça Gráficos 5 e 6) também tornam-se relevantes de serem apresentados nesta pesquisa, cujos dados evidenciam que no ano de 2018 os jovens de 15 a 17 anos no Brasil, pretos ou pardos (8,4%), estavam com situação de evasão escolar maior que os brancos (6,1%), além de estarem com taxas maiores também em relação ao atraso escolar (26,7%) comparados aos jovens estudantes brancos que atingiram o índice de 17,4 %.

Ao serem analisados mais detalhadamente, tais dados revelam outras desigualdades. Por exemplo, ao comparar as raças autodeclaradas observamos que a grande maioria dos que concluíram o ensino fundamental (82,5%) e o ensino médio (73,6%), se declaram brancos (IBGE, 2019). Ou seja, a evasão e o abandono escolar⁵ estão mais presentes na zona rural e entre os não brancos.

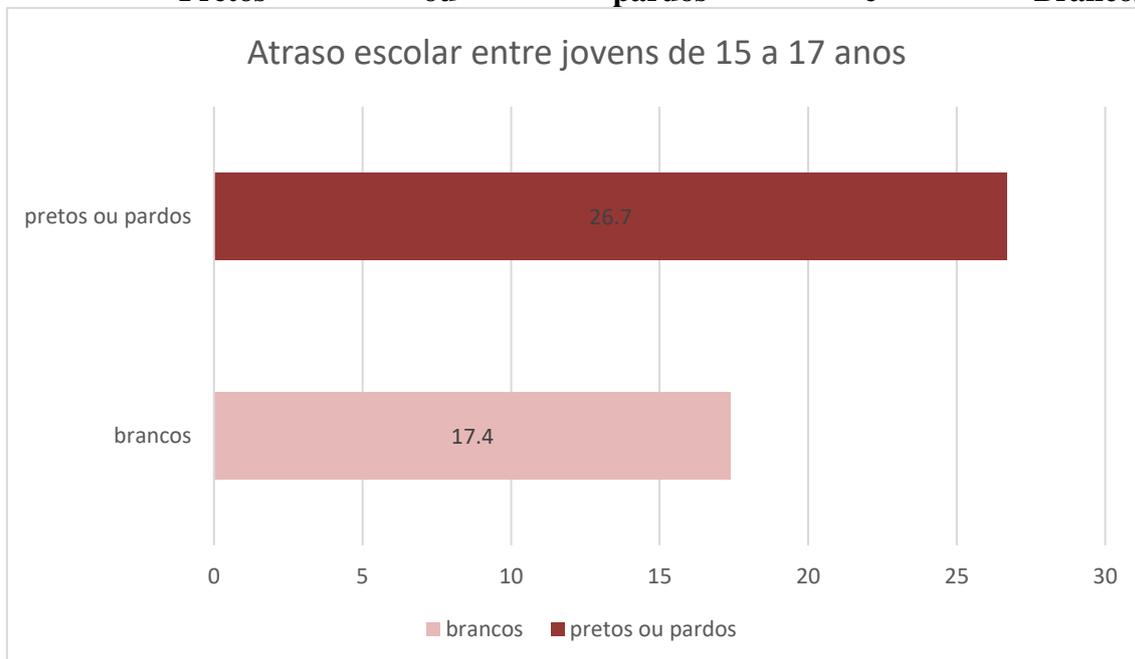
⁵ Antes de tratarmos de evasão escolar é necessário que se pontue a dificuldade de definição de evasão e abandono escolar, isso se dá em decorrência de diferentes interpretações acerca da temática. Os autores Silva Filho e Barbosa (2015) trazem uma discussão sobre as distintas definições acerca do tema. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP 1998) utilizou da diferença entre os dois termos. A evasão estaria relacionada a desistir, não permanecer na escola e o abandono por sua vez seria a situação em que o aluno retorna posteriormente. A adoção pela conceituação utilizada pelo INEP nesta pesquisa visa facilitar o entendimento, visto que a definição é objetiva ao mesmo tempo em que os dados obtidos por meio de publicações do IBGE e órgãos oficiais aderem a mesma conceituação acima citada. Entretanto, existem autores como Ferreira (2013), Machado (2009), Steinbach (2012) e

Gráfico 5: Evasão Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Pretos ou pardos e Brancos



Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da Qedu (2019).

Gráfico 6: Atraso Escolar de Jovens com Idade entre 15 e 17 Anos no Brasil em 2019 – Pretos ou pardos e Brancos



Fonte: elaborado por Mônica da Silva Rosa, com base nos dados da Qedu (2019).

Pelissari (2012) também discutem os temas da evasão e abandono escolar e apresentam definições distintas das que foram citadas e adotadas nesta pesquisa.

Os dados acima apresentados servem para ilustrar as especificidades de determinados grupos juvenis. Poderíamos contrapor ainda os estados, regiões e, dentre esses, elencar mais fatores que impossibilitam que os estudantes prossigam estudando, como a questão da gravidez na adolescência - dado divulgado no ano de 2019, que revelou que 30% de jovens mulheres que são mães, com idade até 19 anos não concluíram o ensino fundamental no país (IBGE, 2019).

Tal exposição nos ajuda a inserir a pesquisa em um cenário mais amplo, para além do estado de Minas Gerais, e nos leva a pensar em um perfil do estudante em maior vulnerabilidade. Ou seja, os dados referentes à renda, sexo cor ou raça nos permitem estabelecer um perfil que retrata quais são os jovens que deixaram a escola e os que mais estão atrasados em relação à idade-série: trata-se de um jovem do sexo masculino, com baixa renda, preto ou pardo e morador da zona rural.

As experiências individuais originam as motivações pelas quais os jovens interrompem seus estudos e, mesmo que se tente elencar os possíveis motivos para a evasão, a realidade é muito mais complexa do que o pesquisador apreende. Neste estudo, o trabalho é uma das categorias centrais de análise, porque está presente na vida de grande parte de jovens estudantes e, especificamente, daqueles que foram ouvidos no processo de investigação. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), coordenado no Brasil pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), divulgou no ano de 2017 que o Brasil estava entre os seis países com maior número de estudantes entre os 15 e 16 anos no mercado de trabalho, faixa etária considerada regular para a conclusão do ensino fundamental e início do ensino médio (INEP, 2017).

Embora seja alta a participação desta parcela da população no mercado de trabalho, em tempos de crise, o desemprego afeta principalmente os jovens. Dados divulgados pelo IBGE, em abril de 2019, apresentaram uma taxa de desemprego de 27,3% entre os jovens, referente ao primeiro trimestre do ano de 2019. Esse dado chama atenção que para o fato desta taxa estar acima do dobro da taxa média nacional (para todas as idades acima dos 15 anos), de 12,7%, também divulgada pelo IBGE (IBGE, 2019). Nota-se assim, que quando o recorte se dá pela faixa etária, os jovens são o grupo que apresenta maiores índices de desemprego no país.

Ainda sobre a questão do trabalho entre os jovens faz-se mister trazer as contribuições de Pais (2001) para pensar em quais empregos e tipos de ocupação os

jovens conseguem se inserir. Conforme o autor, trata-se trabalhos provisórios, precários e que não trazem estabilidade, visto que são na maioria das vezes transitórios. Essa rotatividade no mercado de trabalho da *geração ioiô*, assim denominada por Pais (2001), faz com que algumas trajetórias juvenis sejam marcadas por essa instabilidade, e por uma busca constante de inserção no mercado de trabalho considerado saturado e de difícil acesso (PAIS,2001).

Na mesma linha de pensamento de Pais (2001), Dayrell e Jesus (2016) chamam atenção para o fato de que as “pesquisas com jovens das camadas populares brasileiras evidenciam que é comum a iniciação ao trabalho ocorrer ainda na adolescência, por meio dos mais variados “biscates”, numa instabilidade que tende a persistir ao longo da juventude (DAYRELL e JESUS, 2016)” e ressaltam que, embora existam diferentes formas do jovem se inserir no mercado de trabalho, como, por exemplo, através do Programa Jovem Aprendiz⁶, as oportunidades são raras, “[...] entre os jovens brasileiros de modo geral, a idade de entrada no mercado de trabalho é fortemente marcada pelas desigualdades sociais, sendo muito mais precoce entre os jovens das famílias mais pobres” (DAYRELL; JESUS, 2016).

Para a compreensão de diferentes trajetórias e identidades juvenis, também é importante considerar os momentos de passagem, fatos que marcam a transitoriedade para a vida adulta. Ao pensar a condição juvenil atualmente, é importante salientar que esses ciclos são distintos, e que, para alguns jovens, esses momentos podem não estar totalmente definidos, o que Pais (2001) nos apresenta como *as trajetórias não lineares*. Os ritos de passagem e acontecimentos que se tornam marcos para finalizar um ciclo e iniciar outros não são, de fato, totalmente fechados, como é o caso do término dos estudos para início das atividades no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais, a independência em relação aos mesmos.

Pais (1990) demonstra que tanto o contexto histórico como o social marcam a juventude por certa instabilidade proveniente de problemas sociais. Sendo assim, muitos foram taxados como jovens desinteressados e irresponsáveis quando não foram capazes de superá-los.

⁶ O programa jovem aprendiz é um projeto do governo federal criado a partir da Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/00) com o objetivo de que as empresas desenvolvam programas de aprendizagem que visam a capacitação profissional de adolescentes e jovens em todo o país.

O adulto é aquele que contrai obrigações ocupacionais, conjugais, ou familiares ou habitacionais. Quando os jovens conseguem responder a essas obrigações e responsabilidades eles vão apoderando-se do status de adulto (PAIS, 1990, p.141).

Ainda conforme Pais (1990), historicamente, os problemas que afetavam a juventude eram decorrentes da sua dificultosa inserção destes no mundo do trabalho. Trazendo assim, para exemplificar a crise de emprego que se estendeu durante toda a Europa Ocidental após a segunda guerra mundial (PAIS, 1990, p. 141), apesar de não tratar dos tempos atuais e propriamente da realidade brasileira, Pais nos ajuda a refletir a respeito das dificuldades encontradas por jovens que não conseguem se inserir no mundo adulto devido ao desemprego. Essa barreira se encontra presente nas estatísticas oficiais tornando o desemprego juvenil um dos traços marcantes em nossa sociedade (PAIS, 1990,142). Se o jovem não tem emprego dificilmente terá acesso à habitação, o que o leva a permanecer na casa dos pais, mesmo que já esteja casado, e a não assumir novas responsabilidades que são consideradas necessárias para se tornar adulto.

Apesar das modificações sofridas ao longo do tempo e do desenvolvimento tecnológico das sociedades industriais, as camadas juvenis estariam desqualificadas e também sofreriam com questões de ordem sociopolíticas, visto que longos períodos de desemprego poderiam estar ligados aos comportamentos considerados “agressivos” ou “marginais” deste grupo etário. Pais chama atenção para o pessimismo observado na década de 90 que também se reflete em discussões científicas relacionadas à juventude e questiona se este não seria um reflexo que perdura e atravessa gerações. (PAIS,1990, p.144).

Cabe pontuar que a qualificação formal, escolarizada pode não estar presente na realidade de muitos jovens, bem como pode não ser por eles almejada. Dominar determinada prática e se aperfeiçoar pode ser um processo não escolarizado e ser também motivo de orgulho e vaidade para muitos jovens e famílias, principalmente os das camadas populares.

Assim, há também o trabalho como o conhecimento sobre determinada prática, o saber fazer que às vezes se sobrepõe às teorias apresentadas nas escolas que, em muitos casos, podem se tornar vazias de sentidos. Paul Willis nos ajuda refletir sobre o conhecimento prático presente no chão da fábrica, e sobre como a cultura contra escolar se torna uma forma de resistência dos que acreditam e detém o conhecimento do saber fazer.

O trabalho não é uma atividade humana universal, imutável e trans-histórica. Ele assume formas e significados específicos em diferentes tipos de sociedade. Os processos através dos quais a força de trabalho vem a ser entendida subjetivamente e objetivamente aplicada e, suas inter-relações são de profundo significado para o tipo de sociedade que é produzida e para a natureza da formação particular de suas classes. Esses processos ajudam a construir as identidades de indivíduos particulares, assim como formas distintas de classe tanto nos níveis cultural e simbólico, quanto nos níveis econômico e estrutural (WILLIS, 1991, p. 12).

Desta forma, segundo Willis (1991), o trabalho não é apenas uma ocupação. No processo de construção de identidade, fazer parte da força de trabalho é “elemento importante” na socialização e na sociabilidade, é uma conexão ativa com o mundo.

Entretanto, Willis (1991) também aponta para a necessidade de dinheiro imediato para as famílias de camadas populares. A fuga da escola, a necessidade de ganhar dinheiro e a “solidariedade cultural entre os homens” em meio a risadas e brincadeiras seriam sedutoras (Willis, 1991, p.130). Ao retratar as experiências dos jovens na cultura contra escolar, o autor revela o mundo do trabalho que “não é feito tendo em vista a edificação cultural. O trabalho é realizado dentro do contexto específico da necessidade de dinheiro e trabalhado e explorado dentro daquele contexto. A própria maneira de abordar o mundo do trabalho nessa fase reproduz uma de suas propriedades características- o reino do dinheiro” (p. 58).

A questão do trabalho manual e do gênero também aparecem na obra de Willis (1991), ao afirmar que, para os filhos de operários investigados o trabalho “está revestido de qualidades masculinas e adquire certas conotações sensuais para os ‘rapazes’”. A dureza e a dificuldade da atividade laboral e do esforço físico – em si mesmo e na divisão do trabalho e por causa de sua lógica estritamente capitalista” (p.186), dando brilho e importância revestidos de masculinidade, à prática laborativa. Com isso, mesmo que o trabalho não tenha o atributo de “heroísmo ou grandeza intrínseca”, acaba ainda assim, garantindo relevância para muito além do “trabalho em si”. Tem-se, desse modo, uma ressignificação da atividade que surge a partir do patriarcado, sendo capaz de transformar a insatisfação com o trabalho e de convertê-la e desviá-la “na direção do campo simbólico sexual (p. 186)”.

Os conformistas estariam assim, pensando a longo prazo e por este motivo, aceitam a escola e o trabalho como são. Se esforçam para que consigam atingir os “objetivos oficiais da escola”, assim, também estariam mais preparados para o trabalho.

De modo similar, Willis (1991) compreende a experiência vivida na cultura contra-escolar como aquela que tornará a transição para o mundo do trabalho “mais suave”. Transição essa que produzirá desejos que poderão ser supridos com um rendimento econômico, levando os rapazes a aproveitarem o momento presente, em que podem consumir o que quiserem, além de passarem a conviver com pessoas mais velhas e de estarem em condições mais severas, próprias do homem que trabalha (p. 139).

Ao voltarmos nosso olhar para esse grupo geracional, temos a possibilidade de somar essas diversas classificações que vão sendo a eles atribuídas - jovens, filhos, trabalhadores, estudantes, brancos ou não, de zona rural ou urbana - a tantas outras em que ainda podem se enquadrar. Percebemos, assim, como constroem suas identidades, tanto individuais quanto coletivas, e, por isso, não nos é possível cerrar as fronteiras dos ciclos pelos quais eles passam, podendo estes jovens estarem caracterizados por diferentes situações ao mesmo tempo.

As diversidades, desigualdades e diferenças existentes na juventude contemporânea nos levam a pensar sobre a importância das origens desses jovens nas suas escolhas. A família é uma instituição fundamental na formação e no processo de socialização dos jovens, assim como a escola. A transmissão e as trocas intergeracionais ocorridas no núcleo familiar criam disposições e contribuem para a inserção do jovem na sociedade e no mundo do trabalho. Por isso, pensando na importância da família e da transmissão intergeracional, dedicamos o próximo item à discussão sobre a família, o processo de socialização e a escola nas camadas populares.

1.3 A família como espaço de socialização: Aprendizado e transmissão intergeracional

Conhecer a realidade das famílias e das suas práticas sociais nos permite um aprofundamento sobre a juventude nas camadas populares. As formas de organização familiar sofreram alterações com o passar do tempo e voltar o olhar para a família é um meio recorrente para se entender fenômenos sociais ligados à escolarização de crianças, adolescentes e jovens. Por isso, a família deixa de ser um pano de fundo desses fenômenos sociais e ganha destaque no desenvolvimento das pesquisas no campo da sociologia da educação.

Para Sarti (2004) “a família se delimita, simbolicamente, a partir de um discurso sobre si própria, que opera como um discurso oficial”. A formulação discursiva por meio do qual a família se expressa é singular, e... “Os mitos familiares, expressos nas histórias contadas, cumprem a função de imprimir a marca da família, herança a ser perpetuada” (SARTI, 2004, P. 14).

Ao estudar as famílias trabalhadoras Sarti (1994) investiga a moral dos pobres em São Paulo e aborda a ética do trabalho no contexto familiar. Para ela, as práticas de trabalho, do saber fazer, do desempenho de determinado ofício passado de geração em geração confere dignidade à família em se sustentar.

Ao desenvolver seu estudo a autora analisa como as famílias da periferia se organizam em relação ao desempenho de atividades de trabalho com papéis previamente definidos. As questões relacionadas à moralidade dos pobres servem de conforto e fazem um “retradução” para o mundo “não-capitalista” em que estão inseridos pois, por não terem condições materiais de estarem ativamente inseridos no mundo capitalista, os mais pobres criam discursos avessos, dando centralidade a questões valorativas e subjetivas para se sentirem existentes.

Além de considerar as questões objetivas e subjetivas relacionadas às heranças familiares, a autora também situa as famílias em um contexto físico e social. Para Sarti (1994), as hierarquias do mundo social que estão materializadas na cidade refletem as condições sociais dos que ali habitam. A periferia não se constitui somente dos bairros pobres, mas dos bairros dos pobres. Por isso, morar em tais localidades delimita uma identidade social expressa pelos moradores (SARTI, 1994, p. 186-87).

A pobreza não se restringe a não possuir “riqueza, poder e prestígio”, tal “condição social” é marcada pela apreensão de uma codificação moral que se difere da lógica de mercado dominante na sociedade capitalista. Assim, por meio dos valores do trabalho e da família é criada a linha fronteira do mundo dos pobres e trabalhadores e os percalços que estes enfrentam na sociedade capitalista se convertem em valores de ordem não-capitalista na qual “sua existência faça sentido” (SARTI, 1994, p.187).

A família não se restringe a um somatório de indivíduos. A mesma autora esclarece essa ideia quando apresenta a família como um “mundo social” capaz de comportar relações que são “potencialmente equitativas”, mas, e devido à sua função socializadora dos menores, tal relação implica em exercício de autoridade. A família é,

portanto, “um mundo de relações recíprocas, complementares e assimétricas” (SARTI, 2004, p.18).

Ao analisar a importância da família para os jovens a autora aborda a capacidade e possibilidade que estes têm de “manter o eixo de referências simbólicas” representados por esta família da qual fazem parte. Ou seja, “como lugar de apego, de segurança, como rede de proteção” (SARTI, 2004, p. 21).

Para além das referências simbólicas, da segurança e da proteção que o grupo familiar oferece (ou deve oferecer), as relações familiares também trazem dissonâncias. É na família que as relações assimétricas de poder se concretizam, criando tensões, conflitos, transmissão e também aprendizado. Por isso, ao pensarmos as relações familiares precisamos reconhecer a complexidade da transmissão geracional no grupo.

Ao discutirmos as transmissões geracionais enfrentamos questões relacionadas a “disputas, alianças, rupturas e continuidades” que as perpassam. Segundo Tomizaki (2010), mais do que ficar restrito a apontamentos de rupturas, separação e sobreposição de um grupo em relação ao outro, é de extrema importância aprofundar a análise de maneira atenta e cuidadosa nas “formas e intensidades” nas relações geracionais (TOMIZAKI, 2010, p.329).

Em sua pesquisa de doutoramento a autora nos mostra que a socialização é um dos processos que permeia as relações geracionais. Os processos socializadores criam um espaço comum entre as gerações, uma intersecção, tornando possível as transmissões. Para a autora:

Transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua herança, que pode ir dos bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos, bem como pode ser pensada tanto no plano das microrrelações sociais (como as familiares), quanto em uma dimensão macrossocial (como os sistemas previdenciários, regulados pelo Estado) (TOMIZAKI, 2010, p.329).

Deste modo, reconhecendo educação e gerações como realidades distintas, elas se ligam pela necessidade das transmissões que cada geração traz aos seus sucessores, visando transmitir tudo que seja considerado relevante para a preservação de sua herança (simbólica e material) e, conseqüentemente, dando continuidades ao processo de

transmissão. Há também a avaliação do que deve ou não continuar sendo transmitido aos seus sucessores (TOMIZAKI, 2010, p. 330).

A autora ressalta a necessidade de definição do que é geração, pois, segundo ela, as pesquisas que envolvem o tema estão imersas em uma problemática de imprecisão conceitual. Os estudos que começaram a dar ênfase às temáticas de relações entre as gerações têm registros de início no século XIX. Nas ciências sociais o tema foi introduzido por ensaios teóricos no início do século XX, tendo destaque François Mentré (1920), José Ortega y Gasset (1926) e Karl Mannheim (1928), que no seu ensaio *Das problem der generationen* buscou constituir a teoria das gerações. Até os dias atuais Mannheim ocupa papel de destaque nos estudos sobre gerações, sendo considerado um dos pesquisadores mais relevantes no campo sociológico.

Para Tomizaki (2010),

Mannheim defendia que o fenômeno geracional deveria ser concebido como um tipo particular de situação social, e, portanto, somente a abordagem sociológica poderia dar conta de interpretá-lo em sua complexidade. Para delimitar quais são os fatores estruturais do fenômeno geracional, o autor propõe, em seu texto, uma “experiência mental”, um exercício de imaginação que partiria da seguinte indagação: como seria a vida social se uma geração vivesse eternamente e jamais fosse substituída por outra? (TOMIZAKI, 2010, p. 330).

Assim, os questionamentos sobre os desafios presentes pela sucessão geracional tornam-se marcantes nas sociedades humanas, em contraponto a uma sociedade imaginária. As mudanças sociais também transformam as relações humanas e, deste modo, os ritmos históricos de sucessão das gerações se dissociam dos períodos e intervalos de tempo regulares. A mudança social ganha relevância para pensar a formação e sucessão das gerações (TOMIZAKI, 2010, p. 330-331).

Consequentemente, o surgimento de novas gerações não decorre do nascimento de pessoas na mesma época. Apesar da contemporaneidade constituir situações que seriam potencializadoras de uma mesma geração, somente esse fator não seria capaz de explicá-la. Leva-se em conta também a concretude pela sucessão biológica, que se efetiva em concordância com a constituição de uma situação “material e simbólica” que criaria então, o pertencimento coletivo (TOMIZAKI, 2010, p. 332).

Assim, estudar a juventude e buscar conhecer a influência dos que antecederam essa geração nos auxilia a entender o processo de socialização familiar e a construção de sua identidade, bem como sua relação com a escola e o trabalho.

Ter o foco na família parece reduzir a um espaço pequeno o contexto a ser analisado, mas entender a lógica, o papel e a ética do trabalho para as famílias tornaram-se um aspecto fundamental para a compreensão da dimensão do trabalho na vida dos jovens que colaboraram com esta pesquisa. Elias (1994) nos ajuda a compreender a importância da atenção a pequenas unidades de análise, de partirmos da microanálise para a compreensão e exploração de minúcias, o autor declara assim que:

Estudar os aspectos de uma figuração universal no âmbito de uma pequena comunidade impõe a investigação algumas limitações óbvias. Mas também tem suas vantagens. O uso de uma pequena unidade social como foco de investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável – microscopicamente, por assim dizer. Pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal – um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala. (ELIAS, 1994 p.20).

O meio familiar de origem, em particular em sua dimensão sociocultural, é um elemento importante na discussão sobre a relação família-escola e processos socializadores. Entretanto, os processos não são idênticos e é preciso, também, chamar a atenção para a dinamicidade social na qual os indivíduos se encontram, e, assim, pensar a família nesse contexto. Para isso, torna-se mister considerar a família como meio que promove a socialização primária do indivíduo e que, conseqüentemente, o impregnará de várias características, valores e crenças, as quais carregará durante sua vida, como nos confirma Lahire (2005).

A família,⁷ na maioria dos casos, é o primeiro espaço de socialização dos indivíduos, conhecimentos, experiências e aprendizados passados de geração para geração se somarão com outros em decorrência das diversas relações estabelecidas durante a vida.

Para Sarti “a família se delimita, simbolicamente, a partir de um discurso sobre si própria, que opera como um discurso oficial” (2004, p. 14). A formulação discursiva por meio da qual a família se expressa é singular. “Os mitos familiares, expressos nas histórias

⁷ Não se pretende levantar uma discussão se as famílias conseguem de fato cumprir esse papel e sim apresentar a família como um importante agente de socialização, de forma mais ampla e geral.

contadas, cumprem a função de imprimir a marca da família, herança a ser perpetuada” (SARTI, 2004, p. 14).

Observa-se, portanto, que a socialização familiar não é impermeável às influências de outros grupos e agentes. Tanto na família quanto na escola, os indivíduos estão submetidos a outras agências socializadoras como a mídia e os diferentes meios de comunicação e interação das grandes redes. No entanto, a comunidade, as tradições e religiões que são passadas de geração em geração também influenciam na formação do indivíduo. Nesse sentido, Lahire (2005) chama atenção para os mapas mentais que vão sendo construídos no processo de socialização primária e que no contexto desta pesquisa se tornam relevante para observar como interferem na constituição desses jovens enquanto sujeitos sociais.

Na mesma direção de Lahire, Sangly (2009) revela que ao ter contato com outras esferas de socialização o indivíduo vai sofrer interferências que podem influenciar na modificação e na apropriação das heranças constituídas na socialização primária. E é justamente nessa relação com outras esferas socializadoras que se constitui o sujeito social, em um processo contínuo que engloba as vivências e experiências que se modificam ao longo do tempo. Assim, apesar de carregamos ao longo da vida ensinamentos provenientes da criação que tivemos, o contato com outras pessoas e outras agências socializadoras fazem parte da nossa vivência.

François Dubet e Bernard Lahire são dois pensadores estudados por Setton (2005) que trazem importantes contribuições para se compreender o processo socializador na modernidade. Dubet, no livro *Sociologia da experiência* (1996), aponta a experiência social como uma maneira de construir o mundo. Para o autor, o indivíduo não está inteiramente socializado, não porque lhe preexistam elementos “naturais” e irreduzíveis, mas porque a ação não tem unidade, não é redutível a um programa único (DUBET, 1996, p.343). Já Bernard Lahire (1997) afirma que: “entre a família, a escola, os amigos e/ou as múltiplas instituições culturais com quem ou em que a criança e o jovem são levadas a conviver, apresentam-se situações heterogêneas, concorrentes e às vezes contraditórias, no que se refere aos princípios da socialização” (p.334). As colocações dos autores nos mostram que o campo da educação é complexo e plural e as teorias nos ajudam a compreender como esses processos vão se constituindo ao longo do tempo em diferentes espaços e grupos.

Segundo Setton (2010) as práticas de cultura têm origem nos processos socializadores. Com base em Bourdieu (2002) a autora utiliza três eixos para desenvolver

tal ideia: o primeiro deles é a socialização, seguido do conceito de *habitus*, que permite que as práticas sejam observadas como expressividade dos indivíduos e por último trabalha com a noção de distinção, visto que esta possibilita a compreensão das práticas, que não somente integra os agrupamentos sociais mas também o classifica de forma hierárquica (SETTON, 2010, p.19)

Desta forma “as práticas de cultura, suas estratégias de sociabilidade e controle seriam veículos pelos quais os indivíduos e os grupos se manteriam coesos ou se dissociariam em função da transmissão, comunhão ou diferenciação de sentidos” (SETTON, 2010, p.20).

A escola é analisada pelos autores utilizados nesta dissertação como um dos espaços mais importantes de socialização. Daniel Thin (2006) reflete sobre a escola como um local de organização social, como um espaço de socialização complexa, em que o jogo social antecede a ação individual.

A forma escolar é, antes de tudo, caracterizada por um espaço e um tempo específicos. A socialização opera-se, então, fora da vida social comum, num espaço fechado e resguardado dos olhares “não-pedagógicos”. Esse é o princípio do enclausuramento escolar. A socialização ocorre fora das temporalidades da vida social, segundo ritmos que são próprios da escola e que se baseiam no princípio de um emprego bem estruturado do tempo, deixando o mínimo de tempo possível para o tempo livre de toda rotina e de toda atividade escolar ou educativa (THIN, 2006, p.216).

O excerto da obra de Thin (2006) chama a atenção para a complexidade de se pensar em fatores intra e extra-escolares ao analisar as escolas e sua interface com as desigualdades sociais e/ou econômicas. Daí a importância de se pensar as motivações dos jovens que estão na escola e as dinâmicas da vida social que se encontram do lado de dentro dos muros da escola. Isso porque as dificuldades do mundo da vida acompanham os jovens na sala de aula.

A partir do momento em que se tem sensibilidade para lançar um olhar reflexivo sobre essas realidades e experiências, o pesquisador tem a possibilidade de analisar o fenômeno sem generalizar ou fazê-lo de forma superficial, desconsiderando as especificidades que o campo oferece.

Logo, as especificidades são próprias de cada situação e cada contexto. Os elementos que a explicam e a compõem estão dispersos em várias áreas e circunstâncias

da vida do ser social que é, ao mesmo tempo, aluno (DAYRELL, 2003). As desigualdades sociais, desta forma, são refletidas também dentro da escola, visto que a bagagem que os estudantes carregam consigo para a sala de aula vai muito além das mochilas que eles levam nas costas. Suas experiências, vivências, o capital cultural herdado dos pais, sua cor e gênero também o compõem em sua totalidade.

Deste modo, as situações que envolvem os jovens que frequentam a escola, principalmente no período de transição para o ensino médio, são de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Leão; Dayrell e Reis (2011) chamam atenção para as dificuldades de identidade do ensino médio e também para os projetos de vida destes jovens justamente neste período em que encerram uma fase no processo de escolarização e iniciam outra, como propõem no seguinte excerto:

Há uma permanente tensão entre formação geral e/ou profissional, ensino propedêutico e/ou técnico, que diz respeito ao papel da escola média como etapa final do ensino básico e sua relação com o mercado de trabalho, com o ensino superior e com a formação pensada em termos mais amplos, relacionada às noções de autonomia e cidadania (LEAO; DAYRELL; REIS, p.256).

As expectativas em relação ao início de uma nova etapa do processo de escolarização se somam a expectativas também relacionadas ao futuro. Muitos veem nos estudos possibilidades de ascensão social, melhores condições de vida e de conseguirem ocupações diferentes daquelas de seus pais, por exemplo. De modo mais específico, buscamos, nesta pesquisa, observar como essa transição ocorre na vida de jovens de camadas populares e como as experiências familiares estão presentes e interferem nos planos para o futuro.

Portes (2000) nos ajuda a refletir sobre as práticas educativas das camadas populares que ocorrem de acordo com o perfil de cada família. Famílias que são marcadas pela falta de conhecimento do sistema escolar com condições financeiras pouco favorecidas. Aprofundando a discussão referente ao capital social e financeiro das famílias que herdaram de seus ascendentes e transmitem aos seus descendentes, Portes nos ajuda a pensar sobre os esforços do grupo e dos próprios jovens de camadas populares para garantir uma vida escolar longa.

Na mesma direção que Portes (2000), Leão e Dayrell (2011) também defendem que a escola e o processo de escolarização são revestidos de significados, expectativas e abarcam diferentes possibilidades para os jovens, cada um com suas ambições e

perspectivas de vida e de futuro, variando de acordo com a camada social à qual pertencem. Esses fatores nos levam a reflexões sobre o desafio de estudar as motivações e influências que os jovens de camadas populares estão imersos, fazendo com que estes prossigam ou interrompam seu processo de escolarização.

Para entrarmos nesse campo de discussão sobre os projetos de vida, nos apropriamos aqui das contribuições de Leão; Dayrell e Reis (2011) que nos ajudam a pensar o ensino médio não como uma fase transitória, que liga o jovem ao mercado de trabalho, a vida como uma “ponte” para a vida adulta e/ou para o mercado de trabalho por exemplo. O presente constitui-se, portanto, em fase de estágio de preparação para o futuro e de construção de projetos de vida e a definição de si mesmo (LEAO; DAYRELL; REIS, p. 1071)

Com isso, corre-se o risco de inserir o jovem em um contexto fortemente meritocrático, tornando-o, o único responsável por seus resultados futuros. A esse respeito, Leao, Dayrell e Reis enfatizam que:

[...] a inserção social dos jovens se consagra como resultado das capacidades individuais de elaborar um determinado projeto de vida e persistir no mesmo, tornando-se uma responsabilidade pessoal que vai explicar (e justificar) o lugar social que passará a ocupar quando adulto. Tal concepção, apesar de não ser mais hegemônica, encontra-se ainda presente no imaginário social contemporâneo, disputando com outros modelos e concepções. (LEAO; DAYRELL; REIS, p. 1071).

Podemos perceber, a partir do que os autores nos trazem, o imaginário social que responsabiliza os jovens pelo futuro, colocando-os em posição de únicos responsáveis por seus sucessos e fracassos. Tal pensamento torna-se uma forma de punição e autopunição por não alcançarem e corresponderem às expectativas geradas por outros e às que esses jovens projetaram para si.

O comprometimento com o futuro ou a falta de projeções e planos para o futuro podem fazer parte ou não da realidade e das preocupações presentes na vivência desses jovens. Assim, podem viver as inseguranças e expectativas de serem responsáveis e de investirem em seu processo de escolarização, dando a este um significado transformador. Do mesmo modo, podem não atribuir ao tempo de escolarização significados de construção de algo, tornando esta experiência presente apenas, corriqueira e ordinária. Se desde criança se vai à escola, espera-se que este comportamento se repita até que se complete os ciclos de escolarização, ensino primário, fundamental e médio, sem que se projete grandes expectativas.

Os esforços individuais para os jovens se manterem na escola é grande, especialmente se já vivenciam a realidade do trabalho no dia-a-dia, além dos desafios pessoais, como as mudanças e a transição para o ensino médio. Contudo, apesar das dificuldades, eles têm em comum o fato de acreditarem que por meio da diplomação poderão romper com um histórico familiar ou alcançar melhores oportunidades do que as que foram oferecidas aos seus pais e familiares (COUTRIM; CUNHA, 2011; DAYRELL, 2012; KRAWCZYK, 2003; ZAGO, 2012).

Assim, com base nos autores aqui trazidos, é possível observar que os processos de socialização não estão presos em uma forma ou em espaços fixos de tempo. Essas reflexões nos tornam mais abertos a pensar e a ter maior cuidado epistemológico na construção de nossos estudos, sendo possível, assim, perceber especificidades desse processo em diferentes contextos.

Viver entre o desejo de concluir os estudos e a necessidade de trabalhar é a realidade dos estudantes ouvidos nesta pesquisa. São rapazes e moças que, desde crianças, convivem com o trabalho nas lavouras de café durante um período do ano. Executam, portanto, uma atividade informal que traz rendimentos para a família, mas que também influencia no processo socializador das crianças e jovens que vivem no distrito analisado. Para conhecermos um pouco da vida desses jovens e o lugar em que vivem, no próximo capítulo, apresentaremos um panorama dessa realidade ao tratar do campo da pesquisa e da metodologia adotada.

2 CONHECENDO O CAMPO DA PESQUISA E OS RECURSOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

Neste capítulo, inicialmente será apresentado o distrito de São José do Triunfo, com informações pertinentes sobre a organização local e aspectos que julgamos relevantes para conhecer de forma mais abrangente o distrito em que a pesquisa se desenvolveu. Buscamos, com isso, levar o leitor a compreender o contexto em que o grupo de jovens aos quais este estudo se dedica vivem com suas famílias.

Em um segundo momento será feita a apresentação da escola na qual os jovens entrevistados se encontram matriculados, bem como as características e requisitos para a seleção dos jovens, pais e avós entrevistados. Por último, será explicitada a metodologia empregada na realização desta pesquisa.

2.1 O Distrito: a presença do café na história

O distrito de São José do Triunfo, também é conhecido pela população local como “Fundão”, por estar situado em uma depressão de terreno que era, inicialmente, uma fazenda de propriedade do agricultor José Lopes.

Por volta de 1650 (José Lopes), doou ao titular da capela, S. José, cerca de dois alqueires e meio de terra, área hoje conhecida por Patrimônio. Os filhos e herdeiros desse agricultor, por ato público, confirmaram tal doação e hoje as terras pertencem a paróquia de Sta. Rita de Cássia, de Viçosa (PINTO, 1963, p. 18).

Conforme mencionado anteriormente, o distrito está a uma distância de 8 km do centro da cidade de Viçosa-MG. Os dados mais recentes sobre a cidade de Viçosa apresentados pelo IBGE apontam uma população estimada de 78.286 habitantes no ano de 2018 (IBGE, 2019). Cabe ressaltar que uma parcela dessa população é flutuante e, de acordo com documentos divulgados pela câmara Municipal de Viçosa, em 2016, esse grupo contabilizava aproximadamente 20 mil pessoas, sendo em sua maioria jovens que buscam na cidade a oportunidade de estudar (VIÇOSA, 2016).

A cidade de Viçosa surgiu, conforme dados e registros de 1.800, explicitados por Paniago (1990) a partir de um povoado. Esses registros revelam que o bispo de Mariana, Frei Cipriano, no dia 08 de março, autoriza o padre Francisco José da Silva, um dos

moradores do povoado, a construir uma capela em honra à santa de sua devoção, Santa Rita de Cássia, o que levou o lugarejo a, posteriormente ser reconhecido com o nome de Santa Rita. Este nome completou-se com o nome do rio que atravessava o lugarejo; o rio Turvo, passando então a chamar-se Santa Rita do Turvo (PANIAGO, 1990, p.27).

Ainda segundo a autora, não há registros de quando ocorreu a fixação do povoado neste território, crê-se que o seu desbravamento é decorrente do deslocamento de moradores de Ouro Preto, Mariana e Piranga que procuravam terras para agricultura. Segundo Paniago (1990), o que se conhece da história do surgimento da cidade foi obtido por meio dos registros de assentamentos paroquiais. No ano de 1814, havia indícios indígenas na região. Ao chegarem nas novas terras, os colonizadores encontram na região de Viçosa os índios da nação Puri, que com o branco e o negro comporiam a etnia dos viçosenses (PANIAGO, 1990, p.51).

Paniago revela que os registros de nascimento e óbito do Santuário de Santa Rita de Cássia demonstram que os negros chegaram à região de Viçosa como escravos, trazidos por seus senhores das regiões mineradoras. O registro mais antigo encontrado por Paniago é de 1815, no qual se constata que o principal grupo etnolinguístico era formado pelos negros Bantus.

Com o passar do tempo as lavouras cafeeiras instalaram-se na Zona da Mata com o ciclo do café. A esse respeito, Paniago comenta que:

[...] a agricultura baseada no trabalho escravo deixou de ser agricultura de subsistência para se tornar de exportação, embora continuando a ser feita nos moldes rudimentares de até então. O plantio do café morro acima é reminiscência do escravo Bantu, que ainda pode ser vista em alguns sítios e fazendas da região de Viçosa (PANIAGO, 1990, p. 69).

Apesar de não ser registrada a quantidade de negros escravizados que foram levados para trabalhar na região, no estudo de Paniago (1990) é possível ter acesso aos registros da paróquia de Santa Rita de Cássia e identificar que tanto homens quanto mulheres foram levados na condição de escravos para a cidade .

Ainda de acordo com o autor, no ano de 1832 foi criado o distrito Santa Rita do Turvo, elevado a município no ano de 1871. Com a base econômica na agricultura, as iniciativas para a implementação de fábricas não obtiveram êxito, como as Fábricas de Tecidos São Silvestre e Santa Maria, fundadas no início do século XX. Posteriormente, ainda se tentou a implementação de uma usina de álcool, que também não obteve sucesso na década de 1940. No início do período da colonização, Viçosa e outras cidades da região abasteciam Ouro Preto e Mariana, centros mineradores, com produtos voltados a

alimentação como mandioca, milho e feijão, sendo esses necessários à sobrevivência e para a continuação do plantio dessas lavouras. No município ocorreu o retalhamento de fazendas em propriedades menores, visto que as grandes propriedades passaram a ser divididas entre seus herdeiros.

O café teve papel de destaque na economia do município, representando sua maior fonte de renda, apesar de os fatores geográficos, de relevo e de estrutura agrária não serem favoráveis para o cultivo, o que dificultou a mecanização intensiva das lavouras.

A cultura do grão no fim do século XIX e primórdios do século XX era extensiva, o que levava à intensa busca por terras em relevo favorável para o plantio. O crescimento das lavouras de café na Zona da Mata ocorreu paralelamente ao do vale do Paraíba e do norte paulista, mas com especificidades.

Os cafezais da zona da mata se caracterizavam como numerosos, mas ocupavam espaços muito pequenos, nada que se comparasse ao que se via em terras paulistas, e o plantio ocorria intercalando outras culturas como feijão e milho. Com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina, que se tornou um meio de integração entre os municípios da zona da mata, a expansão cafeeira foi notável, pois o transporte das sacas que antes era feito em mulas e carro de boi e levava dias, ficou mais rápido e menos arriscado. Essa expansão se iniciou de uma economia caracterizada como escravista. Estima-se que, em 1886, o município de Viçosa tinha população de 3.042 pessoas escravizadas (PANIAGO, 1990 p. 29).

A expansão das lavouras de café e o enfraquecimento nas atividades de mineração levaram a um crescimento da população nas áreas em que se cultivava o café, havendo assim uma redistribuição demográfica na Zona da Mata, fator que pode ser considerado um dos responsáveis pelo aumento significativo da economia cafeeira nos fins do século XIX e no início do século XX (PANIAGO, 1990 p. 30).

Conforme Lima (1981, p. 49) a produção cafeeira da zona da mata ocorreu até a década de 1880 cessando até 1890, quando volta a crescer, e na virada do século atinge sua maior produção voltando a cessar e retomar sua expansão a partir de 1920.

No ano de 1971, se instala no município o escritório do Instituto Brasileiro do Café. O município é então incluído no zoneamento nacional do Plano de Renovação cafeeira, como região apta ao cultivo do café, para que ocorresse a renovação dos cafezais, visto que, no período de 1913 a 1938, houve diminuição na produção devido à queda do preço do produto e de intervenções feitas por fiscais do governo para que os pés de café fossem arrancados.

Na década é 1970, a renovação dos cafezais encontra barreiras na escassez de mão de obra, visto que a planta é cultivada em pequenas propriedades nos distritos e nas vizinhanças da sede e é utilizada a mão de obra volante para os serviços de capina e colheita (PANIAGO, 1990, p.31).

De 1980 em diante, se verifica o impulso da mão de obra cafeicultora, atribuído ao estímulo dado pela prefeitura, através da distribuição de mudas de café, às tecnologias providas pela Universidade Federal de Viçosa, bem como por meio dos serviços de extensão Rural.

Ao mencionar a importância do café na cidade, deve se fazer menção a esta instituição, ainda que de forma breve. Pois além de contribuir na produção do café na região, é de grande importância para o desenvolvimento da cidade.

A universidade Federal de Viçosa, deu início em suas atividades no ano de 1929, sendo assim nomeada somente no ano de 1969. As primeiras atividades surgiram como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV).

O *campus* da cidade origina-se pelo Decreto 6.053, de 30 de março de 1922, do então Presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes que em sua inauguração no ano de 1926, ocupava o cargo máximo de Presidente da República. No ano de 1927 as atividades didáticas da instituição tiveram início.

Com o passar dos anos, houve uma busca crescente pelo seu desenvolvimento e a mencionada Universidade adquire renome no cenário nacional, motivo este que levou a sua federalização pelo Governo Federal, em 15 de julho de 1969, quando passou a ser nomeada Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Durante o período de formação do distrito, a construção da capela e da escola tiveram relevância para sua organização, as outras construções foram surgindo em torno. Desde sua construção inicial, a escola continua no mesmo endereço e ao longo dos anos, foram realizadas modificações em sua estrutura, ampliações e reformas para atender a clientela escolar, que aumentou com o passar do tempo. As melhorias e modificações estruturais possibilitaram à escola, atender não somente a comunidade que estava se formando, mas também as comunidades vizinhas.

2.2 A Comunidade Local

De acordo com dados da prefeitura municipal o distrito de São José do Triunfo conta hoje com 9.800 habitantes (VIÇOSA, 2019). Ainda hoje o café é a principal fonte de recursos do distrito, porém, diferentemente do seu período de formação, as lavouras foram divididas entre herdeiros. As grandes propriedades tornaram-se lavouras pequenas que por esse motivo dispensam o uso de maquinário para a colheita e o fazem de forma manual. Algumas, ainda de forma rudimentar, utilizam carro de boi, como anos atrás, para levarem o café colhido durante o dia para a secagem. Paniago (1990) cita que alguns professores universitários também compõem o novo cenário de proprietários dessas pequenas lavouras, visto que a universidade Federal de Viçosa é voltada fortemente para questões agrárias.

Não houve muita alteração no processo de colheita e secagem do café ao longo de todos esses anos. A colheita do café é chamada pela população local de “panha” do café, tratando-se de um período que se inicia no mês de maio e se estende até julho. A “panha” de café na região é feita de forma manual. Com uma lona, os “panhadores” cobrem o chão e, com as mãos, começam a puxar os grãos de café dos galhos. A lavoura é dividida por fileiras e a divisão dessas ocorre de forma aleatória, cada “panhador” ou “panhadora” fica responsável por uma fileira. Depois de passarem por todos os pés de café, eles retiram as impurezas dos grãos, folhas e pedaços dos galhos e ensacam o café. No final da tarde de cada dia ocorre a medição de café. As cestas comportam aproximadamente 60 litros e o preço de colheita por cada cesta pode sofrer alteração de valor.

Depois do período de “panha”, dá-se início ao período de “catação” do café. O proprietário da lavoura geralmente doa os grãos que não foram colhidos, secaram no pé e ficaram pelo chão. As pessoas “catam” o café, levam para suas casas e vendem ou usam para consumo próprio.

A escola do distrito, leva o nome de José Lourenço de Freitas, proprietário do terreno doado para a construção do prédio. O envolvimento do senhor José Lourenço de Freitas⁸ com a comunidade se deveu à proximidade de suas propriedades com outras

⁸ Os registros da formação do distrito são pertencentes às famílias mais antigas do mesmo. A história contada e passada de geração em geração da família Lourenço de Freitas é que seus membros chegaram ao distrito enquanto este era somente uma fazenda. Juntamente com seus pais e irmãos José Lourenço era filho do dono de uma grande fazenda. Com a lavoura e o povoamento foi se formando o distrito de São José do Triunfo. A fazenda era cercada por três grandes montanhas e segundo Pinto (1963) foi por

fazendas e sítios da região, que ainda era pouco povoada. Sua família, de origem branca, era proprietária de uma quantidade significativa de terras e começaram a partir de doações a definirem quais espaços seriam ocupados: A doação de parte da propriedade para a construção de uma pequena escola e capela deram início às construções ao redor do que hoje é a praça do distrito.

Com o crescimento do distrito e aumento da população, foram surgindo novas estradas e outros distritos, como por exemplo, Cachoeira de Santa Cruz. Para que a população deste local tenha acesso ao centro da cidade, precisam passar por São José do Triunfo. É necessário visitar o distrito sempre que precisam de alguns tipos de serviços, como exames laboratoriais, farmacêuticos entre outros. O distrito de Cachoeira de Santa Cruz não possui escola que ofereça ensino médio, o que faz com que os jovens estudem na Escola Estadual José Lourenço de Freitas.

Somente as ruas que dão acesso ao centro da cidade são asfaltadas. A praça onde a escola está localizada é uma dessas. Algumas têm calçamento de pedra e outras são de terra. É oferecido o serviço de iluminação pública, coleta de lixo e saneamento básico, água tratada, esgoto e o transporte coletivo possibilita que os moradores façam o percurso do distrito ao centro da cidade em vários horários do dia desde as 6:20 da manhã até as 22:00.

A praça Luíza Rodrigues Lopes também se localiza perto da escola em referência, porém não é um espaço utilizado para lazer e para convivência, pois não tem bancos nem iluminação como antes, quando foi construída. Somente em algumas festividades realizadas pela igreja católica a praça se torna um espaço ocupado pela população local, quando os moradores se reúnem para assistir as encenações durante toda a semana, realizada pelos membros da comunidade integrantes de um grupo teatral denominado Nova Luz. Os participantes desse grupo possuem idades variadas, indo de crianças a idosos, sendo que, no período próximo à Semana Santa, todos reorganizam sua rotina para frequentar os ensaios e ajudar na organização das festividades.

Desde os figurinos à construção do palco ficam a cargo dos membros do próprio grupo (figuras 1,2 e 3), que se orgulham de realizar tais atividades e organizar as apresentações diárias, independente de auxílio público municipal.

Figura 1: imagem do palco para as festividades da Semana Santa em São José do Triunfo

esse motivo que surgiu o nome pelo qual o distrito é mais conhecido: fundão. Os dados obtidos referentes ao Senhor José Lourenço de Freitas foram obtidos por meio de entrevistas com seus descendentes,



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

Figura 2: Membros do grupo teatral Nova Luz no primeiro dia de festividades



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

Figura 3: Encenações da semana de festividades do palco na área externa da igreja.



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

As festas católicas que contam com a presença de grande parte da população local e de localidades vizinhas se tornam um momento de convivência e lazer para a população, visto que, em grande parte das vezes, os festejos ocorrem na parte externa da igreja com atividades artísticas e culturais que possibilitam a interação de pessoas tanto católicas quanto de outras denominações religiosas que também participam.

As festividades, na maioria das vezes, são organizadas pelas pessoas da própria comunidade, são eventos marcados por mesa farta e pela recepção de pessoas de outras localidades que se deslocam para visitar os parentes do distrito.

Uma quadra poliesportiva construída pela prefeitura da cidade tem sido um espaço para o desenvolvimento de esportes, mas se encontra em situação precária. É uma obra inacabada, sem vestiários, arquibancada, água encanada e iluminação, não possibilitando assim que as pessoas possam utilizá-la no período noturno. Nos últimos anos a quadra não passou por nenhum tipo de manutenção. O relato de moradores do distrito é que um campo de futebol em área particular era utilizado por crianças e jovens até o ano de 2016, mediante pagamento de taxa. Um projeto social era desenvolvido com crianças também neste local, uma parceria firmada entre um morador do bairro e a escola. Como regra do projeto, as crianças deveriam manter um bom rendimento na escola para continuar frequentando a escola de futebol. Esse projeto não é mais realizado, visto que o único campo de futebol do distrito é propriedade privada e não é mais utilizado para este fim.

Os jovens que desejam frequentar ambientes como bares, casa de shows, cinema e teatro têm que se deslocar até o centro da cidade. O que torna essas atividades pouco acessíveis por serem, em grande parte das vezes, inviáveis do ponto de vista econômico.

Os comércios do distrito são de pequeno porte e destinados a suprir necessidades básicas como alimentação e medicamentos. Não se trata de um distrito que favoreça a expansão comercial, tendo-se em vista que, para resolver questões burocráticas e para ter acesso a serviços bancários, postais e acesso a hospitais, a população precisa se deslocar até o centro da cidade e lá aproveitam para fazer compras com preços melhores.

O serviço de saúde fornecido no distrito por meio do posto de saúde local não oferece atendimento emergencial e não tem o atendimento médico durante todo o dia e todos os dias da semana. O número de atendimentos é restrito, o que faz com que os moradores do distrito se desloquem até o centro da cidade para ser atendidos e para realizar exames laboratoriais, entre outros.

O distrito conta com uma ONG formada por moradores que busca, por meio de recurso próprio, desenvolver algum tipo de atividade para a população local. Uma das responsáveis pelo projeto relatou que as atividades oferecidas são diversas, como reforço escolar para crianças, dança e capoeira, mas que, devido à falta de recursos, de espaço adequado e de materiais, as atividades são interrompidas e retomadas quando a situação é normalizada.

O distrito não possui posto policial, e por estar situado na periferia da cidade a falta de segurança é um ponto relevante a ser ressaltado. O distrito é reconhecido, por práticas de reiterados homicídios e tráfico de drogas na região. O que gera em parte dos moradores, receio em frequentar alguns locais dos distritos no período da noite. Apesar dos dados referentes aos bairros e distritos, referentes a criminalidade não serem divulgados separadamente, é sabido pela população que grande parte dos casos acontece na comunidade. O que gera insegurança e estigmatiza o distrito e gera certo, preconceito em relação aos moradores.

Para acessar; caixas eletrônicas, serviços postais, ou ponto de táxi, o que torna a população dependente do centro da cidade de Viçosa para a realização dessas atividades.

2.3 A Escola

A única escola do distrito que oferece ensino médio é estadual. Ela foi construída no ano de 1960, está situada na praça e é uma área de muita circulação de pessoas, pois ocupa lugar central na localidade.

Com duas salas de aula, área coberta para recreação, duas privadas, cozinha e cantina e terreno em redor da escola. O terreno foi doado, parte pelo pároco e parte pelo líder conspícuo do povoado, o fazendeiro José Lourenço de Freitas, que embora seja a personalidade de maior prestígio no povoado, não reside lá e sim em sua fazenda situada cerca de 3 km (PINTO, 1963, p. 19)

Hoje a escola está muito diferente de sua construção original devido às reformas e ampliações. O prédio funciona no turno da manhã de 07:00 às 11:25, e da tarde, de 12:30 às 16:50 horas, contando com 21 turmas do ensino Fundamental e Médio, sendo 4 turmas do Ensino Médio e 17 turmas do Ensino Fundamental. Conforme mencionado anteriormente, ela atende não somente aos moradores de São José do Triunfo

como também à população de outras comunidades do seu entorno como: Cachoeira de Santa Cruz, Vila Chaves e Cascalho.

É importante ressaltar que todos os dados apresentados em relação à escola foram obtidos através dos relatos dos jovens entrevistados, ex-funcionários e da plataforma QEdu, haja vista que a direção da escola não autorizou a nossa entrada e nem a realização de entrevistas com seus funcionários. Por essa razão, também não foi possível fazer observação do espaço interno.

O prédio possui onze salas de aula, pátio coberto com espaço para que os alunos possam fazer suas refeições com mesas e cadeiras, uma cozinha para a preparação da merenda, e uma pequena biblioteca, que é pouca equipada. Conta com um laboratório de informática, uma sala de direção e secretaria, uma sala de professores, dois banheiros para alunos, com adaptações para deficientes físicos, dois banheiros para funcionários e uma quadra poliesportiva não coberta para a realização de esportes. A escola não funciona no período noturno e não oferece Educação para Jovens e Adultos (EJA).

O distrito possui também uma creche municipal denominada Ângela D'Antonino e uma Escola municipal, a Presidente Getúlio Dorneles Vargas, que oferecem vagas para o maternal e pré-escolar respectivamente.

A escola segue o calendário de atividades, paralisações e férias estabelecidas pelo Estado e cumpre as obrigações estabelecidas pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais. As escolas que contam com alterações no calendário escolar são as que já nascem da necessidade de um modelo educacional diferenciado como, por exemplo, as Escolas Família Agrícola (EFA). Em Araponga, cidade situada a cerca de 50 km de distância de Viçosa cerca de 50 km, funciona uma dessas escolas que utiliza a Pedagogia da Alternância a EFA-Puris. Segundo informações da direção da escola os estudantes passam quinze dias em casa e quinze dias na escola, dessa maneira eles conseguem ajudar os pais e têm a possibilidade de continuar estudando.

Conforme observado pela história do distrito, o café está fortemente presente na economia local. O período de colheita se torna uma época em que o trabalho extra possibilita maiores ganhos e permite às famílias utilizar esse dinheiro para organizar as contas ou adquirir gastos extras, como mobiliar ou reformar as casas. Por não ser cobrado pelos proprietários das lavouras qualificação formal e experiência dos trabalhadores, visto que só se paga pela quantidade que se colhe e não pelo dia de trabalho, a colheita do café se torna uma oportunidade para muitas famílias se organizarem financeiramente. Quanto mais café no cesto durante a semana, maior o valor que recebem na sexta-feira. E quanto

mais mãos trabalhando, maior a quantidade de café que estas famílias conseguem colher. Por isso, crianças e jovens são chamados por suas próprias famílias a trabalharem na colheita.

Na busca de compreender se há reflexos da participação das crianças e dos jovens no trabalho da colheita do café na escolarização, trouxemos dados do INEP relacionados ao desempenho escolar (Prova Brasil) e reprovações (Taxa de distorção idade-série) do distrito e do estado de Minas Gerais.

Certamente, tais comparações não conseguem revelar a complexidade dos fatores que influenciam nas notas das avaliações externas, bem como nas taxas de distorção idade-série dos alunos da escola do distrito, porém, julgamos que o esforço para tal análise pode indicar algumas pistas sobre a interferência do trabalho temporário das crianças e dos jovens na lavoura em seu processo de escolarização.

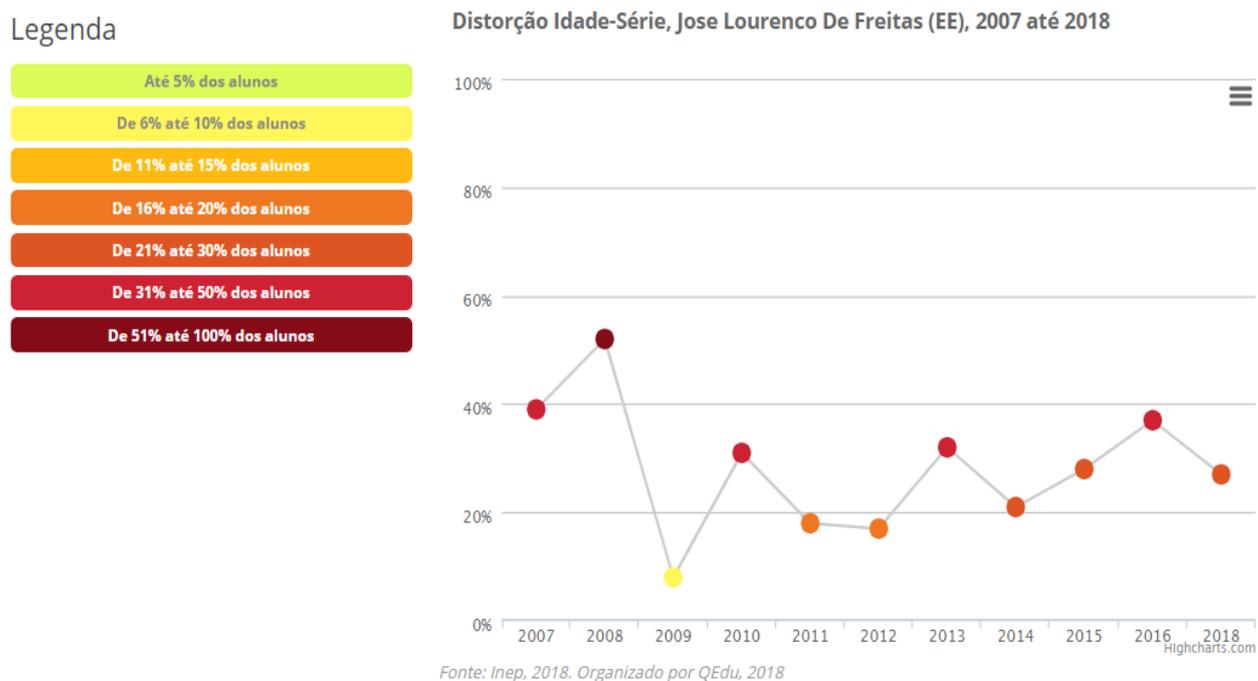
Os dados disponíveis pelo INEP referentes à prova Brasil do ano de 2017, trazem informações sobre o desempenho da escola. A proporção de alunos que possuem nível de aprendizagem considerado adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 9º ano em português é de 30%, valor menor se comparado às outras escolas públicas estaduais da cidade de Viçosa, que é de 42%. Se essa proporção for comparada com os resultados das escolas estaduais do estado de Minas Gerais a diferença diminui, visto que o estado tem 38% de alunos que apresentam nível de aprendizagem considerado adequado para este conteúdo.

Em relação ao Brasil, que atinge a proporção de 36%, a escola tem a menor diferença, mas em todas as comparações ela se encontra em desvantagem. Em contraponto, se analisarmos a competência de resolução de problemas observamos que a escola com a proporção de 22% dos alunos no nível de aprendizagem considerado adequado está acima das taxas referentes ao estado de Minas Gerais, que tem a proporção de 20% e os resultados nacionais que são de 16%, ficando abaixo somente das escolas estaduais da própria cidade de Viçosa com 23% (INEP, 2017).

Tendo em vista os alunos que colaboram com o desenvolvimento desta pesquisa e a condição de transitoriedade em que estão inseridos nos propusemos a analisar os dados referente à taxa de distorção idade-série, dos alunos do 9º ano e 3º ano do ensino médio. Visto que esse período de escolarização dos jovens marca o encerramento de um ciclo e a transição para uma nova fase. Os resultados expostos se referem à proporção de alunos com atraso escolar de 2 anos ou mais, do ano de 2007 até 2018, da referida escola localizada no distrito.

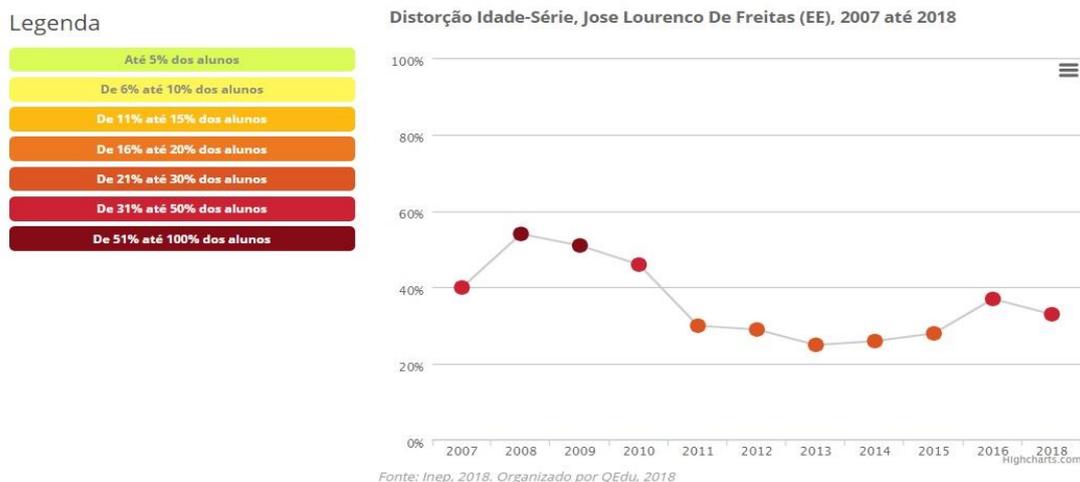
Durante todo o período demonstrado no Gráfico 7, a escola apresenta taxas significativas de alunos que estavam com 2 ou mais anos de atraso escolar, atingindo a proporção de 52% no ano de 2008, taxa que caiu no ano seguinte de forma expressiva e que deixa o ano de 2009 com menor proporção de atraso escolar no 9º ano com 8%. Nos anos seguintes as taxas oscilaram entre 17 e 37% e, no ano de 2018, o mesmo em que este estudo se iniciou, tem a proporção de 27% de atraso escolar entre os alunos do 9º ano.

Gráfico 7: Taxa de distorção idade-série – 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018



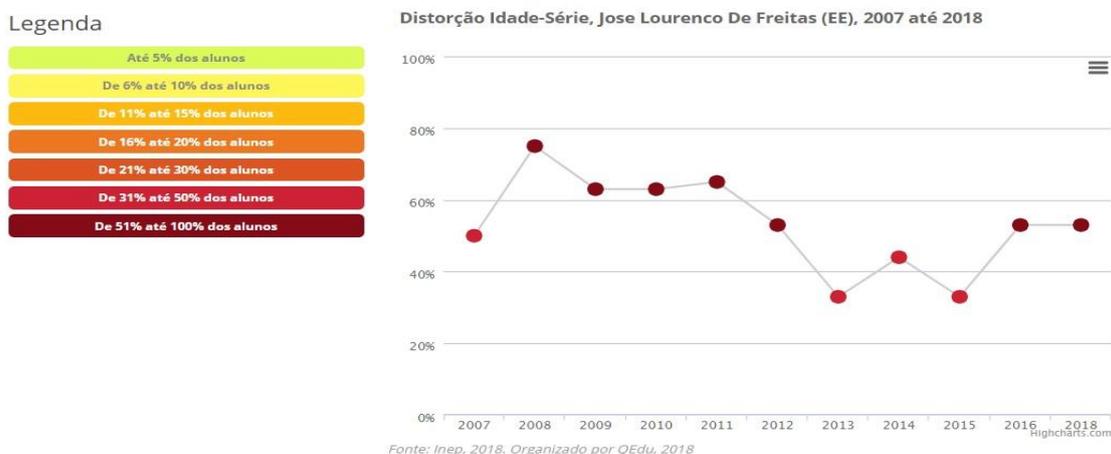
As taxas apresentadas no Gráfico 8 para o ensino fundamental nos anos finais (6º ao 9º ano) apresentam menor variação entre os anos de 2011 e 2015, e no ano de 2018 a taxa de atraso escolar é de 33%, um pouco maior do que se analisarmos somente o 9º ano. No período de 2010 a 2018 houve uma variação de 20% a 40% (Gráfico 8).

Gráfico 8: Taxa de distorção idade-série – Ensino fundamental anos finais 6º a 9º ano da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018



As proporções de atraso escolar em relação à idade-série são mais expressivas no 1º ano do ensino médio (Gráfico 9). Os anos de 2013 e 2015 atingiram a mesma taxa de 33% de alunos com atraso escolar com dois anos ou mais, sendo a menor taxa apresentada para o período de 2007 a 2018 na escola em referência. O ano de 2008 atinge a marca de 75% dos alunos em condição de distorção idade-série e no ano de 2018 em que este estudo se iniciou temos a taxa de 53%, ou seja, mais do que a metade dos alunos do 1º ano estão em atraso escolar no período em que esta pesquisa começou a ser desenvolvida.

Gráfico 9: Distorção idade-série– 1º ano do ensino médio da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018



No Gráfico 9, na maioria dos anos apresentados, as taxas apontam que mais de 50% dos alunos estavam em atraso escolar. Se verifica, ao analisar todo o 3º ano do ensino médio (Gráfico 10), que ocorre uma melhora nas taxas no decorrer dos anos. Apesar do ano de 2018 não apresentar a menor taxa de alunos em atraso escolar, se observa que, durante todo o período e 2007 a 2018, houve melhora nas taxas. No Gráfico 11, que traz as taxas proporcionais referentes a todo o ensino médio, é notório que a partir do ano de 2008 os números apresentam melhora e, somente no ano de 2016, as taxas voltam a aumentar, se mantendo em 2018 com o mesmo valor de 44% dos alunos em atraso escolar.

Gráfico 10: Distorção idade-série – 3º ano do ensino médio da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018

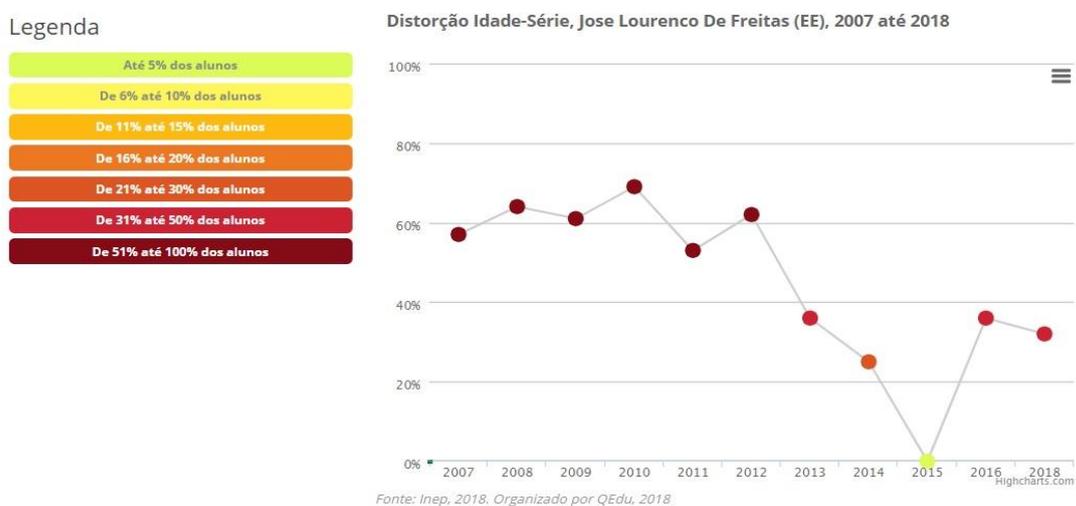
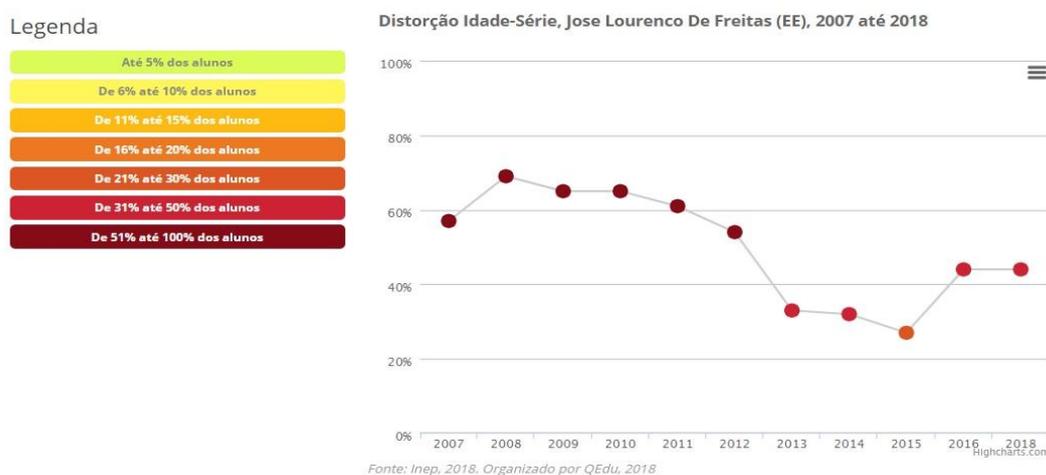


Gráfico 11: Distorção idade-série – Ensino médio 1º a 3º ano da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo entre os anos de 2007 a 2018



Os dados apresentados ajudam a compreender que grande parte dos alunos encontram dificuldades para seguirem de uma série para outra, e que, apesar de esses números estarem evidentes já no ensino fundamental, as taxas se agravam com a chegada no ensino médio. Tais resultados nos possibilitam refletir sobre a realidade desses alunos no processo de escolarização e sobre quais fatores estão interferindo para que sua trajetória escolar esteja marcada por taxas significativas de atraso.

O número de matrículas apresentadas na Tabela 1 mostram os dados que foram coletados pelo Ministério da Educação até o mês de maio do ano de 2018. Maio é o mês em que se inicia o período de colheita do café nas lavouras. Até esse período estavam matriculados no 1º ano do ensino médio 51 alunos. De acordo com os dados expostos anteriormente, essa é a série em que há um maior número de alunos em atraso escolar, equivalendo ao total de 27 alunos.

Tabela 1: Matrículas por série do ano de 2018 da Escola Estadual José Lourenço de Freitas do distrito de São José do Triunfo.

Matrículas 9º ano EF	30
Matrículas 1º ano EM	51
Matrículas 2º ano EM	32
Matrículas 3º ano EM	25

Fonte: Censo Escolar/INEP 2018.

Nos dados apresentados na Tabela 1, verifica-se que o 1º ano do ensino médio tem o maior número de alunos matriculados, série em que, como mencionado, apresenta a maior taxa de distorção idade-série.

Contudo, para melhor compreensão dos dados apresentados sobre a escola do distrito julgamos necessário situar e comparar os dados de distorção idade-série com as outras escolas urbanas do estado de Minas Gerais e também com as escolas rurais e estaduais do mesmo estado.

Se compararmos às taxas em relação as outras escolas estaduais urbanas (Gráfico 12) do estado de Minas Gerais podemos observar que as taxas são quase as mesmas, ou seja, elas atingiram mais de 40% de alunos em situação de distorção idade-série nos anos

de 2007 e 2018, que são os anos com as taxas mais altas, mantendo-se sem grandes variações até o ano de 2018 (entre 20% e 30%). Em relação às taxas referentes às escolas estaduais rurais (Gráfico 13), as taxas de distorção idade-série são maiores se comparadas às urbanas, entretanto, se comparadas aos dados da escola do distrito em estudo, as taxas apresentam menor variação, mantendo-se durante todo o período analisado - 2007 a 2018 - abaixo de 40%, fechando o período no ano de 2018 com a menor taxa registrada: inferior a 20%.

Gráfico 12: Distorção idade-série – 9º ano do Ensino Fundamental da Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018

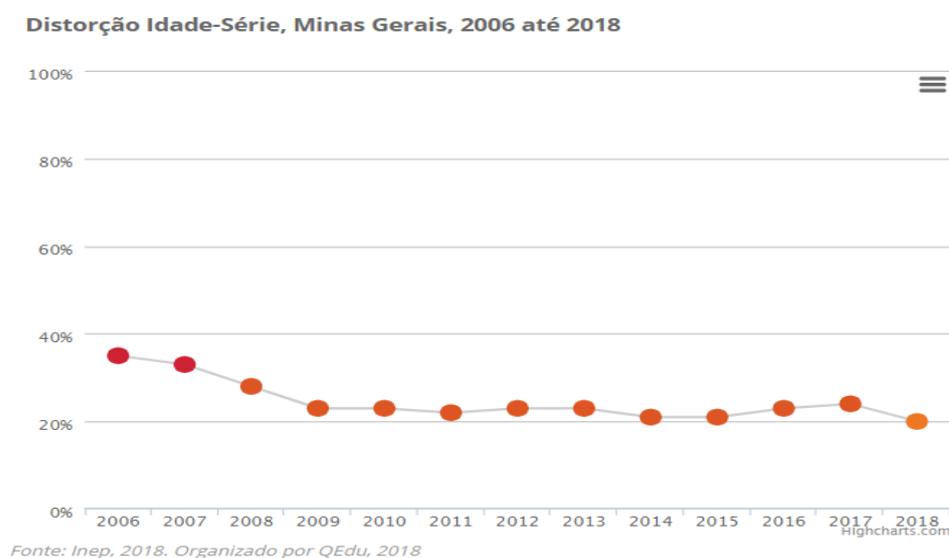
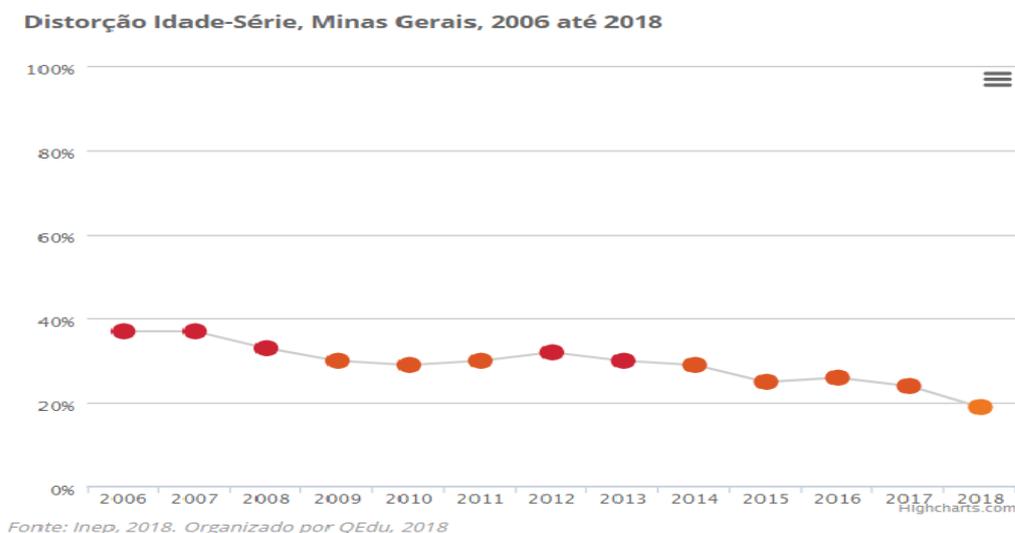


Gráfico 13: Distorção idade-série – 9º ano do Ensino Fundamental da Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018



Nos Gráficos 14 e 15, são apresentadas as taxas de distorção da idade-série do 1º ano do ensino médio das escolas estaduais urbanas no estado de Minas Gerais e das escolas estaduais rurais do mesmo estado. Em ambos, os dados não tiveram oscilações nas taxas de forma discrepante entre as escolas rurais e urbanas do estado. As taxas se mantêm no período de 2006 a 2018. Além disso, o período observado se inicia com taxa acima de 40 % de alunos em distorção de 2 anos de idade-série e chegam ao ano de 2018 com as taxas menores que o valor acima mencionado, ou seja, no intervalo de tempo analisado (2006 a 2018) o saldo foi positivo, o que configura menor distorção idade-série entre os alunos do 1º ano, tanto em escolas urbanas quanto rurais, e não se verifica diferenças consideráveis. Entretanto, se analisarmos os dados do 1º ano do ensino médio da escola do distrito (Gráfico 9), observamos que durante o período de 2007 a 2018, as taxas tiveram muitas oscilações e chegaram a atingir quase 80% de alunos em distorção de idade-série de 2 anos.

De tal forma, quase todo o período analisado acima de 40% e somente obtendo valor inferior a este nos anos de 2013 e 2015. Esses dados nos levam a considerar que a situação de atraso escolar dos alunos que chegaram no ensino médio na escola de São José do Triunfo é alta se comparadas às taxas das escolas estaduais urbanas e rurais do estado, o que ocorreu também nos outros anos.

Gráfico 14: Distorção idade-série – 1º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018

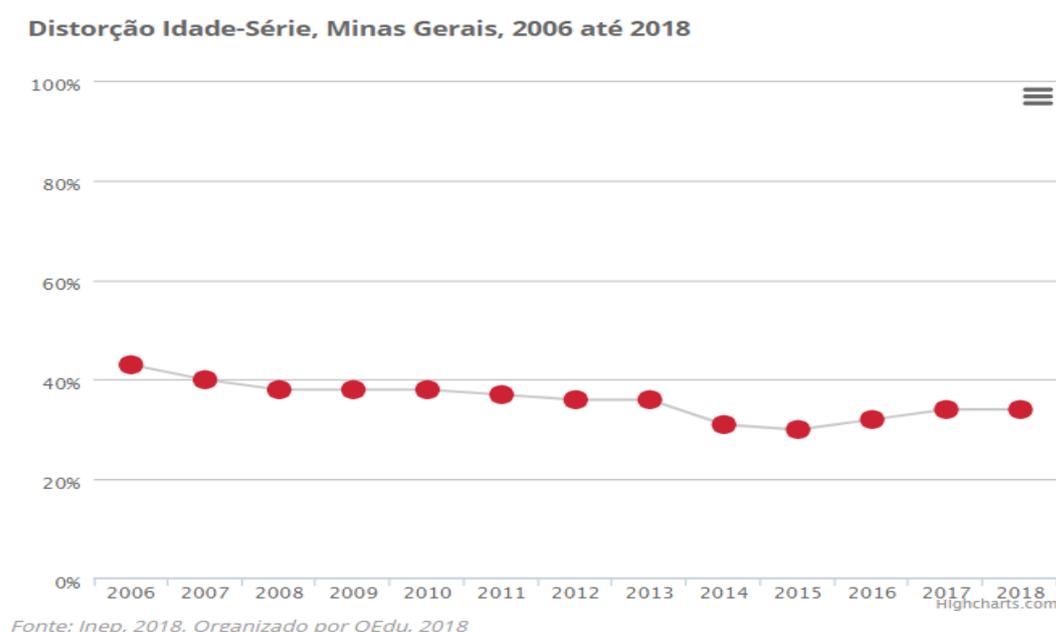
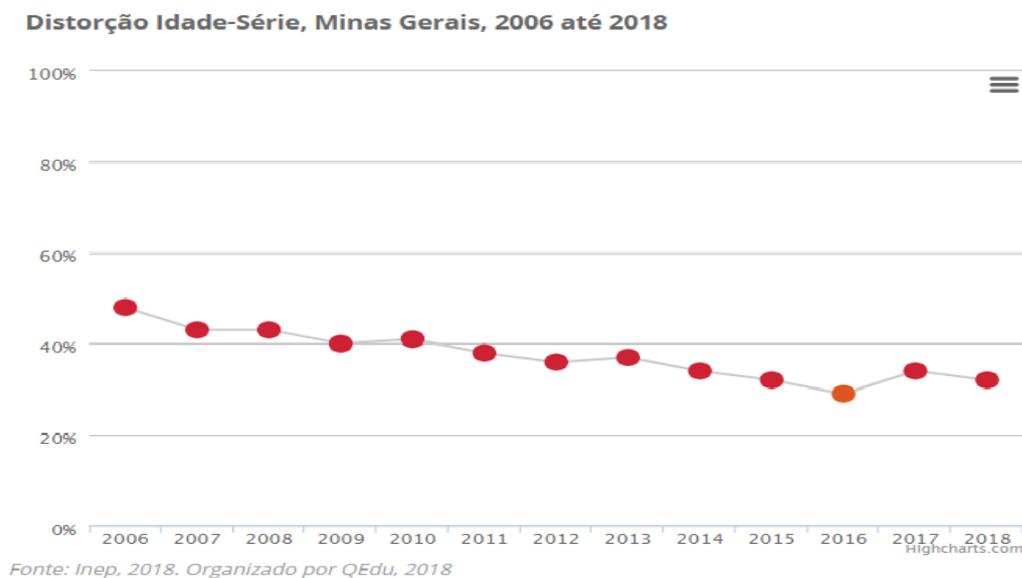


Gráfico 15: Distorção idade-série – 1º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018



Nos gráficos 16 e 17, nota-se que as escolas rurais estão com taxas maiores de distorção idade – série em relação às turmas do ensino médio. A taxa tem maior variação no início do período analisado, ano de 2006. Ao longo dos anos, as taxas variaram para mais em relação às escolas urbanas. Mas, em ambos os casos, na maior parte do período, de 2007 a 2018, estiveram dentro da faixa de 20% a 40%, tendo oscilações.

Gráfico 16: Distorção idade-série – 2º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018

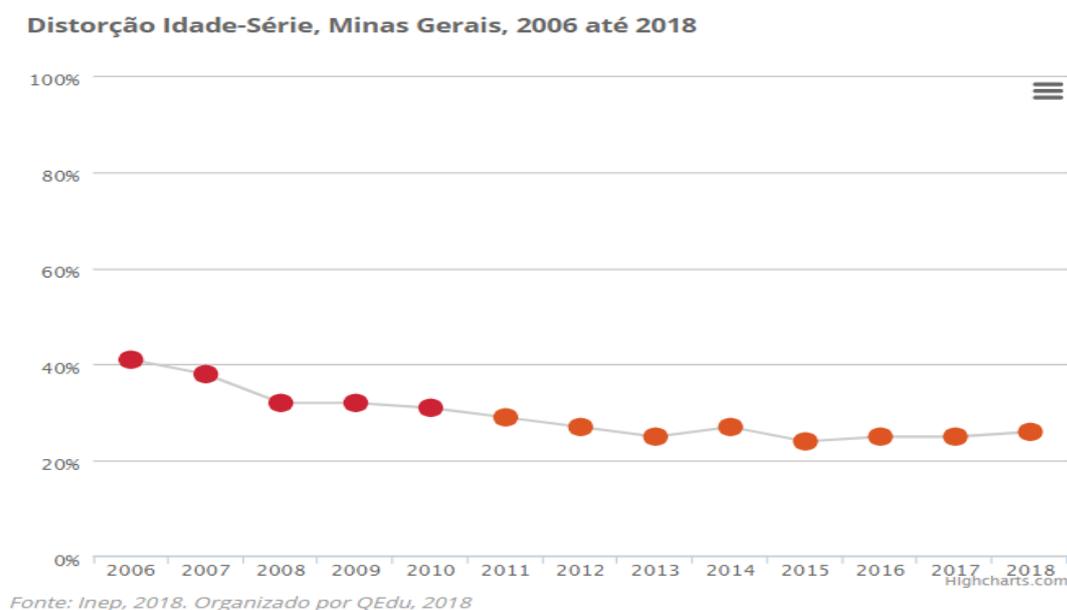
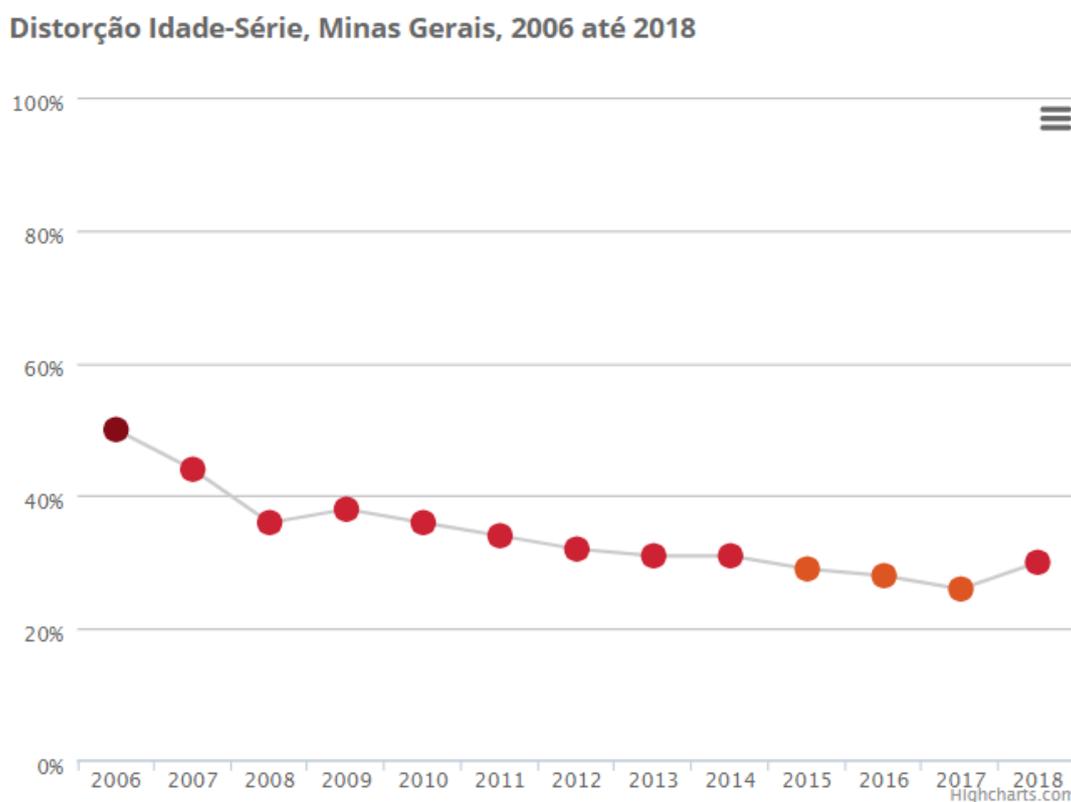


Gráfico 17: Distorção idade-série – 2º ano do Ensino Médio da Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018



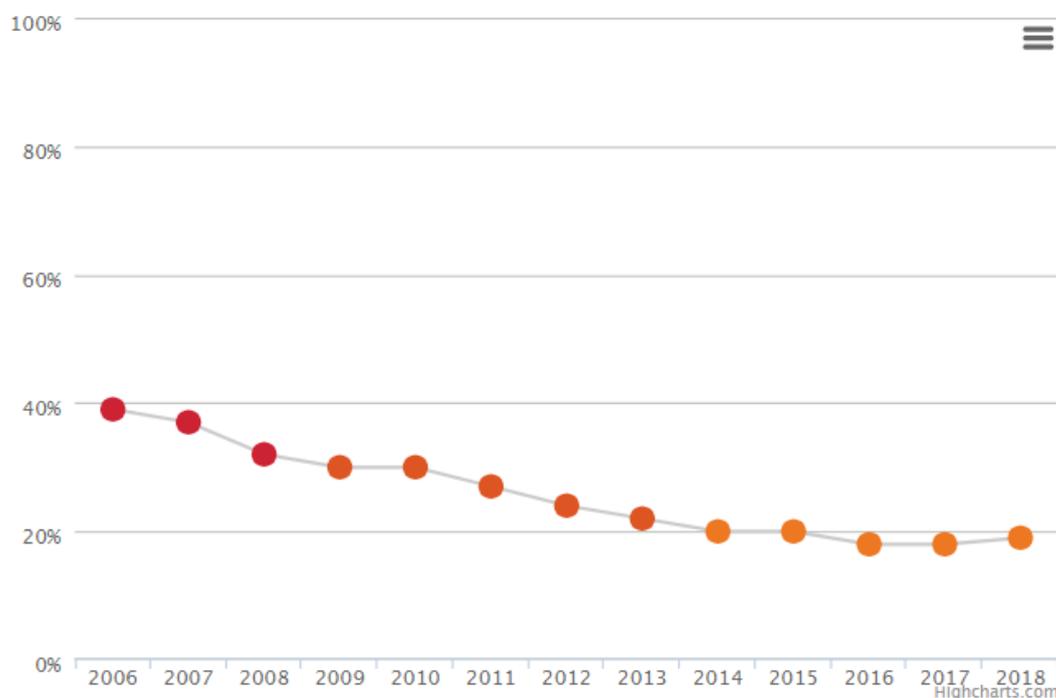
Fonte: Inep, 2018. Organizado por QEdu, 2018

Como pode-se observar nos Gráficos 18 e 19, as escolas estaduais rurais apresentam diminuição nas taxas de distorção idade-série durante o período apresentado. Ou seja, no ano de conclusão do ensino médio as taxas de distorção idade-série obtiveram melhora ao longo dos anos.

Quando analisamos os dados referentes aos anos finais do ensino médio para a distorção de idade-série na escola de São José do Triunfo (Gráfico 11), observamos que as taxas atingem quase 80 %, o que é preocupante e, apesar de ter diminuído em 2018, notamos que a escola está com taxas altas em relação às escolas do estado, tanto urbanas quanto rurais. Apesar dos dados referentes à escola estarem englobando todas as séries do ensino médio, torna-se evidente, através dados expostos de forma detalhada, que, ao chegarem no ensino médio, os jovens do distrito encontram dificuldades para avançar no processo de escolarização.

Gráfico 18: Distorção idade-série – 3º ano do Ensino Médio das Escolas Estaduais Urbanas do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018

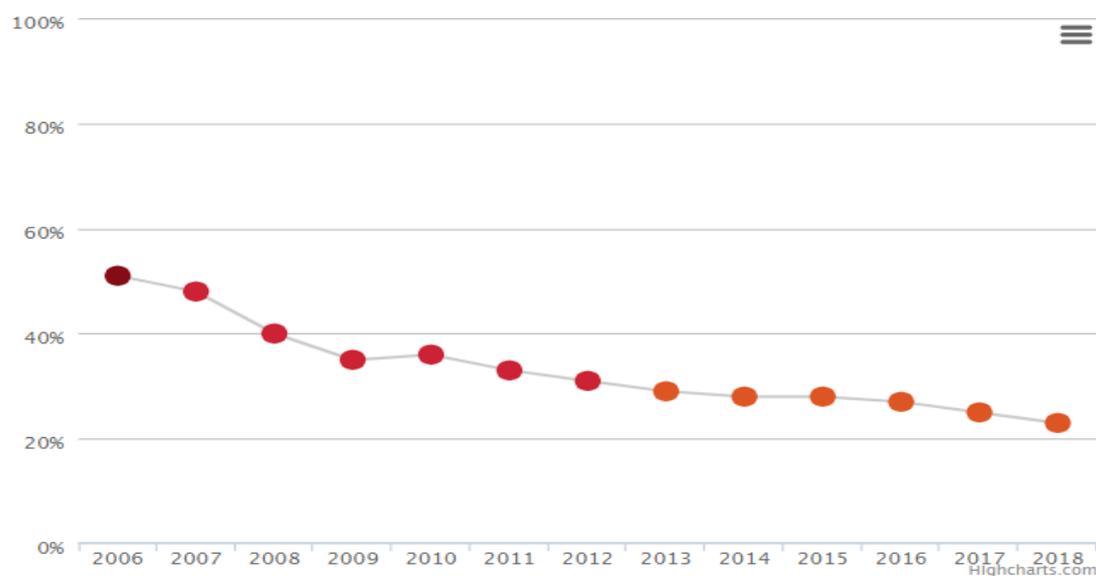
Distorção Idade-Série, Minas Gerais, 2006 até 2018



Fonte: Inep, 2018. Organizado por QEdu, 2018

Gráfico 19: Distorção idade-série – 3º ano do Ensino Médio das Escolas Estaduais Rurais do Estado de Minas Gerais entre os anos de 2006 a 2018

Distorção Idade-Série, Minas Gerais, 2006 até 2018



Fonte: Inep, 2018. Organizado por QEdu, 2018

Pudemos observar, ao longo da apresentação dos dados do INEP expressos nos Gráficos, que em termos de aprendizagem, no que se refere à distorção idade- série, a escola do distrito apresenta resultados piores em relação ao estado. Infelizmente, os dados da escola do distrito não se aproximam dos referentes ao estado de Minas Gerais, tanto quanto à diminuição de taxas de distorção ou à oscilação durante todo o período analisado. Observa-se que as taxas do estado, de forma geral, estão decrescendo, ainda que de forma lenta, mas, ao analisar todo o período, é evidente que, ao longo dos anos, obtém-se uma melhora, o que não ocorre com os dados referentes à escola do distrito.

É notório que as taxas mais alarmantes estão no 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. Período de transição dos jovens estudantes, em que encerram um ciclo no processo de escolarização e iniciam outro. Durante esse período de transição, observamos que as taxas de distorção idade série no distrito é alarmante, atingindo quase 60% em relação ao 9º ano e chegando a quase 80% no 1º ano.

Não sendo possível verificar por meio de números, tabelas e gráficos quais fatores estariam presentes no cotidiano desses jovens estudantes e quais os percalços enfrentados por eles no período de transição do ensino fundamental para o ensino médio, estes dados alimentam as possibilidades de reflexões e nos instigam ao conhecimento e aprofundamento da realidade dos jovens do distrito.

Certamente, não podemos afirmar que há relação direta do trabalho temporário na lavoura e a distorção idade-série, porém, acreditamos que, ainda que apenas uma parcela dos jovens, dada a impossibilidade de todos serem entrevistados para o desenvolvimento desta pesquisa – nos permita conhecer de forma mais aprofundada alguns deles, bem como suas famílias e seu cotidiano, eles já estarão contribuindo para entendermos melhor as realidades e rostos para além de dados estatísticos e quantitativos.

A relação dos jovens investigados em São José do Triunfo com o trabalho: Alguns aspectos jurídicos

O trabalho e a relação de emprego informal dos estudantes não foram temas de maior aprofundamento nesta pesquisa, mas cabe levantar alguns pontos relevantes, visto que os jovens participantes deste estudo se inserem em um contexto de subordinação, ou seja, trabalham para outras pessoas, as obedecem e seguem as regras para a realização do trabalho na lavoura.

A atividade laboral exercida pelos estudantes entrevistados não ocorreu em um cenário de grandes lavouras de café, mas, sim, em pequenas propriedades do entorno do distrito, o que permitiu que esses jovens realizassem essa atividade somente por contato com o responsável pela lavoura. Isto é, não precisaram passar por nenhuma formalidade para o desenvolvimento de tal atividade laborativa. Não importando o horário que chegavam ou saíam do trabalho ou em quantos dias da semana compareciam, o valor pago por saca colhida de café não teve relação com as horas de permanência na lavoura. Ou seja, se o jovem trabalhador levasse um dia todo para encher uma saca de café ou dois dias inteiros, o valor a ser pago seria somente pela quantidade colhida e não por horas ou dias trabalhados.

Não buscamos neste estudo um aprofundamento sobre os riscos e possibilidades que os donos das lavouras ou os responsáveis pelas mesmas correm de colocar um jovem com menos de 16 anos para desenvolver tais atividades. Sabe-se que o jovem menor de 18 anos não pode desenvolver certas atividades, mesmo que lícitas, algumas são proibidas, por serem perigosas e insalubres, prejudicando assim o desenvolvimento do menor, conforme as leis que constituem o Direito do Trabalho.

Um elemento jurídico formal relevante é a discussão da capacidade. De acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), no capítulo que trata da proteção do trabalho do menor, no artigo 403, está proibido “qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos”. Além disso, não se pode causar prejuízos ao menor como dispõe o parágrafo único do mesmo artigo acima mencionado “O trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola”(CLT, 2002).

Chamamos atenção para o fato de que o Brasil não pune o trabalho infantil de forma eficaz, ocorrendo até mesmo um incentivo a esse trabalho, mesmo estando regido pelo direito brasileiro que, antes dos 14 anos, se tem incapacidade completa para o trabalho. Dos 16 aos 18 anos, o jovem tem maior liberdade, com algumas ressalvas, de trabalhos que podem ser exercidos. Desta forma, é permitido ao jovem, na condição de aprendiz, um trabalho que é revestido de caráter formativo, que o prepararia para a inserção definitiva no mercado de trabalho. Somente após os 18 anos o jovem estaria com capacidade laborativa completa, podendo trabalhar onde desejar.

Vale ressaltar que, não nos cabe aqui, fazer nenhum juízo de valor sobre as pessoas que oferecem o serviço a estes jovens e permitem que desenvolvam a atividade da

colheita. As relações comunitárias criam um contexto, em que, muitas vezes, os concedentes e tomadores desses serviços podem estar agindo motivados por boas intenções, acreditando que estão ajudando, de certa forma, para que as famílias tenham uma renda extra, por exemplo.

2.4 Os participantes da Pesquisa: Os jovens, os pais e os avós

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados 4 jovens matriculados na Escola Estadual do distrito que exercem atividade laborativa no período da colheita do café. Jovens que convivem ao menos com pai ou mãe e com os avós (avó ou avô), os quais também foram entrevistados. A pesquisa tem a representação de ambos os sexos, visto que a atividade laboral na lavoura pode ser desenvolvida tanto por meninas quanto meninos. Há também casos em que não somente os jovens, mas, também, familiares, como pais e avós, trabalham juntos na lavoura. Assim, foram entrevistados os jovens, seu pai ou mãe e seu avô ou avó, buscando compreender qual o lugar do trabalho na lavoura do café e da escola na vida dessas pessoas.

Os jovens que compõem esta pesquisa são filhos e netos que cresceram em condições materiais oferecidas por suas famílias. Por isso, ao analisar a realidade desses jovens de São José do Triunfo - filhos de trabalhadores, moradores de um distrito periférico da cidade e que são dependentes da assistência do Estado⁹ para que tenham acesso à saúde, segurança, educação e lazer, fica evidente o recorte da pesquisa voltado para as camadas populares.

2.5 A construção da pesquisa

Esta pesquisa se enquadra na abordagem qualitativa, que aspira observar e compreender as experiências dos indivíduos. Para a sua realização, foi necessário utilizar de recursos metodológicos que possibilitaram conhecer o contexto em que os jovens do distrito de São José do Triunfo, seus pais e avós se inserem e, a partir daí, como aborda

⁹ Conforme disposto no artigo 6º da constituição federal no capítulo II que trata Dos Direitos Sociais, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados devem ser garantidos pelo Estado. No item 2.1 deste mesmo capítulo na apresentação do distrito são apresentadas algumas características que nos ajudam a entender a organização local e como o acesso a determinados serviços são oferecidos e obtidos pela população pelo Estado ou organização não governamental e não de forma privada (BRASIL, ano 2001).

Minayo e Guerriero (2013), obter, pelo relato dos próprios sujeitos mencionados, as percepções de si mesmos, fazendo com que se voltem para as suas próprias experiências.

Tendo-se em vista que alguns jovens podiam ser menores de 18 anos, eles só seriam entrevistados depois de autorização formal e por escrito de seus pais ou responsáveis. Para todas as pessoas convidadas a participarem desta pesquisa, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, idênticas, assinadas pelos interlocutores, ou por seus responsáveis, bem como pela pesquisadora e pela orientadora da dissertação. Nesse documento estavam informações sobre a pesquisa, seus objetivos e possíveis riscos, além de informações sobre o processamento das entrevistas. Todos os cuidados foram observados com rigor e todo o planejamento da pesquisa foi apresentado e aprovado¹⁰ pelo comitê de ética da Universidade Federal de Ouro Preto.

Como instrumentos para a construção dos dados foram realizadas *análise bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e observações orientadas*. Esses recursos permitiram obter um panorama dos contextos sociais e formas de socialização dos jovens pesquisados e de suas famílias.

A *análise bibliográfica* foi necessária para conhecer o que a literatura na área traz sobre o tema, revelando sob quais condições os jovens se inserem no mundo escolar e do trabalho ao longo desse processo de transição, descobertas e desafios que é experimentado por eles.

A *pesquisa documental* também foi utilizada para o desenvolvimento da pesquisa visto que foi de extrema importância a exploração de documentos oficiais, relatórios, fotografias e leis para uma compreensão mais aprofundada no decorrer do estudo. Por meio desta técnica foi possível complementar os dados que iam sendo obtidos pela análise bibliográfica.

A *entrevista* foi fundamental para perceber como os participantes vivenciam o trabalho e a escola e para que os próprios jovens, pais e avós, fossem construtores do panorama analisado. Ou seja, a entrevista possibilitou que os entrevistados pudessem refletir sobre o que eles sabem e reconhecem neles mesmos, como sugere Lahire (1997). Assim, esses indivíduos foram ativos no processo de desenvolvimento desta pesquisa, tornando possível conhecer, a partir de suas falas, os contextos de sociabilidade nos espaços em estão inseridos. Utilizamos a entrevista reflexiva, levando em consideração

¹⁰ Número do Parecer: 3.195.982\ CAAE: 04280318.5.0000.5150

as contribuições de Szymasni (2011), uma vez que os jovens, seus pais e avós tiveram a oportunidade de refletir sobre as vivências relatadas. Esse recurso trouxe segurança epistemológica para o campo da pesquisa, evitando, assim que esses sujeitos se sentissem constrangidos e, por esse motivo, sempre que necessário, as questões eram reformuladas para melhor compreensão das perguntas propostas no roteiro de entrevista.

Para a construção metodológica deste estudo, levou-se também em consideração as contribuições de Minayo e Guerriero (2013), quando propõem que este seja um momento de proveito e que a entrevista faça sentido para os entrevistados. Retomando Szymasni (2011), o recurso da entrevista reflexiva para a construção dos dados confere lugar central às pessoas abordadas na pesquisa. Para que isso ocorra, a entrevista deve ser momento em que estes entrevistados sintam que estão, de fato, sendo ouvidos.

Ao todo, foram realizadas doze entrevistas no ano de 2019, no período de maio a outubro, quando se inicia a colheita de café seguida pelo período de “catação” do café. Todos os jovens selecionados estavam envolvidos no trabalho da “panha” do café e seus pais e avós também trabalham ou trabalharam na mesma atividade. Para não atrapalhar a rotina dos participantes, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e em locais escolhidos por eles.

Para a elaboração do roteiro de entrevista as contribuições de Lahire (2007) foram fundamentais, pois julgamos necessário entender que o jovem está inserido em um contexto, que poderá contribuir ou gerar nele formas de sociabilidade, podendo este jovem reproduzir ou não aspectos e experiências do meio em que está. Por isso, os roteiros de entrevista foram elaborados buscando conhecer o processo de socialização de cada jovem participante, de seus pais e avós, bem como as transmissões geracionais e o lugar do trabalho e da escola na vida dessas pessoas.

Para a construção e interpretação dos dados obtidos, foram construídos os três eixos já presentes no roteiro de entrevista: **socialização familiar, escolarização e trabalho.**

As questões pautadas na *socialização familiar* foram fundamentais para investigar as dinâmicas familiares, o processo de socialização de cada uma e como os laços de socialidade estão refletidos na vida de cada um dos jovens. Elas também foram importantes para a obtenção de informações sobre as rotinas familiares, sobre a composição da família e sua organização.

Através do eixo dedicado à *escolarização*, foi possível conhecer de forma mais aprofundada as dinâmicas escolares, tanto dos jovens como de seus pais e avós. A partir

das informações coletadas, tivemos a oportunidade de compreender como o processo de escolarização foi vivenciado por cada geração envolvida nesta pesquisa. Discriminamos aspectos da rotina, do comportamento, de como se viam enquanto estudantes e percebiam seu processo de escolarização de forma ampla, desde seu comportamento escolar, até as expectativas para o futuro, os planos relacionados à escola, e ainda seus comportamentos enquanto estudantes.

Em relação ao *trabalho*, foram levantados dados que permitiram conhecer um pouco mais da importância da panha colheita do café para os jovens, bem como para sua família. Ouvir seus pais e avós trouxe a oportunidade de levantar dados acerca do papel que o trabalho assumiu na família em momento anterior ao nascimento dos jovens, centrais neste estudo. Compreender o modo como se deu a inserção do trabalho na vida de cada um e conhecer a rotina, se tornaram possíveis por meio da exploração desse eixo nas entrevistas.

O roteiro de entrevistas foi dividido em dois blocos, sendo possível fragmentar a entrevista por tema e por encontro, visto que foram necessários vários momentos com os entrevistados no decorrer da pesquisa. No primeiro bloco, a entrevista foi pautada no perfil social e processo de socialização com a família, isto é, com os pais e avós. O segundo bloco foi organizado para contemplar questões relacionadas aos processos de escolarização e às experiências com o trabalho, tanto para os jovens quanto para os pais e avós.

A *observação orientada* ocorreu na hora da entrevista e em outros momentos de participação na comunidade. Também essa etapa foi orientada pelos eixos apresentados no roteiro e teve como objetivo trazer mais riqueza de informações sobre os entrevistados e o meio em que vivem. Esse cuidado epistemológico trouxe maior segurança para a pesquisa e, principalmente, para os entrevistados.

A observação também é considerada uma forma de construção de dados para conseguir informações sobre determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS, 1996, p.79). Além disso, a observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Por isso, esse tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado.

Com o objetivo de obter informações com moradores do distrito também procuramos manter conversas informais com pessoas da comunidade envolvidas nas

organizações das festividades religiosas e voluntários de projetos locais, para que algumas informações fossem averiguadas devido à falta de registros. Durante o percurso da pesquisa e com a proximidade com os jovens, os encontros com eles passaram a ocorrer fora dos momentos formais de entrevistas.

Estar no distrito em dias de festejos religiosos em que alguns participam de forma ativa, na banda de congado e nas encenações da Semana Santa, por exemplo, permitiu uma maior proximidade com a população local, além disso, concedeu a experiência de estar com os jovens da pesquisa em momentos de integração com seus pares, com sua família, e com o espaço em que vivem e se relacionam comunitariamente.

2.6 A seleção dos jovens entrevistados e suas famílias

Inicialmente, seriam entrevistados somente alunos do 9º ano, entretanto as informações necessárias para localizar esses jovens não foram cedidas pela escola. A princípio, a escola foi receptiva, porém, ao retornar para conversar mais especificamente sobre os estudantes que evadem por causa do trabalho nas lavouras de café percebemos uma certa resistência por parte da direção para nos receber.

No planejamento inicial da pesquisa, propusemos trazer dados de frequência na escola de estudantes do 9º ano. Além disso, pretendíamos fazer o levantamento do nome dos alunos trabalhadores. Mesmo que o endereço não pudesse ser fornecido pela escola, com os nomes seria possível contactá-los.

Uma nova diretoria assumiu a escola depois da renúncia do diretor anterior. Essa transição ocorreu há pouco mais de um ano. A diretora da escola não é moradora do distrito, fato que a diferencia dos outros diretores, que eram moradores locais. Com isso, apesar de o primeiro contato com a escola ter sido positivo, não houve receptividade posteriormente em relação à pesquisa. As tentativas de contato não eram mais respondidas e não fui mais atendida pela equipe gestora. Desta forma, foi necessário traçar uma nova estratégia para que o estudo fosse realizado.

As dificuldades forçaram a mudança de estratégia. Para chegar aos jovens trabalhadores, foi necessário buscar auxílio de uma aluna do 2º ano que sabia o nome de estudantes que trabalhavam na lavoura de café. A partir desses dados informais, foi realizado o primeiro levantamento de jovens que poderiam ser entrevistados. Desse modo, os contatos foram feitos sem a mediação da escola.

Com a mudança de estratégia, ao invés de selecionar os jovens para a pesquisa por meio da listagem de frequência na escola, a localização e seleção dos depoentes ocorreu por meio de indicação e mapeamento. Com uma listagem preliminar dos possíveis entrevistados, chegamos a uma listagem de nomes de estudantes que trabalhavam nas lavouras de café no período de colheita. Dessa maneira, foram estabelecidos os primeiros contatos, alguns pessoalmente, outros por telefone. Avaliando hoje a mudança de estratégia de acesso aos jovens e a seus familiares, constatamos que não é possível julgar se teria sido melhor ou não que o primeiro contato tivesse sido feito com mediação da escola, pois tal intermediação pela instituição poderia soar como uma obrigação escolar para os jovens, ou como uma atividade extraescolar, embora permitisse que os entrevistados fossem localizados mais rapidamente. Por outro lado, poderia causar menos estranhamento a alguns desses estudantes, visto que o contato inicial com alguns deles gerou um pouco de desconfiança, resultado do fato de haver uma pessoa interessada e curiosa para saber sobre suas vidas, suas atividades e sobre suas famílias, onde sua autoimagem pode ser construída, seus valores foram aprendidos e algumas referências simbólicas dos membros desta família são mantidos e resguardados podem gerar estranheza (SARTI, 2004). Assim, compartilhar de suas experiências e espaços que são íntimos e afetivos pode ter causado o primeiro momento estranheza, sobretudo, tendo-se em vista que todos os entrevistados não haviam tido essa experiência anteriormente.

No início das entrevistas, a comunicação foi difícil. Os estudantes ficaram desconfiados e muito retraídos ao saberem que a pesquisa era sobre o trabalho e a escola. A dificuldade para abordagem dos jovens persistiu até o momento em que começaram a se sentir mais seguros e confortáveis para falar de si mesmos e de suas vivências. A preocupação com a utilização de uma linguagem menos rebuscada e o ambiente descontraído para que os jovens se sentissem confortáveis para participar foram fundamentais. Diante da resistência inicial dos entrevistados para falar, destinamos os primeiros contatos a apenas lhes apresentar a pesquisa. Com tempo e paciência, a desconfiança inicial de que sofreriam algum tipo de punição por falarem de seu trabalho, da sua relação com a escola e com sua família foi dando espaço para a conversa e a partilha de experiências.

Assim, ao longo do tempo foi possível chegar até outros estudantes que também compartilhavam da rotina do trabalho nas lavouras e, à medida que adquiriam confiança, se sentiam à vontade e confortáveis para indicar outros colegas para a entrevista e convidar seus pais e avós para integrarem a pesquisa.

Diferentemente dos jovens, seus pais e avós me receberam com menos estranheza e com um sentimento de alegria por poderem compartilhar um pouco de suas experiências com alguém que não fazia parte do seu convívio diário. Ao agradecer pelo momento de conversa um dos pais me agradeceu por tê-lo achado “suficiente” para tal. Visto que, no primeiro contato, eu explicava que se tratava de uma pesquisa de mestrado e os detalhes que estavam envolvidos no trabalho.

Os pais e avós me acolheram em suas casas com entusiasmo e com disposição e em várias entrevistas as casas estavam com mais membros da família, mas que não participavam das entrevistas. Geralmente, se sentavam para ouvir e saíam logo depois. O momento de entrevistas com os pais e avós era posterior ao de depoimentos dos jovens.

No próximo capítulo traremos as observações feitas no campo de pesquisa, bem como os dados obtidos por meio das entrevistas, sendo estes interpretados através das categorias de análise preestabelecidas.

3. TRABALHO DE JOVENS NAS LAVOURAS DE CAFÉ: ENTRE AS URGÊNCIAS DA VIDA E AS EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES, SEUS PAIS E AVÓS

Neste capítulo conheceremos um pouco do contexto familiar em que estes jovens estão inseridos. Por meio das entrevistas com pais, avós e os próprios jovens da pesquisa, buscamos compreender a importância do trabalho e da escola em suas vidas, bem como as formas de transmissão de práticas, valores e visões de mundo.

As entrevistas foram feitas durante junho e dezembro do ano de 2019 com quatro jovens do distrito matriculados na escola do mesmo, a Escola Estadual José Lourenço de Freitas, situada em Viçosa- MG, seus pais e avós. Todas as entrevistas com os jovens foram realizadas em mais de um encontro, devido à necessidade de maior proximidade com os entrevistados, para que os mesmos pudessem adquirir confiança e se sentir à vontade o suficiente para compartilharem de suas experiências.

Os encontros ocorreram, primeiramente, em suas residências. Logo após, os encontros tornaram-se frequentes, o que possibilitou que também ocorreram em festas no distrito, eventos familiares, comemorações e em espaços que os jovens se sentiam à vontade em me convidar, como algumas festividades públicas locais.

Os pais e os avós foram ouvidos somente no domicílio, respeitando a disponibilidade de cada um, em relação aos agendamentos. Com os jovens, as entrevistas iniciais ocorreram em seus domicílios, porém, notei que alguns assuntos relativos aos projetos futuros de trabalho e escolarização eram temas que os entrevistados não se sentiam à vontade para falar perto de algum familiar. Dessa forma, assim que percebia qualquer desconforto na abordagem de alguns assuntos durante as entrevistas no domicílio, quando algum parente estava próximo, repetia as perguntas com outras palavras em outra oportunidade e local, que não houvesse ninguém da família por perto.

É relevante registrar, que na busca para compreender de forma mais ampla as realidades destes jovens entrevistados, foi necessário amparo em recursos metodológicos rigorosos, para trazer as impressões e interpretações sociológicas daquilo que eu observava e ouvia, buscando com esforço apresentar o contexto de vida desses jovens, pais e avós trabalhadores e sua relação com a família e escola.

Deste modo, foi de extrema importância não apenas ouvir os jovens, mas também seus pais e avós, analisar o contexto de forma abrangente, levando em consideração as práticas sócio culturais (CARRANO; LEÃO, 2009). Compreender as experiências

familiares, o contexto de sociabilidade em que estes jovens se inserem, as vivências comunitárias com seus pares, colegas da escola e vizinhança. Todos esses aspectos mencionados por eles durante as entrevistas, possibilitou conhecer os espaços em que transitam, não somente físicos, mas os espaços sociais, ocupados por esses jovens neste momento de suas vidas em que estudam e trabalham e se constituem como jovens, filhos e netos trabalhadores.

Refletindo sobre as trajetórias dos sujeitos da pesquisa, incluindo as vivências escolares, no trabalho e com duas gerações pregressas, optamos por análises das entrevistas feitas a partir de eixos que nortearam a pesquisa, sendo eles: *socialização familiar, escolarização e trabalho*.

Assim, as informações concedidas pelos jovens durante as entrevistas, foram apresentadas e textualizadas a partir de tais eixos. Possibilitando que diferentes facetas de suas vidas fossem abordadas a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturado, levando em conta suas vivências e as relações sociais que estabeleceram durante a vida até a constituição de sua condição juvenil.

No item 3.1, apresentaremos os jovens entrevistados, seus pais e avós. Deste modo, será possível conhecer um pouco dos familiares e experiências no trabalho e em seus processos de escolarização. O item 3.2, trata a relação dos jovens com a comunidade e as percepções do distrito onde moram.

A socialização familiar: Suporte e solidariedade entre as três gerações será retratado no item 3.3, a partir das informações sobre as dinâmicas familiares, o processo de socialização de cada uma. No item 3.4, é possível compreender como o processo de escolarização foi vivenciado, as expectativas para o futuro e os planos relacionados à escola.

Em relação ao trabalho foram levantados dados que permitiram conhecer de um pouco mais da importância da panha colheita do café para os jovens, bem como para sua família que serão abordados no item 3.5.

3.1 Os jovens do distrito, seus pais e avós

Família 1 – Estudante João

João¹¹ 18 anos, negro, estudante do primeiro ano do ensino médio, trabalhador na colheita do café

João foi um dos primeiros jovens contatados para a realização das entrevistas. O início foi mais difícil, visto que, o primeiro contato não ocorreu por meio da escola. A abordagem foi pensada de forma que não o assustasse e causasse algum constrangimento ao estudante. Pelo fato de querer saber sobre suas experiências, inclusive no trabalho. João de início se mostrou receoso, mas em nenhum momento ele hesitou em ceder a entrevista, e logo nos contatos iniciais foi solícito. Compareceu no dia e hora marcada como planejamos previamente por trocas de mensagens na internet, pelo aplicativo WhatsApp.

Antes das entrevistas marquei alguns encontros para explicar do que se tratava a pesquisa e de como seria desenvolvida. Não precisava somente a provação do jovem para a realização das entrevistas, mas também dos pais e avós. Deste modo, todos os envolvidos e participantes precisavam me receber, para que tivesse a oportunidade de explicar do que se tratava e fazer o convite para as entrevistas.

Com o passar dos encontros, João se tornou um dos mediadores na busca por mais jovens estudantes, trabalhadores na lavoura, que tivessem pais e avós vivos, exercendo atividade laborativas nas lavouras no período de colheita do café. Esse contato facilitou para que João tivesse mais abertura para conversar e estabelecermos assim, uma relação de confiança, visto que do grupo de jovens entrevistados ele é o mais tímido, estes momentos se tornaram fundamentais para que ele participasse das entrevistas com tranquilidade.

Durante todo o tempo das entrevistas, ele esteve preocupado com o fato de mais alguém estar ouvindo a conversa e em nenhum momento aceitou falar perto de outros jovens. Sendo ele o primeiro a se opor à formação de um grupo focal, pensado como um recurso que poderia ser adotado na realização desta pesquisa. De todos os jovens entrevistados, João foi o mais reflexivo em diversos momentos e disse nunca ter parado para pensar sobre algumas questões, principalmente, relacionadas ao seu futuro.

¹¹ Conforme mencionado no capítulo 2, os nomes dos depoentes são fictícios.

Durante o período em que estive no distrito para a realização da pesquisa ele foi o que eu menos encontrei ocasionalmente, nas festas da comunidade, na quadra de esportes ou na rua. Os nossos encontros só foram possíveis porque marcamos, dia e hora certa.

João tem em seu histórico duas reprovações, e ao falar de assuntos relacionados à escola, principalmente da escolarização de seus pais, ele ficou mais tímido, e teve dificuldades para elaboração das respostas. Seu pai estudou até a 4ª série e sua mãe até a 5ª série.

Ele mora com os pais, uma irmã mais velha, que tem ensino médio completo e o ajuda no que precisa em atividades propostas pela escola. Moram em uma casa cedida por seu avô, uma casa de dois andares, dividida com o tio. A casa é composta por três quartos, um banheiro e uma cozinha, não tem área de serviço e nem quintal. Para lavar roupas é necessário usar o espaço da casa do tio. A família se orgulha do fato de não pagarem mais aluguel e de estarem fazendo as modificações que julgam necessárias para que a casa fique da forma como sonham.

João deixa claro, que o sustento da casa não depende de seu trabalho e que sua mãe trabalha unicamente no período da “panha”, durante todo o restante do ano se dedica somente às tarefas do lar. A irmã mais velha, trabalha em uma mercearia do distrito e seu pai não tem emprego fixo. Trabalha na lavoura no período da colheita do café quando não encontra outro serviço, trabalha no que encontrar, muitas vezes, como servente de pedreiro. O sonho dos pais de João é que ele se torne engenheiro mecânico, entretanto, ele não se vê assim no futuro. Seu plano é estar casado, trabalhando de servente, pensando em ter filhos e morando no próprio distrito.

Marilda, 42 anos, negra, mãe de João

A senhora Marilda é a mãe de João e apesar de muito tímida, aceitou ser uma das entrevistadas. O fato de participar de uma pesquisa a deixou feliz, sentindo-se lisonjeada pelo convite. Dona Marilda, tem grande parte de sua família; irmãos e pai morando no distrito e afirma que o fato de ter os familiares por perto, faz com que as dificuldades da vida sejam superadas com mais facilidade, devido ao apoio que recebe dos mesmos.

A casa em que mora com a família foi cedida por seu pai, que construiu uma casa menor em um lote que possuía também no distrito. Desta forma, os dois andares foi dividido entre ela e o irmão e conforme afirmou João, o fato de não precisarem pagar aluguel é motivo de grande alívio. Ela e seu esposo estudaram somente até as séries iniciais do ensino fundamental e diz não saber escrever muito bem e lê com bastante dificuldades. O

seu esposo trabalha com o que aparece, faz “bicos” de todo o tipo, desde trabalho na roça a construção civil como servente.

Durante a infância, a senhora Marilda já dividia a rotina de trabalho em casa com os estudos, o que traz proximidade com a trajetória escolar dos seus filhos. Entretanto, se orgulha da filha que já concluiu o ensino médio e de João, que apesar de estar atrasado devido suas duas reprovações, ainda segue estudando. Ela se orgulha de se dedicar às atividades do lar e de ter acompanhado os seus filhos durante toda a infância diariamente. Segundo Marilda, algumas mães optam por trabalhar e que os filhos sejam cuidados por terceiros. Acredita, que por ter sido presente no dia a dia, desde a infância dos filhos e por crescerem sob seu olhar e cuidado, estão protegidos e menos suscetíveis a estarem em más companhias.

A senhora Marilda relata que comparece às reuniões da escola e faz questão de saber “como estão as coisas”, mesmo o filho sendo maior de idade. Para ela, o trabalho sazonal na lavoura, gera renda extra e possibilita estar com os filhos na maior parte do dia. Marilda apoia o trabalho dos filhos, tem orgulho em dizer que, eles aprenderam com o trabalho pesado que estudar seria uma forma de ter um emprego melhor.

Expedito, 63 anos, negro, avô de João

O senhor Expedito é viúvo, mora em uma pequena casa de três cômodos no distrito. A casa sem rebocos e de telha é apresentada com orgulho por ele, enquanto frisa que mora em uma das ruas mais tranquilas do distrito. Relata, que durante toda vida trabalhou bastante e que “nasceu trabalhando e morrerá trabalhando”. Em seu pequeno quintal, exhibe uma horta com verduras e legumes, que devido a fartura é possível dividir com seus filhos e amigos. Passa a maior parte do tempo cuidando do quintal e dos animais; galinhas, patos e pássaros.

O senhor Expedito é respeitado no distrito e conta, que é muito conhecido na região. Apesar de ter vindo da Zona rural próxima ao distrito, sempre foi acolhido como se fosse “filho da terra”. Sua devoção a nossa Senhora do Rosário é um dos motivos que mais se orgulha em sua trajetória de vida, bem como a formação de sua família.

Em relação a educação de seus netos, o senhor Expedito diz não interferir e que tem uma boa relação com seus filhos e netos. Fica feliz por estarem seguindo um “bom caminho” e por não deixarem os estudos de lado. Segundo ele, os dias de hoje geram mais oportunidades e que não teve as mesmas oportunidades que seus descendentes. Espera

que seus netos tenham um futuro promissor e feliz. Ele garante que se tivesse estudo, teria uma vida mais confortável e seria “alguém na vida”.

A rotina difícil na infância, a fome que recorda ter vivido com os pais e irmãos, que eram 11, gerou a necessidade que todos trabalhassem desde muito pequenos. Recorde que o trabalho na lavoura era predominante na região, sendo esta, uma oportunidade para que a família pudesse trabalhar e ter o sustento garantido. Segundo o senhor Expedito, só ficava à toa quem não tivesse coragem para o trabalho e que faltavam pessoas para que a colheita fosse feita antes que o café secasse na lavoura, devido a boa produção. O senhor Expedito se orgulha em dizer que a maior herança que deixará para os filhos é a honestidade e coragem para trabalhar, e espera que os netos, cresçam tendo a mesma coragem.

Família 2 – Estudante Pedro

João, 17 anos, negro, estudante do primeiro ano do ensino médio, trabalhador na colheita do café

O Pedro foi o primeiro jovem a ser entrevistado. Apesar de não ter sido o primeiro com quem tive contato, ele foi o que mais rápido se organizou para que as entrevistas se tornassem possíveis. Entretanto, no início ele se mostrou desconfiado em falar de suas experiências de trabalho e do seu processo de escolarização. Percebi que era por medo de algum tipo de repressão. Inicialmente, ele imaginou que se tratava de algo relacionado ao conselho tutelar da cidade e que ao final, seria proibido de trabalhar. No decorrer das conversas e dos primeiros encontros para que tivéssemos mais aproximação e ganhasse sua confiança, Pedro se mostrou curioso em saber por que outras pessoas, principalmente as que estão na universidade se importariam em conhecer e “estudar essas coisas”. Confessou ter participado de outras pesquisas e de já ter respondido alguns questionários, mas o fato de ter a sua família envolvida em algum estudo, era um fato novo, que o deixou bem animado.

Pedro, mora em uma casa de três quartos, sala, cozinha, banheiro e uma pequena varanda. Segundo ele, sua casa é o maior presente a família recebeu de Deus, reconhecendo que várias pessoas “não tem a sorte de ter uma casa própria para morar”. Pedro não nasceu na cidade, veio morar no distrito quando tinha sete anos de idade, na época seus pais se separaram e o seu pai, que antes trabalhava como caseiro em outra cidade, veio morar no distrito para ficar perto da mãe e ter auxílio da mesma, no cuidado

com os filhos. Pedro, tem mais quatro irmãos e todos ficaram sob os cuidados do pai após a separação.

O jovem entrevistado, é o filho do meio e diz que os irmãos mais velhos não estudam, mas trabalham. O primogênito se mudou de cidade, para buscar trabalho na construção civil, permanecendo quatro filhos morando com o pai. Moram em casa própria e ele, o irmão e o pai trabalham. Pedro, não tem muito contato com a mãe, e apesar de estar morando em uma cidade próxima, eles não se veem com frequência. Relata que a mãe estudou até a quarta-série e o pai até a sexta-série. Demonstra sempre, muito respeito pelo pai e diz ser cobrado por ele, pra que continue estudando. O jovem não sabe detalhes sobre a vida dos avós, e diz não ter conhecido o avô que morava no distrito, tendo convivido somente com a avó paterna.

Pedro tem grande admiração pela avó, exemplo de força para ele e sua família, se orgulha ao citar as atividades laborativas de que a matriarca se ocupou durante a vida de trabalho na roça com feijão e café. Seu pai, aprendeu o trabalho na roça com a avó que ficou viúva cedo, mas sempre, teve vontade de conseguir trabalho no centro da cidade, com possibilidade de trabalhar de carteira assinada, com jornada fixa. Sendo assim, seu pai o incentiva para que continue estudando. Pedro tem em seu histórico escolar uma reprovação e já pensou em parar de estudar para trabalhar, hoje o faz durante o período da colheita de café pois, segundo ele, pode ir depois que chega da escola, visto que estuda de manhã, passa o período da tarde trabalhando. Mas confessa, faltar algumas vezes a aula para iniciar a jornada de trabalho logo pela manhã, acreditando que tal ato, não interfere no seu desempenho escolar. Em relação ao seu futuro, se vê daqui dez anos, com “um empreginho”, morando no Rio de Janeiro, solteiro e sem família, apesar do seu pai torcer para que permaneça estudando e conquiste uma vaga na universidade Federal da cidade.

Vicente, 43 anos, pai de Pedro

O senhor Vicente mora com quatro dos seus cinco filhos no distrito, e conta com a ajuda de sua mãe para educá-los. Vicente, se mudou de cidade em busca de melhores condições de vida na esperança de ter um emprego de carteira assinada, quando conheceu a esposa. Ao perceber que o sonhado emprego de carteira assinada era uma realidade pouco possível na cidade em que morava, com o fim do relacionamento retornou ao distrito em companhia dos filhos, que permanecem com exceção ao filho mais velho, que não mora mais com ele. Acreditando que perto da mãe teria mais facilidade e apoio para

educar os filhos vive próximo, mas não cogitou permanecer morando na mesma casa que ela. Vicente estudou até o sétimo ano do ensino fundamental e relata com pesar que parou de estudar, pois, não conseguiu conciliar os estudos com a rotina de trabalho. Seu desejo era ter um emprego de carteira assinada, com horários fixos para o trabalho, desta forma, seria mais fácil organizar a sua rotina para cuidar dos filhos. Fato este, que se realizou durante o período de realização da pesquisa, conseguiu um emprego em um supermercado da cidade, na função de repositor. Passando pelo período de experiência e de efetiva contratação com carteira assinada. É um incentivador para que os filhos estudem e se formem, mas afirma que não interfere nas escolhas que fazem e aceita a vida que cada um escolher.

Durante a infância ele fez todo tipo de serviço; na lavoura de café, em plantações de milho e tomate na região e “nunca escolheu trabalho”. Entretanto, gostaria de trabalhar de forma menos desgastante. O trabalho na lavoura de café não traz boas lembranças para o senhor Vicente, que diz, ter sofrido muito com tal atividade. Quando criança, não tinha o peso e responsabilidade da vida adulta, mas mesmo assim trabalhava na infância devido a necessidade da família.

As crises de bronquites e pneumonias que se repetiram em intervalos curtos de tempo, estão na memória do senhor Vicente, relata que debaixo de sol ou chuva ia cumprir sua obrigação, para que não faltasse alimento na mesa. O frio, a palha do café molhada, o corpo molhado durante os dias de chuva ou o sol escaldante que não dava trégua, são as memórias que ficaram gravadas e das quais se recorda quando fala do trabalho na lavoura. Espera que ao desenvolver tal atividade, os filhos percebam que estudar é a melhor opção, e que aproveitem a oportunidade de terem uma escola próxima de casa, além de, total apoio por parte dele para continuarem estudando e batalhando por um futuro melhor. Que tenham fartura na mesa e uma atividade de trabalho menos desgastante.

Nos contatos iniciais com Pedro, seu pai não estava trabalhando de carteira assinada, mas conseguiu uma vaga de repositor em um mercado da cidade o que lhe causou bastante alegria. Ao fim das entrevistas, ele já estava contratado e feliz pela oportunidade, apesar de ter conseguido uma vaga em um emprego que, segundo ele, tem muito rotatividade, por se tratar de uma atividade que exige bastante esforço físico, espera permanecer neste emprego e ter oportunidades de progresso na empresa. O fato de estar empregado e acordar todos os dias, sabendo que ao final do mês receberá um salário fixo, o traz tranquilidade, pois, seu maior medo é que os filhos passem por dificuldades como ele na infância.

Antônia, 65 anos, negra, avó paterna de Pedro

A senhora Antônia é viúva, mãe de quatro filhos, todos moram no distrito e moram próximos a sua casa. Quando Pedro tinha sete anos de idade e retornou ao distrito, sua avó Antônia, foi a pessoa que apoiou o senhor Vicente e o ajudou no período de adaptação de nova rotina e responsabilidade. Entretanto, diz não interferir na educação dos netos, somente ajudou e se disponibiliza se houver necessidade. Só interfere ativamente na rotina dos netos, quando solicitada pelo filho Vicente.

É animada e gosta de cozinhar para os filhos e netos, faz questão de estar com eles nos momentos importantes voltados a religiosidade e diz não sair muito de casa, mas tais eventos, ela diz não faltar, Como: batizado, primeira eucaristia, crisma e casamentos.

Em sua casa, que segundo ela é sua maior conquista, se reúnem todos, aos finais de semana, se tornou este um evento semanal. Por motivos de doença e devido à sua idade, sua família não a deixa ficar sozinha durante a semana, havendo um revezamento dia a dia dos seus filhos e netos para que, principalmente, no período da noite não fique sozinha. Fato que a incomoda bastante, pois sente que atrapalha a rotina de sua família, causando incômodo.

Dona Antônia é aposentada, por motivos de doença e faz questão de deixar registrado que o fato de não trabalhar, não é uma escolha dela. Com doenças crônicas e dificuldades de se locomover fica impossibilitada de exercer até as atividades domésticas, não abrindo mão de pelo menos preparar as refeições, motivo de alegria, da qual não se priva mesmo com dificuldades.

Em relação ao seu casamento, ela não traz boas recordações, a vida boemia do marido lhe trouxe muito desgosto e o fato de chegar em casa embriagado sempre foi motivo de tristeza para ela e para os filhos. Ressalta, que tudo o que conquistou foi após a morte do esposo, que devido ao vício em jogos comprometia o sustento da família. Deste modo, a senhora Antônia buscava formas de trabalhar, juntamente com seus filhos, no que aparecia. O trabalho na lavoura de café, esteve presente em sua vida mesmo depois de já se considerar idosa, mas já não fazia por necessidade. Visto que, os filhos já estavam criados era uma oportunidade de sair de casa e passar um tempo fora, com pessoas conhecidas e fazendo uma atividade que ela “não considera das piores”. Ao ser questionada, o trabalho que voltaria a realizar por extrema necessidade era colher feijão e plantar de alho. Atividades que relata ter lhe causado extremo desgaste físico.

Entretanto, deixa claro que o serviço na roça, qualquer que fosse, é mais apreciado por ela, que os serviços domésticos.

Sobre a criação dos filhos diz se orgulhar, por sempre a respeitarem e buscarem uma vida baseados nos princípios e valores que ela pôde passar, principalmente em relação a religiosidade.

Dona Antônia não estudou, fato que a envergonha, e explica que “não teve essa alegria” em sua vida. Disse que os filhos a incentivaram para que participasse de um projeto de educação de adultos, desenvolvido há uns anos no distrito, por professores voluntários, mas ela não se sente mais à vontade para aprender e diz que “esse tempo já passou”.

Em relação aos netos, acredita que os filhos têm uma missão difícil de educá-los nos dias de hoje, e que se alegra pelo fato de estarem crescendo com saúde e no caminho do bem, buscando a Deus, estudando e trabalhando.

Família 3 – Estudante Felipe

Felipe, 16 anos, pardo, estudante do 1º ano do ensino médio, trabalhador na colheita do café

O Meu contato com o Felipe foi mais tardio e tive uma grata surpresa. Dos quatro jovens que entrevistei, ele foi o último que consegui marcar de nos encontrarmos. A organização familiar dele é diferente dos outros, a casa é organizada para que a mãe não entre em “condições de perigo”, devido a uma depressão severa na qual convive há anos. A figura maternal ligada ao afeto e cuidado, não aparece da mesma forma que nas outras casas, nas famílias dos outros jovens. A família de Felipe, desenvolveu uma dinâmica de organização familiar diferente das demais participantes da pesquisa. Ele se tornou responsável pela mãe, seu afeto por ela é revelado no zelo para que seu bem estar seja preservado.

A casa em que mora com os pais e o irmão mais velho, tem cinco cômodos sendo dois quartos, banheiro, cozinha e sala, além de uma varanda com um fogão a lenha, como se fosse uma extensão da cozinha. Os cômodos são pequenos com mobília em bom estado de conservação. O senhor José, pai de Felipe, disse que sua companheira não consegue realizar algumas atividades, como cozinhar por exemplo, mas ela é muito dedicada e preocupada com a organização da casa, e passa o dia cuidando para que esteja todo em ordem. A casa tem um pequeno quintal com verduras, legumes, galinheiro, chiqueiro.

Não tem reboco em todos os cômodos e a pintura é feita somente em cima da parede de chapisco.

Felipe, seus pais e seu irmão mais velhos, se orgulham em morar em casa própria. O irmão de Felipe não concluiu os estudos, parou de estudar quando estava no 1º ano do ensino médio. Das quatro pessoas que moram na casa, somente sua mãe não trabalha devido a sua saúde debilitada. O pai, senhor José, trabalha na roça desde a infância.

Nos dias que estive na casa de Felipe para a realização das entrevistas, não consegui estabelecer nenhum tipo de diálogo com sua mãe. Eles não souberam explicar ao certo quais os problemas de saúde que a afetam, mas além de outras doenças crônicas, ela sofre de depressão que foi se agravando ao longo do tempo. Uma informação relevante é que os sintomas surgiram quando Felipe ainda era bem pequeno. O irmão de Felipe, Tiago, trabalha em uma granja no distrito vizinho e passa todo o dia no trabalho, em um dos dias também estava presente, mas não permaneceu por muito tempo e não demonstrou se sentir à vontade para estabelecer nenhum tipo de diálogo.

Sobre sua relação com a família, pude observar que Felipe tem grande senso de responsabilidade, nas duas entrevistas feitas em sua casa ele sempre mantinha atenção em sua mãe, procurando saber o que estava fazendo. No momento em que falou do seu futuro, seus pais também ganharam destaque e pretende daqui a dez anos ter os pais por perto, ainda dividindo a mesma casa e com condições financeiras melhores.

Felipe não tem nenhuma reprovação, é muito convincente em dizer que quer continuar estudando e quer tornar médico veterinário. Por seus próprios meios, procurou saber mais sobre a profissão que pretende exercer, e a questão remuneratória logo apareceu. A possibilidade de ter um emprego estável, com carteira assinada o atrai e ele quer buscar melhores condições de vida por meio da sua escolarização.

O trabalho na lavoura de café que Felipe exerce hoje, é motivo de orgulho por ter seu próprio dinheiro e ser um meio para alcançar seu objetivo, que no momento é comprar uma moto. Entretanto, ele não se prende ao presente, planeja um futuro diferente da realidade do pai. Esse período de trabalho na colheita, é transitório. Sonha em chegar ao nível superior e começar a trilhar um caminho diferente. Não quer dispensar nenhuma oportunidade de emprego, o que lhe possibilitaria melhores condições financeiras. Ele afirma que se preciso for, trabalhará em outra cidade, e se tiver condições, levará os seus pais.

Felipe é um jovem que, apesar de ter desejo de prosseguir estudando, encontra algumas dificuldades; a falta de acesso a tecnologias, dificuldades de conseguir materiais

para estudar em casa, são alguns exemplos que podem ilustrar. Durante o período de realização da pesquisa e com o contato em diversos momentos, fui notando que ele tinha muitas curiosidades, como por exemplo, o interesse em saber da minha rotina enquanto estudante.

No distrito, tem uma propriedade pertencente a uma Faculdade privada da cidade, que juntamente com a Universidade Federal de Viçosa se destaca no curso de Medicina Veterinária. Há poucas ruas da sua casa funciona a unidade III da faculdade, que ficam os equinos sob supervisão dos responsáveis da instituição para aulas práticas, tanto do curso de medicina veterinária quanto para o desenvolvimento de um projeto de fisioterapia, em que os estudantes recebem alunos com deficiência para equoterapia. Com o tempo de convívio, durante a pesquisa, ele me confessou que não frequenta os espaços da universidade, não participa de nenhuma atividade aberta à comunidade e, apesar de confessar que gostaria de cursar veterinária por gostar muito de animais, não frequentava os espaços disponíveis para visitação referentes ao curso.

Entrei em contato com a instituição, por meio de um amigo do curso de fisioterapia, que prontamente o recebeu na instituição para passar o dia lá, verificar como são desenvolvidas as atividades conjuntas dos estagiários e Felipe aceitou de imediato e com muito entusiasmo. Foi o primeiro contato dele direto com alunos do curso e com uma instituição de curso superior.

Tive a oportunidade de mediar o seu presente com o futuro almejado, e espero que essa troca que tivemos durante esse período do mestrado, desperte a curiosidade em buscar conhecer mais o curso e, além de o inspirar a continuar estudando. Expliquei também, como são as regras para submissão ao Enem. Segundo Felipe, em sua família ninguém chegou ao ensino superior. Ele não sabia como era tal dinâmica e mostrou muito interesse e vontade de quebrar um ciclo familiar e se formar.

José, 46 anos, pardo, pai de Felipe

O pai de Felipe fala com orgulho do filho ser “pra frente”, devido sua facilidade em se comunicar. O senhor José estudou até o 3º ano do ensino fundamental, hoje em dia o quarto ano. Conta como a infância foi difícil. O pai não era presente e era alcoólatra. Os irmãos, que com ele eram sete, tinham que trabalhar muito para sustentar a família. As jornadas de trabalho diário, eram mescladas à rotina da escola, que também foi marcada por sacrifício. Somente a irmã caçula do senhor José, prosseguiu os estudos até

chegar ao ensino médio, mas não concluiu. Todos os outros irmãos não passaram da quarta série.

Durante o período de estudos, o dia a dia era marcado por uma rotina de trabalho, intercalado ao período da escola. Toda a sua trajetória escolar foi no período da manhã, e a rotina de acordar cedo e cumprir tarefas já nas primeiras horas do dia são memórias que foram contadas e revividas por ele em uma tarde de muita conversa em sua casa. Na maior parte do tempo, estivemos sozinhos para a entrevista e em alguns dos momentos que Felipe esteve presente, não fez nenhuma interrupção ou se mostrou surpreso com o que seu pai contava.

O senhor José faz questão de dizer que é o provedor da família e que a renda de sua companheira não é utilizada para as despesas da casa. Diz que tem muita proximidade com os filhos, o que permite também, ter maior controle sobre eles.

Segundo seu depoimento, diferentemente dos outros pais entrevistados, não pressiona os filhos para que continuem os estudos, ele os deixa escolherem o que desejam para si em relação ao seu futuro, mas deixa claro que gostaria que estudassem para que tivessem mais “instrução” do que ele teve. Acredita que nos dias de hoje, as oportunidades de acesso são melhores do que quando era criança o que facilitaria para que os filhos continuem estudando.

O senhor José, tem predileção pelo trabalho na lavoura do café, e o tempo que não se dedica a tal atividade trabalha para ele próprio, com plantio de verduras, legumes e no cuidado de animais. Ele se refere ao trabalho na lavoura, como um trabalho menos sacrificante que outros: plantio de feijão, milho, cana de açúcar. Trabalho que iniciou na infância, não conseguindo ser preciso na idade que iniciou. Depois de se inserir em tal atividade na lavoura de café com sua mãe, ele diz nunca ter pardo. Diz com orgulho, ter fama de ser um “panhador bom de café”, e tudo o que tem em sua casa foi conquistado com seu trabalho na lavoura.

Ao final da entrevista, enquanto caminhávamos juntos em direção a saída, tive a curiosidade de perguntar a Felipe se ele já havia escutado aquelas histórias, em outros momentos de convívio com seu pai, se sabia como havia sido rotina dele e dos tios desde a infância no trabalho da colheita. Ele disse que sim, e revelou-me sorrindo que sempre quando falta energia em casa o pai lembra de como era a infância sem energia elétrica em casa e assim se iniciava as conversas longas e histórias sobre a infância.

Na segunda vez que estive na casa do senhor José ele estava mais contido para responder as perguntas, e precisei fazer mais intervenções para que falasse mais. Notei, que ele teve mais empolgação para falar dos seus filhos do que de si próprio.

Joana – 64 anos, negra, avó paterna de Felipe

Dona Joana é matriarca da família e se tornou responsável pela educação e sustento dos filhos depois de ficar viúva. É mãe de oito filhos e reside na mesma casa no distrito é a mesma desde que chegou. Contou com a ajuda da filha mais velha, que na época, já era casada e morava no mesmo. A morte de seu esposo marca um recomeço e transição em sua vida e de seus filhos, que deixaram a casa em que moravam, onde o pai trabalhava como “caseiro” nas proximidades, para se mudarem para o distrito. Uma casa de três quartos, sala, cozinha, copa, varanda, cozinha com fogão a lenha na parte externa. A pintura da casa é antiga, a mobília e objetos de decoração são orgulhosamente mostrados por dona Joana, bem como as fotos na estante da sala que refletem o encontro de gerações naquele espaço.

Ela e o esposo não estudaram, e conta que tal oportunidade era um privilégio de algumas poucas famílias, que morassem próximas as escolas e que poderiam pagar pelos estudos dos filhos.

O trabalho tem um papel importante no período de transição e organização da vida em outra localidade, que garantiria o sustento familiar e deixa de estar concentrando ainda que formalmente, como antes, na figura do pai. Apesar de não exercer as atividades laborativas como caseiro, devido ao alcoolismo, tais tarefas eram desenvolvidas pela esposa e filhos, entretanto, era o marido dona Joana quem recebia o dinheiro e o administrava. Esse papel de prover o sustento familiar, posteriormente, se concentra na mãe, que passa a ser uma referência para seus filhos.

Durante o período de entrevistas, dona Joana, me acolheu de forma muito gentil em sua casa, e nossos encontros foram divididos em dois dias. Um dos dias agendados, ela pediu que remarcasse, pois, precisou ficar um período internada por motivos de doença. Apesar de todo o ocorrido e de achar que não conseguiria finalizar as entrevistas, ela teve alta e retornou à sua casa. Prontificou-se a continuar e pediu que Felipe pudesse entrar em contato para darmos seguimento. Nesses dias que estive presente em sua casa, com data e horários previamente agendados, não houve a presença de seus filhos ou netos, o que garantiu que os momentos de entrevista e conversa não tivesse interrupções.

Segundo dona Joana sua casa sempre está cheia. Seus filhos e netos sempre dão pelo menos uma passadinha por lá para visitá-la. Dona Joana é uma senhora séria e menos falante que seu filho e seu neto.

Família 4 – Estudante Lívia

Lívia, 16 anos, negra, estudante do primeiro ano do ensino médio, trabalhadora na colheita de café

Lívia foi a única menina a ser entrevistada, entre os jovens. Inicialmente, foi pensado em um número igual de meninos e meninas, mas devido a forma de contato que foi mediada por uma estudante do 2º ano e não pela escola, não foi possível identificar os alunos trabalhadores como foi planejado. Se os contatos fossem mediados pela escola, pela listagem de frequência seria possível chegar aos estudantes de forma mais rápida, e saber o número de meninas e meninos que desenvolviam tais atividades laborativas. Não ocorrendo deste modo, fiz contato com um número menor de alunos e devido ao tempo escasso, os primeiros jovens que se prontificassem a participar da pesquisa, juntamente com seus pais e avós foram contatados.

Lívia mora com seus pais e seu irmão caçula, no mesmo lote o seu irmão mais velho construiu uma casa, onde vive com sua companheira e seu filho. Sua casa é composta, por sala, dois quartos, cozinha, banheiro, varanda e um quintal amplo, com uma pequena horta e um galinheiro.

Lívia é uma menina muito dedicada à família, diz ser uma jovem “obediente”. Desde a primeira mensagem que trocamos ela se mostrou empolgada com o convite em participar da pesquisa, se prontificou de imediato em me receber em sua casa. A jovem, não tem nenhuma reprovação e se considera uma boa aluna, quieta e atenta, mas não gosta muito de algumas matérias.

Segundo Lívia, o trabalho na lavoura de café é um período em que pode ganhar dinheiro e comprar o que precisa sem depender de seus pais. Para ela, o fato de ser estudante e menor de idade, dificulta a contratação para exercer algum outro trabalho, ainda mais que só poderia trabalhar durante meio período por causa da escola. O trabalho na lavoura é um momento também de divertimento, Lívia confessa, não gostar de serviços domésticos, tornando o trabalho na lavoura também uma possibilidade de diversão fora de casa, período que passa conversando com outras pessoas conhecidas, que já fazem parte do seu convívio. Lívia lamenta, o fato da atividade laborativa não se estender

durante todo o ano, o que faz com que ela se sinta dependente das outras pessoas de sua família em relação ao seu sustento.

Sua mãe é sua maior incentivadora e para que continue estudando, apesar de algumas vezes se sentir desanimada com os estudos Lívia persiste, pois tem pretensão de se tornar freira, e terminar o ensino médio é um dos requisitos para continuar o caminho vocacional.

Ao traçar seus planos para o futuro, não tem pretensão de continuar morando no distrito e se tudo der certo, quer morar em uma das casas da congregação no Rio de Janeiro ou na Itália. Apesar de ter tido um relacionamento de quase um ano, diz essa não ser sua vocação e não se vê como mãe e esposa, moradora do distrito, vivendo perto de sua família. Entretanto, essa não é a vontade de seus pais, mas eles não se opõem. Segundo Lívia, eles gostariam que ela permanecesse próxima a família, sem planos de morar distante.

Janete, 38 anos, negra, mãe de Lívia

A senhora Janete é nascida no distrito e concluiu a quarta-série do ensino fundamental. Disse, que não prosseguiu nos estudos por falta de incentivo dos pais. Segundo ela, em sua infância as coisas eram mais difíceis que atualmente e isso dificultava muito para que continuasse estudando. Nenhum, dos seus quatro irmãos concluíram o ensino fundamental.

Reside com seu esposo, e dois filhos; Lívia e outro filho mais novo em uma casa e no mesmo lote, em outra construção, reside seu filho mais velho com sua família. Seu esposo trabalha em uma propriedade rural próxima ao distrito, é responsável pela ordenha e transporte de leite para laticínios da região, ofício esse transmitido também ao irmão mais velho de Lívia.

Ela relata, que nos últimos três anos tem se dedicado mais ao lar e as tarefas domésticas, passando a maior parte do tempo cuidando do neto, a proximidade permite que ela realize tal atividade todos os dias, para que os pais da criança possam trabalhar.

Se sente responsável por manter a família unida e tem necessidade de estar próxima dos filhos. Se considera uma mãe carinhosa, e tenta dessa forma suprir a dificuldade de demonstrar afeto que seu marido tem em relação aos filhos. Tendo mais facilidade em demonstrar afeto que o esposo, faz de tudo para que os filhos se sintam “amados e protegidos”. A senhora Janete, se considera mais próxima de Lívia, por ser sua única filha mulher e pelo fato de passarem muito tempo juntas. Diz que busca ser uma

mãe presente na vida dos filhos, se esforçando sempre para repassar a eles os ensinamentos que obteve de seus pais, educando seus filhos na fé e amor.

Em relação ao trabalho na lavoura, dona Janete revela que a colheita é uma época do ano esperada por ela e as companheiras, outras “panhadeiras” de café. Trabalha na lavoura desde a infância e sempre trabalhou de maneira informal em outras épocas do ano, com trabalhos manuais, como: crochê, bordados e serviços de costura, de forma mais específica, fazendo pequenos reparos em peças. Segundo ela, durante o período de colheita do café, vizinhas e parentes costumam ir juntas para a lavoura todos os dias. O horário de almoço na lavoura é sempre marcado por muita “conversa e risadas”. O trabalho na lavoura, é um período de estar fora de casa, tendo uma renda extra, e aproveita para trocar os móveis ou fazer algum tipo de melhoria em casa com a renda extra que obtém. Porém, o dinheiro ganho em 2019 estava sendo guardado para presentear o neto com uma festa de aniversário no mês de fevereiro do ano seguinte. Ela afirma que o trabalho não é uma necessidade e que seu marido não acha necessário que ela trabalhe fora de casa, com alegação do que o seu salário é suficiente para as despesas da casa. O valor de 12 reais recebido por cesto de café colhido, garante que a jornada de trabalho seja interrompida assim que a quantidade colhida seja suficiente para alcançar e suprir aos desejos de consumo. Deste modo, a senhora Janete relata que tem semana que passa mais tempo que outras na lavoura, até alcançar o valor almejado.

Para ela os estudos são uma maneira dos filhos conseguirem empregos melhores, de carteira assinada, que os levaria a ter estabilidade financeira. O sonho para o filho mais velho é que fosse médico, mas ele não concluiu o ensino fundamental, apesar de sua insistência, ele preferiu arrumar “bicos” e ter o próprio dinheiro. O seu filho mais velho nunca teve predileção por serviços da roça e sempre procurou outras formas de trabalho, principalmente na construção civil, como servente. Depois disso, ela deixou de planejar e sonhar com o futuro dos filhos e buscou acolher suas decisões. Segundo ela, cada um deve seguir a sua vida, mesmo que não seja o que ela planejou, dará total apoio. O filho mais novo, de 15 anos, também estuda e nas horas em que não está na escola faz o que pode para ter o próprio dinheiro, vende picolé, e faz limpeza em terrenos, como capina por exemplo. Em relação à filha, não se tem muitas expectativas em relação a atividades fora do lar. Sendo assim, se não prosseguisse com os estudos após o ensino médio, não seria motivo de aborrecimento para a família.

Dona Janete deixa claro que se pudesse teria todos os filhos morando perto, depois de adultos, como o seu filho mais velho fez. Ficaria feliz se todos morassem próximos a

sua casa e constituísse a própria família. Apesar de deixar evidente, que após a desistência dos estudos pelo filho mais velho, não projeta mais em relação ao futuro dos seus filhos. Há expectativas de um processo de escolarização longo, entretanto, a continuidade dos estudos após o ensino médio não foi planejada para Lívia.

Isabel, 61 anos, negra, avó materna de Lívia

Dona Isabel é mãe de cinco filhos vive com seu esposo em uma residência na divisa com o distrito vizinho. Com muita alegria e disposição, apresentou a chácara em que vive. Com entusiasmo contou a alegria de ter a oportunidade de cultivar a maioria dos alimentos que consomem. Apesar de não ter todos os filhos morando por perto, visto que, três deles moram em outras cidades da região, ela conta que todo final de semana está em sua casa: filhos, netos e bisnetos. Todos aproveitam para visitá-los e permanecerem até o domingo à tarde. Dona Isabel não estudou, assim como seus irmãos, e diz que “seria bem feliz” se o tivesse feito, pois seria mais independente.

Por ser analfabeta, Dona Isabel depende dos filhos para algumas coisas práticas, como fazer compras e resolver questões burocráticas. Se emocionou por ter sido convidada a participar da pesquisa, pois não se achava “suficiente” para tal. Dona Isabel conta, que casou aos 14 anos de idade, e era muito comum que as moças se casassem e fossem construir sua própria família ainda muito novas. Relata, que durante a infância, aprendeu com sua mãe como ser uma boa dona de casa e recebe muitos elogios por ser boa cozinheira. A casa ampla, com cinco quartos, sala, copa, cozinha, banheiro, varanda, pomar, chiqueiro e galinheiro é o fruto de uma vida de trabalho, segundo dona Isabel.

Sua infância foi marcada por muitas dificuldades em uma cidade próxima, em que é reconhecida em todo o estado pela qualidade do café e toda a sua família se dedicava a este ofício. Depois de casada e com um filho, foi morar com o marido no distrito em busca principalmente da oportunidade de terem a casa própria, que surgiu com o emprego do seu esposo na universidade Federal, onde ainda jovem, começou a trabalhar no pomar da instituição e esteve lá empregado até se aposentar.

A mudança para o distrito e a ajuda que obteve da vizinhança, marcaram a vida de Dona Isabel que se sente grata pelas amizades que construiu. A sua devoção e fé, foram alimentadas pela possibilidade de participar da irmandade de nossa Senhora do Rosário. Os festejos do distrito é uma das coisas que ela mais gosta na vivência comunitária.

O trabalho tem muita importância na vida familiar, todas as conquistas são reconhecidas como resultado de muito esforço e trabalho árduo. O trabalho com o café é

uma questão de tradição familiar para dona Isabel, que durante o período que morava com seus pais não trabalhou diretamente na lavoura, mas se dedicava às atividades domésticas e os irmãos à colheita. Depois de casada e com três filhos é que começou o trabalho na lavoura e teve ajuda da filha mais velha nas as atividades domésticas, enquanto não estava em casa. O trabalho e a dignidade que o mesmo traz, permeia toda a fala da senhora Isabel.

Seus netos e bisnetos são motivos de grande alegria e ela se sente feliz em vê-los crescendo com saúde e “de forma honesta”. E diz não interferir na educação dos netos e bisnetos.

Para melhor visualização da organização familiar dos jovens da pesquisa elaboramos um quadro com o a síntese do perfil familiar com informações de seus pais e avós entrevistados.

Quadro 3: Participantes da pesquisa

Jovens entrevista dos	Idade	Ano de escolaridade	Reprovações	Nome do pai/mãe	Nome do avô/avó	Cor/raça	Com quem mora
João	18 anos	1º ano	2	Marilda	Expedito	negro	Pai, mãe e 1 irmã
Pedro	17 anos	1º ano	1	Vicente	Antônia	negro	Pai e 3 irmãos
Felipe	16 anos	1º ano	0	José	Joana	pardo	Pai, mãe e 1 irmão
Lívia	16 anos	1º ano	0	Janete	Isabel	negra	Pai, mãe e 1 irmão

3.2 Os jovens do distrito: estigmatização e relação com o espaço

Com a proposta de conhecer melhor a relação dos jovens e a comunidade buscou-se compreender como eles percebiam o distrito em que moram. Todos eles apresentaram o local como um lugar bom para se morar, com boa convivência e experiências, principalmente familiares. A relação com a comunidade, vizinhança e a rede protetiva criada por grande parte dos familiares que vivem no distrito é marcante em todas as

narrativas dos jovens. Como nos sugere Carrano (2008), não devemos nos restringir a dicotomias para analisar as sociedades atuais, e deste modo buscou-se compreender como estes jovens percebiam o distrito em que vivem e não caracterizar o espaço de forma limitada e dicotômica, como rural ou urbano. Segundo os entrevistados, se trata de um espaço urbano, “tem até uma placa na entrada escrito assim” [perímetro urbano] como relata Pedro. Mas a dúvida permaneceu de início e foi necessário pensar um pouco antes da resposta. Apesar das diferenças em relação ao centro da cidade, o menor número de veículos, de comércio e a necessidade do deslocamento para a realização de algumas atividades e acesso a serviços como banco, hospitais e farmácias, a calma e a possibilidade de conhecer a maioria das pessoas que vivem no distrito, são aspectos positivos apontados pelos jovens. De acordo com Dayrell e Carrano (s/d) a dimensão local é um fator importante na compreensão das culturas juvenis e as questões de afetividade estão presentes nas narrativas, familiares, no âmbito escolar, no trabalho, são espaços sociais em que o afeto está presente.

Entretanto, os estigmas do distrito verificados ainda nos contatos iniciais com os jovens ficaram evidentes já nos primeiros encontros. Além do preconceito existente por parte de colegas de outras localidades, percebeu-se nas entrevistas, a necessidade de se fazer piada sobre o distrito todo tempo. Para compreender melhor tais comportamentos recorri a Elias (1994) para fazer a distinção entre preconceito e estigma.

Atualmente há uma tendência a discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um apreço acentuado por outras pessoas como indivíduos. Um modo conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-la como preconceito individual e não relacioná-los entre si (ELIAS, 1994, P. 23).

O preconceito de forma individual se torna aparente e evidente, na fala de pessoas que não moram no distrito. Apesar de conhecerem o bairro e andarem de forma livre pelas ruas em qualquer horário, do dia e da noite, os próprios jovens moradores vivenciam a estigmatização do distrito e garantem brincar nas redes sociais com “memes¹²”, e em conversas com os amigos sobre morarem no “fundão”.

Apesar dos jovens não acreditarem que o distrito seja um local ruim para morar e gostarem de lá, eles vivenciam as consequências da estigmatização do distrito. O fato de

¹² Memes são utilizados na internet para a propagação de conceitos e ideias de forma rápida. Utilizam de imagens, vídeos e textos e podem ser utilizados com finalidades diversas. Comumente nas redes sociais os memes são utilizados com humor e sátira, com finalidade de entretenimento.

um jovem ir ao centro e não conseguir voltar para casa à noite, uma vez que ônibus e taxis não circulam depois das 23 horas no distrito; de sair da localidade e perder a sua identidade e individualidade, pois deixa de ser reconhecido pelo nome se alguém souber que é morador do distrito, porque o chamará somente de fundão, entre outros apelidos. São barreiras sociais e formas de violência simbólica (BOURDIEU, 2003), percebidas pelos habitantes da localidade.

A incorporação da discriminação, ficou clara na fala dos estudantes e foi muito perceptível nos seus comportamentos. Inicialmente, durante as entrevistas, uma das maiores dificuldades foi estabelecer uma relação de confiança com esses jovens, em que eles não precisassem reproduzir falas preconceituosas sobre a sua realidade, em tom de piada, repetindo o que foram acostumados a ouvir, sem que tivessem a liberdade para falar de sua vivência, experiência, familiar, com o distrito de forma autêntica e autônoma.

Segundo Elias, um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído (ELIAS, 1994, p 23). Explicar o trabalho de pesquisa que estava sendo desenvolvido durante as entrevistas se tornou importante, para que estes jovens se reconhecessem e se sentissem incluídos também no ambiente acadêmico. Assim, como os pais e avós, que nos contatos iniciais, se mostraram surpresos e não se sentiam suficientemente importantes para participarem de uma pesquisa. Evidenciar que seu conhecimento é relevante, que sua história é singular tornou-se fundamental para afastar a ideia de que compartilhar de suas vivências e experiências, principalmente dos jovens, em relação ao trabalho, os levaria a sofrer algum tipo de punição.

Nas primeiras conversas, foi possível perceber que eles estavam acostumados com a condição de produzir algo, mesmo que fosse a produção de um discurso sobre si mesmo, e não somente adotar as classificações e verdades sobre eles, que foram contadas ou impostas por outras pessoas.

3.3 Socialização familiar: Suporte e solidariedade entre as três gerações

No eixo *Socialização familiar*, a possibilidade de ter a família perto foi considerado um ponto positivo tanto na fala dos jovens, como para seus pais e avós. A família numerosa e a boa convivência familiar tornaram possível a criação de uma rede de colaboração na educação e até mesmo, uma forma de controlar os jovens. Lívia foi a

única a se sentir incomodada por se sentir “vigiada” pelas tias e avó, e por não ter um ciclo de relacionamentos além de sua família. Entretanto, João, Felipe e Pedro consideram positivo o fato de terem todos morando por perto. Devido à preocupação e apoio por parte da família, mais especificamente do seu avô, foi que João e sua família puderam sair do aluguel. Já Pedro, veio morar no distrito com o pai recém divorciado, que tomou a decisão de voltar ao distrito para contar com a ajuda, principalmente da mãe, na criação dos filhos, que eram cinco sob seu cuidado. A relação de solidariedade familiar muito presente nas falas, mostra como são criadas redes de ajuda entre as gerações, para suprir demandas que vão surgindo no dia a dia. Os avós ajudam quando pertinente e quando solicitados, como no caso da criação de Pedro e seus irmãos. Os irmãos, primos e outros parentes ajudam em tarefas e atividades escolares quando necessário, e no caso de Felipe, os membros da família revezam nos cuidados com a mãe.

Devido à proximidade familiar é possível encontrar os netos com frequência e quase todos os finais de semana, segundo o relato dos avós. Apesar de se sentirem próximos dos netos e demais familiares, os avós de forma geral disseram não interferir na educação deles. Nenhum dos avós entrevistados se tornou ao longo da vida responsável exclusivo pela criação dos netos. Mesmo Pedro e seu pai, Vicente, disseram que ao retornar para o distrito a proximidade com dona Antônia foi fundamental para que ele pudesse educar os filhos. Os cuidados se tornaram uma ajuda importante, mas não transferiu essa responsabilidade a sua mãe. Desta forma, como corrobora Doll (2016, p. 12) “os laços entre avós e netos” seriam evidentes como um “suporte intergeracional” mediado pelo afeto, promovendo assim “atitudes de companheirismo e cooperação”.

A relação com os avós é marcada pelo afeto, carinho e principalmente pelo respeito que os jovens têm por eles. Em nenhuma das entrevistas os jovens reclamaram da relação com seus avós ou revelaram se sentir constrangidos pelos mesmos, e os avós dizem que não interferem no modo como os seus netos são educados pelos pais. Entretanto, é clara relação de proteção, suporte e apoio entre as gerações e, apesar de não interferirem diretamente na educação dos netos, os avós são solícitos quando há necessidade, como por exemplo a questão da moradia de João, que teve a casa cedida pelo avô. O senhor Benedito avô de João depois de viúvo decidiu morar sozinho em uma casa menor e ceder a casa em que morava para a filha e sua família, gosta da companhia dos netos, mas prefere morar sozinho;

Eu gosto de ficar com minha família, os meninos todos vêm aqui, sempre, sempre! Eu moro sozinho porque eu quero, eles sempre falam pra morar mais eles, mas prefiro que eles venham aqui [...] todo dia que eles chegarem aqui vai ter uma coisinha aqui pra comer, um almocinho, fico feliz deles comigo, me tratam com respeito, é importante! (senhor Benedito, avô de João).

Em relação aos netos tem o respeito deles, mas não exerce um papel autoritário, e nem gosta de se intrometer na educação dos mesmos. A senhora Antônia se viu depois de ter criado os filhos com a missão de ajudar a cuidar dos netos, depois do divórcio do seu filho, ele retornou ao distrito. Ela ficava com as crianças para que o pai pudesse trabalhar, até que os mais velhos tivessem condições de fazer o mesmo. Ficando mais evidente que os Senhor Benedito e a senhora Antônia, além de se prepararem para o enfrentamento da velhice, lidaram com questões que estiveram presentes em seu passado na condição de provedores e cuidadores de seus filhos, revivendo com seus netos as mesmas situações, havendo entre avós e netos um suporte intergeracional, que busca suprir demandas que os pais destes jovens não conseguiram suprir em alguma medida. A literatura demonstra, que o apoio e o suporte entre as gerações são fundamentais para as famílias, principalmente as de camadas populares, em momentos críticos como divórcios, separações, viuvez ou gravidez não planejada (RODRIGUES, 2006; RAMOS, 2012; DOLL, 2012). Pedro ao retornar ao distrito com os irmãos e o pai, teve a avó que os apoios no recomeço;

Quando meu filho voltou eu fiquei pensando como íamos fazer , mas Deus deu a força, os meninos não podiam ficar lá, eram muitos os problemas [...] quando meu filho voltou eu não podia virar as costas, mas não podia pegar pra criar os filhos dele[...] eu ajudei ele na época, ele deixava eles comigo todo santo dia e buscava a noite. Graças a Deus já está tudo criado (Antônia, avó de Pedro).

As senhoras Isabel e Joana, avós de Lívia e Felipe, respectivamente, não passaram por questões relacionadas a prover algo ou o cuidado direto dos seus netos. São solícitas, mas não interferem na educação e cuidado. Garantem apoiar e são felizes com as escolhas deles. Garantem ter proximidade com a família e ter sempre a presença dos filhos e netos em casa, principalmente nos finais de semana, mas preferem não interferir na educação dos netos para evitar conflitos com os pais conforme menciona Joana;

Cada um tem o seu jeito na criação, é bom ficar cada um no seu canto pra não dar confusão. Eu tenho o meu jeito o pai dele outro. Os dias de hoje, tá ficando mais complicado de criar os filhos. Gosto deles aqui

comigo, faço almoço todo domingo, esse dia é certo, vem todo mundo. Eles vem aqui sempre, fico feliz, mas corrigir, ensinar, essas coisas cada um tem seu jeito, fico quieta no meu canto (Joana, avó de Felipe).

Apesar do trabalho presente nas experiências de todos os entrevistados, vemos também que há uma preocupação dos pais em que os filhos tenham condições de vida diferentes, tranquilidade no futuro e maiores oportunidades. Sendo possível assim notar que apesar da proximidade e das facilidades de morarem próximos e poder contar com ajuda sempre que necessária. Deste modo os jovens conseguem “manter o eixo de referências simbólicas” representados por esta família na qual faz parte “Como lugar de apego, de segurança, como rede de proteção” (SARTI, 2004, p. 21). Tendo por perto pessoas que podem oferecer apoio e suporte quando necessário.

Para além das referências simbólicas, da segurança e da proteção que o grupo familiar oferece (ou deve oferecer), as relações familiares também trazem dissonâncias. É na família que as relações assimétricas de poder se concretizam, criando tensões, conflitos, transmissão e também aprendizado. Por isso, ao pensarmos as relações familiares precisamos reconhecer a complexidade da transmissão geracional no grupo.

É evidente uma preocupação dos pais em terem o controle da educação dos filhos mesmo que em algum momento precisem contar com a ajuda dos familiares, havendo assim também a avaliação do que deve ou não continuar sendo transmitido aos seus sucessores. Para (TOMIZAKI, 2010) o processo para herdar e transmitir fazem parte de um mesmo “movimento”, percebe-se o esforço dos pais, para que alguns aspectos presentes nas vivências deles não sejam reproduzidos e refletidos posteriormente na vida de seus filhos. Há assim, um filtro. nota-se o valor que se dá ao trabalho, a dignidade em ser trabalhador, mas a insistência de que busquem uma profissão, que estudem, que queiram ocupar cargos melhores, com maiores remunerações e garantias.

3.4 A importância da escola para os jovens e suas famílias

Em relação ao eixo *escolarização*, todos os jovens entrevistados chegam a um estágio no processo de escolarização que não foi atingido por seus pais, avós e por vários irmãos. A vida escolar longa é motivo de orgulho para os pais, que alimentam a esperança de que os filhos prossigam e para ter mais e melhores oportunidades.

A ordem moral doméstica como aponta Lahire (1997), faz com que as famílias criem formas de “controle”, na medida que estes jovens não tem aprovação para faltarem as aulas, deixarem a escola e se dedicarem de forma exclusiva ao trabalho, como também faz com que a família crie mecanismo de auxílio aos jovens. O apoio da irmã para as atividades escolares como aponta João (18 anos): “Na escola não tem dever, e não tem muito trabalho não, mas sempre que eu preciso minha irmã me ajuda”. Também surge a ajuda de outros familiares do distrito como cita Felipe:

Eu ajudo sempre quem pede e sempre tem algum primo que pode ajudar, emprestar alguma coisa, das vezes que eu precisei fazer trabalho, maquete, essas coisas, sempre tem alguém que ajuda a fazer e dá até o material. [...] Todo mundo tá na casa de vó direto, sempre que preciso me ajudam (Felipe, 16 anos).

A fala de Felipe, demonstra que apesar da pouca escolaridade dos pais e avós, a família de uma forma geral, atua como uma rede de apoio, se esforça para amparar os jovens na medida do possível, conforme observam Thin (2006, 2010) e Lahire (1997).

Todos os pais, inclusive de João que já tem mais de 18 anos, disseram ir à escola nas reuniões e festividades, apesar de poucas, aproveitam as oportunidades de estarem na escola, pois consideram de extrema importância procurar saber como está a vida escolar dos filhos: “sempre na reunião eu que vou, ele não fala das notas, mas gosto de saber, pra ele não enrolar” (Marilda, mãe de João).

O pai de Felipe conta que apesar de comparecer à escola não tem nenhum tipo de reclamação por parte dos professores em relação ao comportamento do filho: “Essas coisas eu que tenho que tomar conhecimento [...] Graças a Deus não tem reclamação em parte de nada dele, e eu fico satisfeito demais” (José, pai de Felipe).

A mãe de Lívia é a única entrevistada entre os pais que não tem planos profissionais para a filha e gostaria que ela continuasse morando por perto, como seu irmão mais velho que já tem família, mas reside no mesmo terreno. Foi possível apreender pela fala de dona Janete (mãe de Lívia) que as expectativas para o futuro da filha, não estão relacionadas aos estudos e trabalho, mas ao casamento e à formação de uma família, para que continuasse a viver no distrito. Lívia, porém, tem outros planos, só pretende terminar o ensino médio pois é uma exigência da congregação religiosa, onde está trilhando caminho vocacional, que as meninas terminem o ensino médio.

A irmã [freira da congregação] me acompanha, vem aqui e quer saber como vou indo. Não posso entrar pra congresso sem terminar [o ensino médio]! Depois eu fico aqui [na cidade] um tempinho, devo ir para Itália daqui uns anos, mas mãe não quer (risos). Ela quer que eu case e fique aqui olhando pro tempo (Lívia, 16 anos).

Observamos na expressão de Lívia “fique aqui olhando pro tempo” o desejo de sair do distrito, que não traz novos desafios. Lívia busca autonomia de vida, meios de buscar viver sua condição juvenil, de forma autêntica sem reproduzir as experiências das mulheres de sua família, frustrando assim uma expectativa de sua mãe em relação ao seu futuro:

Por mim todos eles casavam e construíram aqui no quintal (risos). Gosto deles morando perto, é muito ruim ficar sem a família da gente. Ninguém nasceu pra viver sozinho, a família tem que conviver bem e com união, com compreensão (Janete, mãe de Lívia).

No depoimento de sua mãe fica evidente que ela queria que os três filhos se casassem e morassem perto, entretanto Lívia rompe e frustra as expectativas criadas por ela em relação ao seu futuro, buscando assim formas de vivenciar a sua condição juvenil com mobilização dos próprios recursos. A conclusão do ensino médio se torna um meio para que possa prosseguir o caminho vocacional, e assim morar inicialmente no centro da cidade, posteriormente, em outro estado e até mesmo em outro país, visto que, a congregação é italiana e grande parte das meninas permanecem por um tempo por lá, para formação.

Entretanto, João e Pedro, também não demonstram interesse em continuar os estudos, mesmo que essa fosse a vontade do pai de Pedro, pra que ele teve um futuro com maior estabilidade e conforto, com maiores possibilidades de encontrar um emprego fixo e que tivesse a carteira assinada;

Até hoje eu luto pra ter uma vida melhor, pra mim e pros meus filhos também. Pra todos eles eu faço o que eu posso[...] todo mundo sabe que um estudo faz falta hoje, pra tudo que você for fazer, pra tudo! Se eu fosse estudado hoje eu podia tá com outra vida. Tem que ir tentando, todo emprego pede um estudo, a gente vai e nunca chama. Toda vaguinha dá fila pra mais de 100 pessoas (Vicente, pai de Pedro).

Ele também gostaria que o filho se interessasse por uma vaga em algum curso superior, oferecidos nas faculdades da cidade. Apesar de apoiar o filho no trabalho, se preocupa para que ele não tenha um futuro instável, e que precise procurar empregos com frequência. O trabalho na lavoura não é uma opção que trabalho que ele aprecia e deste

modo, não o faria se tivesse outras oportunidades. Os pais de João, alimentam a esperança que o filho se torne um engenheiro;

[...] eu queria que ele procurasse uma vida boa pra ele, trabalhar e ter uma melhor condição. Se pensar agora, não vai sofrer depois. Queria ver ele estudado, não sacrificando assim. Queria que ele seguisse a vida de engenheiro mecânico (Marilda, mãe de João).

Entretanto, o desejo de João é de somente trabalhar como servente de pedreiro e ter a própria família. Ao ser questionado sobre o seu futuro e por dizer ser uma coisa que não costuma pensar, o convite em fazê-lo o levou a outras possibilidades que os estudos não têm espaço e não são para ele, prioridade.

O desejo pelo novo é uma característica de muitos jovens, conforme demonstrado por Dayrell; Gomes; Leão, (2010). Entretanto a dificuldade que os jovens demonstraram em pensar sobre o futuro chamou atenção, com exceção de Felipe, que se sentiu mais confortável em expor alguns desejos, principalmente relacionados a escolarização. Esses jovens, entrevistados, distintos atores sociais que atuam em diferentes esferas da vida social (DAYRELL, 2003), tais como o ser aluno, o ser trabalhador, o ser filho e neto, entre outros papéis que estes jovens protagonizam em suas relações, também sentem medos e ansiedades ao vivenciar o presente e lidar com incertezas relacionados ao futuro.

Os estudos para Felipe seriam uma forma de ter uma profissão futura com um retorno financeiro atraente. Ao serem questionados se já pensaram em parar de estudar, ele foi o único a dizer que sim, mas o não o faz pois tem planos:

Às vezes penso sim, mas não vou largar não. Quero estudar mais, fazer Enem, e fazer veterinária [medicina veterinária], gosto de bichos. Aqui tem. Quero aprender mais, já olhei quantos que ganha um veterinário, eu quero fazer veterinária mesmo (Felipe, 16 anos).

A sua permanência na escola se dá por essa motivação e expectativa futura, o que nos relatos dos outros jovens entrevistados não apareceu. Em conformidade com Portes (2000), Leão e Dayrell (2011) apesar da família de Felipe não ter um conhecimento amplo do sistema escolar, do capital social e financeiro que lhe foi transferido o jovem se esforça para garantir uma vida escolar longa. Assim, vai atribuindo significados e expectativas para o futuro, com motivações e influências que o fazem prosseguir em seu processo de escolarização e acreditar que por meio da diplomação poderá romper com um histórico familiar ou alcançar melhores oportunidades das que foram oferecidas aos seus pais e

familiares (COUTRIM; CUNHA, 2011; DAYRELL, 2012; KRAWCZYK, 2003; ZAGO, 2012).

Quando questionados sobre como se viam como alunos, todos os jovens ligaram à relação ao seu bom desempenho. Lívia e Felipe se consideram bons alunos, enquanto João e Pedro atribuem o fato de serem maus alunos em relação ao comportamento. João por sua vez, diz parecer não estar na sala, não incomoda e também não muitos questionamentos.

Estes jovens têm dificuldades para projetarem em relação ao seu futuro, bem como, fazer projetos em relação ao processo de escolarização. O desempenho, o comportamento, as disciplinas, são motivos para que não gostem da escola e não se considerem bons alunos. Eles veem na possibilidade de trabalhar um tempo de proveito, paralelo ao que estão na escola, em que sentem estar perdendo tempo.

Sobre os projetos de vida, e dificuldades encontradas pelos jovens em fazê-lo é necessário retomar as contribuições de Leão; Dayrell e Reis (2011) que nos ajudam a pensar o ensino médio não como uma fase transitória, a vida como uma “ponte” para a vida adulta e/ou para o mercado de trabalho por exemplo. O presente constitui-se, portanto, em fase de estágio de preparação para o futuro e de construção de projetos de vida e a definição de si mesmo (LEAO; DAYRELL; REIS, p. 1071).

As expectativas em relação ao início de uma nova etapa do processo de escolarização, se somam a expectativas também em relação ao futuro. Muitos veem nos estudos possibilidades de ascensão social, melhores condições de vida. Os esforços individuais para estes jovens se manterem na escola é grande, especialmente se já vivenciam a realidade do trabalho no dia- a- dia, além dos desafios pessoais, como as mudanças e a transição para o ensino médio.

3.5 O trabalho na vida das famílias: A moral e o orgulho de ser trabalhador

O trabalho aparece em todas as famílias que participaram da pesquisa como uma prática comum e revestida de moralidade. Os avós e pais não conseguem se recordar a idade certa em que começaram a exercer as atividades laborativas, mas sabem que foi na infância. As duas gerações mais velhas, têm em comum, o trabalho na lavoura ao longo da vida. São gerações de agricultores, principalmente, ligados ao plantio de café e a precariedade está presente em todas as histórias, que revelam sofrimento e perseverança.

São gerações com baixíssima escolaridade e cuja necessidade de trabalhar sobrepujou à escolarização. Por isso mesmo, o trabalho ocupa um papel central na socialização familiar e na educação dos jovens para a vida de trabalhador. As práticas de trabalho, o saber fazer, o ofício passado em geração em geração são aspectos apontados por Sarti (1994), ao investigar a moral dos pobres. Para a autora, a ética do trabalho envolve diferentes dimensões no cotidiano familiar e confere dignidade à família. Os jovens tem a capacidade de manterem referências simbólicas, da família da qual fazem parte.

O trabalho aparece para os pais, como uma forma de ocupação para os jovens, deste modo, enquanto estão trabalhando no período que estão fora da escola, estão também sob seus cuidados e olhares. Entretanto, o trabalho na lavoura é descrito como uma atividade pesada, em condições difíceis, principalmente para o senhor Vicente, pai de Pedro.

[...]Não é a vida que eu quero pros meus filhos, todo trabalho é abençoado, tiramos o sustento, mas não tem descanso, não tem tempo bom ou tempo ruim. Você pode passar mal ou não, tem que ir! [...] Não tem um conforto, não tem um banheiro, não tem nada. O que eu posso fazer eu faço, quero que eles vão pra escola e vão pra frente, não é pra ficar que nem eu (Senhor Vicente, pai de Pedro).

O trabalho na lavoura durante a colheita, também é visto como uma atividade agradável em alguns discursos, tornando-se relativo, de acordo com a trajetória de cada um, este trabalho assume características positivas e negativas, de desgaste, ou sendo a menos desgastante. Esse discurso, mudou de acordo com a realidade e experiência de cada entrevistado. Percebendo, que o senhor José estava empolgado em partilhar de sua vida e experiências, pedi que relatasse um dia de sua rotina de trabalho na lavoura, prontamente, ele atendeu o pedido e começou a partilhar um dia de sua jornada de trabalho, desde o momento em que acorda pela manhã;

[...] tem que ser umas 5 horas, 5 horas já tô de pé disponível, não gosto de deixa a comida na marmita pra não azedar e gosto de fazer de manhã, meu anguzinho com feijão, gosto (de preparar) no dia mesmo, tem que tratar das criações também, antes de sair. Não deixo nada pra ela (companheira) fazer[...] 6:30 máximo, 6:40 já monto na bicicleta e vou com Deus, já deixo todo dia a minha lona guardada lá (na lavoura), pra não trazer mais peso. Chego e já vou direto (colher o café), cada dia é um tanto de café, tem vez que dá mais, tem vez menos, depende do ano. As vezes o pé tá dobrado de café, as vezes (tem) pouco. Mas pego (recebe) bem, sempre panhei muito, desde menino, e vai acostumando. Tem gente que tem mais medo, mas eu abro o café antes olho e panho sossegado (Senhor José, pai de Felipe).

Quando perguntado, sobre o que é abrir o café, responde que se trata de:

Abrir o pé! Olhar o galho e olhar se tem bicho. O povo tem medo de cobra, se tá calor dá mais medo, porque enrola no galho, mas não achei muitas. Vez em quando acha, mas nunca machucou ninguém, porque a gente tem q olhar antes. Antes de forrar a lona eu olho. [..] não precisa ser lona, qualquer plástico grande, só esticar embaixo do pé, você vai panhando e já cai, depois que ficar cheio, é só tirar a folha, limpar e começar de novo (Senhor José, pai de Felipe).

Ao final da tarde o que cada trabalhador colhe medido em cestos e com a caderneta manual, o responsável em transportar o café da lavoura, faz as anotações. Sendo assim, todos os dias cada um dos trabalhadores fica sabendo do valor que faturou durante a jornada de trabalho. Seu José também deixa claro, que é um trabalho de confiança com o dono da lavoura, que confia a responsabilidade da colheita ao trabalhador.

O trabalho não é supervisionado, sendo assim ao final do dia, não vai uma pessoa verificar se de fato, todos os pés de café passaram pelo processo de colheita. Além da confiança de quem paga pela mão de obra, há também a ajuda mútua com os colegas na lavoura. Quando interrogado sobre os amigos, se tem algum dividindo a jornada de trabalho, ele diz;

A maioria é gente conhecida, um ou outro a gente não conhece né? Mas vai conhecendo devagar, mas a maioria é gente conhecida, gente muito boa. Às vezes costuma que um ajuda o outro com alguma coisinha, como diz o outro: uma mão lava a outra e as duas lavam o pé. É a água que acaba, e outro oferece, um vai ajudando o outro e isso é muito bom (Senhor José, pai de Felipe).

Deste modo, o trabalho na lavoura também torna-se um momento agradável, com música em alto volume no rádio, conversa, piada, a descontração e a possibilidade de estar trabalhando com pessoas que já fazem parte do convívio, facilitam a proximidade entre os trabalhadores, o que gera também a solidariedade entre eles.

O senhor José (pai de Felipe), narra já ter tentado trabalhar em outras atividades, mas o trabalho da roça é o que sempre soube fazer e gosta do que faz, pois, das atividades que já desenvolveu ao longo da vida, esta é a menos desgastante. Entretanto, o desgaste físico provocado pela atividade é motivo de preocupação para dona Marilda que se preocupa com o filho, que ainda é jovem e sente dores na coluna com frequência, causando bastante receio em relação ao seu futuro no trabalho.

Ele tem que tomar cuidado enquanto tá novo, se cuidar mais né? Não é fácil, mexer com peso todo dia, ficar na friagem direto. Fica arriscando agora e depois não consegue trabalhar em lugar nenhum! Ele sempre reclama de dor, já é problema antigo, não pode arriscar muito não (Marilda, mãe de João).

Nenhum dos pais e avós fala abertamente que gostaria que os filhos e netos continuassem trabalhando no período da colheita, mas saber que o filho tem uma ocupação e busca ter o próprio dinheiro é motivo de orgulho;

Pra te falar bem a verdade, eu gosto de quando ele vai pra lá, eu almoço daí a pouco ele chega, uma boa companhia pra mim e ele também fica satisfeito. Ele lá eu sei o que o que tá acontecendo, e Tiago também já tá encaminhado graças a Deus. Não tenho nada a reclamar deles, hoje em dia tá muito difícil a meninada só quer saber de ficar pra rua a fora (José, pai de Felipe).

E apesar dos avós dizerem não interferem na educação dos netos, deram opinião sobre o trabalho deles na colheita do café, como a senhora Joana, avó de Felipe que se mostrou insatisfeita ao fato do neto estar trabalhando em tal atividade. Mas isso se deu, principalmente, devido à preocupação com a saúde da mãe de Felipe:

Ele vai pra lavoura só de vez ou outra, eu nem sabia que ele tava indo, porque ele não fica vindo aqui direto e José também não, a esposa dele também nunca vem e eles não podem ficar deixando ela sozinha de qualquer jeito (Joana , avó de Felipe).

O desconforto em falar do trabalho dos jovens, foi percebido em todas as entrevistas com pais e avós, além da busca de justificativa para o trabalho e a rápida necessidade de afastar dos jovens as responsabilidades com as despesas da casa.

O apelo para que continuem buscando novas oportunidades ficou evidente, principalmente nas falas com o intuito de que os filhos superem um histórico de instabilidade e baixa escolarização, e tenham melhores oportunidades de trabalho. Como menciona Marilda , mãe de João, que queria que o filho se tornasse engenheiro mecânico, para ter uma vida com menos preocupações financeiras :“ ...queria que ele prosseguisse [nos estudos] , que fosse pra frente, tornasse engenheiro mecânico, pra ter uma vida melhor que a nossa, e dormir mais tranquilo”.

O trabalho na “panha” do café aparece nas narrativas dos jovens de forma naturalizada, devido ao contexto de educação familiar que tiveram, trazendo assim, orgulho aos familiares por estarem buscando formas de conquistarem seu próprio dinheiro e de terem certa autonomia, visto que o dinheiro em todas as entrevistas não foi

citado como meio para o sustento familiar. Apesar de estar presente nas narrativas como as de João e Pedro, de que com o dinheiro que recebem do trabalho na colheita do café ajudam “pouco” em casa, esse dinheiro serve para gastos pessoais, no caso dos dois principalmente, para gastos com alimentação “para comprar salgadinho, cachorro quente” ou algum tipo de lazer, “jogar sinuca, ir pra um bar assistir jogo” no caso de João. Gastos do dia a dia, que as vezes nem são contabilizados. Pedro usa o dinheiro para “roupas, comprar lanches”, gasta conforme sua necessidade. Felipe poupa o seu dinheiro para adquirir sua habilitação e comprar sua motocicleta. Deste modo, o desejo de consumo que precisa de um investimento maior é planejado desde agora. Já Lívia, vê a possibilidade de administrar o próprio dinheiro, podendo comparar cosméticos e dinheiro para sair, que teria que pedir aos pais e não se sente confortável pra afazê-lo:

Gosto de comprar minhas coisas na revista e roupas. Não gosto de pedir é chato! Não sei se pode faltar depois e não tenho coragem de pedir. Prefiro não ir na festa do que pedir dinheiro. Tem o presente! Não dá pra ir sem levar nada né? Já teve chá de bebê da minha amiga, festa de aniversário que eu não fui. Nem em festa da cidade eu vou quando não tenho o meu dinheiro, as vezes a gente meia o taxi, eu não vou porque não tenho esse dinheiro, falo que não vai dar pra ir (Lívia, 16 anos).

O trabalho na colheita de café para estes jovens, se torna um meio para suprir necessidades distintas, seja para comer algo que não é habitual, seja para suprir desejos de consumo. Sendo assim, “o trabalho aparece numa dupla dimensão: uma relação de maior autonomia com a família e ao mesmo tempo, a possibilidade de vivenciar a própria condição juvenil” (Dayrell, 2012 p.313).

Nas famílias entrevistadas o trabalho tem muita relevância para que os jovens tenham mais ocupação e não fiquem nas ruas. E reconhecem a dignidade da pessoa trabalhadora. As práticas de trabalho no período da colheita conferem a essas famílias dignidade em se sustentar. Por isso, o fato de morar no distrito acaba delimitando uma identidade social expressa por esses jovens moradores (SARTI, 1994, p. 186-87). Sendo que também revela a dignidade que o fato de trabalhar tem para os familiares;

Fico feliz dele trabalhar, muito satisfeito! É uma coisa boa que ele tá fazendo pra ele mesmo. Sempre trabalhei na minha vida, ensinei pros meus filhos todos, que tem que trabalhar, que tem que correr atrás. Tem que lutar pra ter as coisas da gente. (Benedito, avô de João).

Como aborda Sarti (1994), as famílias trabalhadoras conferem dignidade as práticas de trabalho, o que se observa na fala do senhor expedito, ao dizer que ensinou isso aos filhos. Entretanto, o trabalho não é visto somente com o uma necessidade, uma atividade necessária ao sustento, é um meio de se manter o jovem ocupado e longe das ruas;

Eu acho bom que ele vai trabalhar, se eu pudesse eu mesmo estava indo também puxar lona (risos). Até eu ia com ele (risos), agora que não consigo mais, tem que deixar pros mais novos, que tem saúde. [...] enquanto tá na lavoura e na aula a cabeça da gente fica sem preocupação, a meninada quer só ficar na rua, e mais nada. Não querem saber de nada (Avó de Pedro).

A permanência de João no trabalho traz tranquilidade aos familiares que os vê longe da rua e de atividades ilícitas, sendo essa a maior preocupação de sua avó. Deste modo o trabalho tem importâncias distintas para os entrevistados.

O trabalho também aparece nas falas dos jovens como uma forma de se tornar independente e de garantir algum tipo de lazer, interferindo assim também no processo de socialização entre pares. Lívia vê na lavoura do café uma possibilidade também de sair de casa e ter momentos de convívio, para além do ambiente doméstico, acompanhada da mãe. Ela utiliza o próprio dinheiro para ir em festas no centro da cidade, o que lhe dá maior autonomia e garante que tenha mais opções de estar em outros espaços que não seja o distrito. A autonomia em relação ao que vão consumir e o fato de não precisarem pedir ou darem satisfação dos gastos, aparece nas falas dos jovens. Deste modo, na busca de certa independência financeira em relação aos seus familiares, estes jovens se inserem em trabalhos provisórios, como no caso, a colheita do café, que não trazem estabilidade, tendo em vista que, são na maioria das vezes transitórios (PAIS, 2001).

Apesar de não ser um trabalho com remuneração vantajosa, que faça com que seus pais tenham a pretensão de que permaneçam por muito tempo nesta atividade, trabalhar se torna convidativo para os jovens que veem nessa tarefa a possibilidade de ganharem um dinheiro próprio, visto que, não é exigida qualificação para o exercício de tal atividade. Temos então, as diferentes percepções sobre o mesmo trabalho, dos pais, que esperam que os filhos tenham oportunidades melhores, de condições de trabalho e remuneração e dos jovens, que querem ter alguma renda de forma imediata.

Felipe reconhece que trabalhar na lavoura de café não é uma atividade fácil:

É um trabalho de sacrifício, não tem banheiro, não tem uma água direito, todo mundo tem que se virar e levar as suas coisas. Meu pai tem

um fogão feito de latinha de sardinha e prego pra esquentar a marmitta eu almoço em casa e vou, ele fica o dia todo, já se acostumou (Felipe, 16 anos).

Entretanto, para seu pai dos trabalhos que já teve esse não é tão ruim:

[...] não gostava de cortar cana de jeito nenhum na roça, chorava coçava tudo (risos) , e o sol judiava demais também [...] começar a panhar [o café] primeiro no Nó da Silva [outra localidade próxima ao distrito] ficou bom, a gente [ele e os irmãos] chegava em casa sujo, mas não era igual trabalhar na cana. Na cana era carvão puro e sabão não limpava [a roupa], na lavoura a gente ia mais satisfeito. Tinha pelo menos uma sombra pra comer [debaixo]. O que você pegava, você recebia, se você quer pegar só 3 sacos e vai embora você pode ir. Se você quer ficar o dia inteiro você pode (senhor José, pai de Felipe).

A visão dos dois em relação ao trabalho é distinta, mas as experiências que pai e filho tiveram os fizeram ter um olhar diferente sobre a mesma realidade. O que nos leva a pensar sobre a importância do trabalho na vivência deles de forma individual e na família.

Pais (2001) Dayrell e Jesus (2016) chamam atenção para o fato de que os estudos envolvendo os jovens de camadas populares no Brasil evidenciam a inserção destes no mundo trabalho de forma precoce, em “biscates”, gerando uma instabilidade que persiste ao longo de toda a sua juventude e, como notamos nas entrevistas com os pais e avós, perduram até a fase adulta (DAYRELL e JESUS, 2016).

Na narrativa dos pais, o trabalho dos filhos não aparece como uma necessidade familiar e sim uma escolha dos próprios jovens, visto que fazem questão de se dizerem responsáveis por prover o que eles precisam. Entretanto, tal atividade é revestida de moralidade e o orgulho é expresso em todas as narrativas. A ocupação do tempo torna-se necessária, mas para os pais e avós o trabalho na lavoura não deve ser considerado pelos jovens como uma atividade a ser desenvolvida por toda a vida. O senhor Vicente (pai de Pedro), deixa claro, que o estudo seria uma forma de se livrar dessa atividade e que se o filho Pedro quiser se dedicar somente ao estudo não teria problemas, já que, seu dinheiro não é utilizado para as despesas. O serviço sazonal para ao senhor Vicente, não deveria se tornar vitalício na realidade de seus filhos e torce para que de fato, não ocorra.

Não tem serviço pior que o de roça, não tem sombra e pausa. Ele gosta de ir pra lavoura porque não precisa, quando não tem pra onde correr é difícil, é sofrido puxar lona de café debaixo de chuva e sol. Não quero

isso pra ele, o peso da caneta é menor. O estudo é a única coisa que eu vou poder deixar, coisa que eu não tive (Vicente, pai de Pedro).

A escola passa a ser vista como uma ponte que liga os jovens a um futuro diferente do que os avós e pais tiveram, um passaporte para que eles tenham uma vida diferente das que seus antecessores, deixando para trás a instabilidade e informalidade presente na vida de alguns deles. Esses jovens, ao chegarem no ensino médio, já estão rompendo com a trajetória familiar pregressa e seus pais esperam que vão além da escolarização básica (LAHIRE, 2006; THIN, 1997). O pai de Pedro, o senhor Vicente vê no emprego de carteira assinada a possibilidade de maior estabilidade: “[...] não quero eles com essa dor de cabeça, de sempre procurar serviço, quando a gente estuda, acaba que é mais fácil. Quando tá todo mundo sem estudo não tem nem para onde correr. Quero que sejam tranquilos, com uma carteira assinada”.

Diversas pesquisas nos mostram que mesmo após a conclusão da educação básica, a inserção no mercado de trabalho continua incerta, ao passo que esses jovens não têm qualificação e entram em um campo de disputa com profissionais mais experientes (CARRANO, 2008; COSTA; KOSLINSKI, 2006; KUENZER, 2000).

Para estes jovens o trabalho e a escola fazem parte de um presente, e as experiências são vividas dia a dia sem grandes expectativas e planos para o futuro. Lívia planeja seu futuro em outro lugar, junto da congregação católica e longe da família, em outro estado e até mesmo em outro país. Sendo este seu único projeto futuro a conclusão do ensino médio ainda é um caminho a ser percorrido, um requisito para a continuidade de sua caminhada vocacional. Entretanto, sua expectativa de futuro, longe da escola, da lavoura e de sua família no distrito não é o que a mãe esperava. Embora restringisse sua narrativa ao fato de ter encontrado sua vocação, o desejo de saída do distrito relatado por Lívia serve como reflexão, sobre quais os meios adotados para transcender a um projeto de futuro que se apresentava: O de morar no mesmo terreno e dividir o quintal com a mãe e o irmão casado. E ainda, quais mecanismos as meninas, negras, trabalhadoras sazonais, menores de idade adotam para sair do ambiente doméstico e dos olhares atentos dos familiares que vivem próximos, quais as possibilidades e oportunidades seriam apresentadas.

Felipe tem o desejo de ter uma profissão que lhe dê um bom retorno financeiro, sendo a profissão escolhida; veterinária, o que o faz querer continuar os estudos. O seu pai diz o apoiar, mas não traçou para o filho um caminho que gostaria que trilhasse, só

pretende que o filho continue estudando, ao contrário de seu filho mais velho que interrompeu os estudos e também trabalha informalmente. O pai se preocupa, pois pode ser que quando o filho se arrepender não consiga mais retomar os estudos. Felipe se vê no futuro ao lado dos pais, mesmo que não seja no distrito, mas não tem preferências por outras cidades e não se opõe a permanecer, exercendo a profissão de médico veterinário, não importando em qual lugar estivesse morando.

João não se vê morando em outro local, pretende continuar no distrito, que considera um lugar bom de morar ao lado da família e se vê construindo a sua, já casado e pensando em ter filhos. Embora seja o sonho dos seus pais que se torne engenheiro mecânico, este não é o seu desejo porque não pretende continuar estudando depois que concluir o ensino médio. Em relação ao seu trabalho pretende estar trabalhando como servente, acreditando ser um serviço menos sacrificante do que o trabalho na lavoura. Ao retratarem os empregos que querem ter no futuro, mostra como aspectos hoje presentes nas experiências dos pais refletem nas suas escolhas, fazendo com que suas trajetórias sejam marcadas por essa instabilidade, e uma busca constante de inserção no mercado de trabalho considerado saturado e de difícil acesso (PAIS,2001). Deste modo, a transitoriedade da juventude para a vida adulta não tem um ciclo totalmente fechado. No entanto, alguns aspectos presentes e valorizados na vida adulta estão presentes na fala de João; contrair obrigações ocupacionais; conjugais, ou familiares ou habitacionais (PAIS, 1990, p.141).

Pedro não tem a pretensão de continuar morando no distrito, pois já o fez durante toda a vida e gostaria de morar no Rio de Janeiro. Não tem planos para o futuro em relação a nenhuma profissão. Pretende ter “um empreguinho” morando no Rio de Janeiro e solteiro, mesmo que seu pai tenha educado ele e os irmãos na esperança de que continuem os estudos e ingressem na faculdade no intuito de conseguirem empregos melhores, com estabilidade e carteira assinada. Pedro não tem tais preocupações e não tem expectativas futuras ligadas a escola e ao trabalho, diz não sonhar com nenhuma profissão ou trabalho específico.

Estes jovens, seguem com o apoio de suas famílias, vivendo um dia de cada de vez, sem pensar muito sobre o futuro e criando poucas expectativas, vivendo o momento presente mantendo viva a esperança de seus pais que tenham um futuro melhor que eles tiveram e sendo amparados e envoltos de afeto por seus avós que já veem neles o rompimento com um histórico familiar de baixa escolaridade, com orgulho e satisfação.

Todos os entrevistados se autodeclararam pardos ou negros o que nos leva a pensar nos espaços sociais que estas pessoas ocupam durante suas histórias de vida. Como já mencionado anteriormente, não se buscou com essa pesquisa um discurso dicotômico, mas a partir do relato das experiências, foi sendo traçado um fio que liga três gerações, que se aproximam por várias questões. Pertencerem ao mesmo distrito, estão inseridos em contextos de trabalho na lavoura (na maior parte do tempo informal) durante grande parte da vida e vivenciam a naturalização do trabalho desde a infância, bem como a dificuldade em se manterem na escola até a conclusão do ensino médio. A literatura trazida nesta pesquisa (BOURDIEU, 1989; LAHIRE, 2006; PORTES, 2000; THIN, 1997) nos revela que não é de espantar que somente um dos quatro jovens apresentou vontade de continuar os estudos.

Devido às reprovações que geram a distorção idade-série, a conclusão do ensino médio fica cada vez mais tardia para os jovens negros, conforme observamos nesta pesquisa. Segundo Ricardo Henriques (2002, p. 96),

As diferenças fundamentais entre crianças e jovens de cor branca e de cor negra, no que se refere ao acesso, permanência e aprendizado, requerem políticas de inclusão com preferência racial, políticas ditas de ação afirmativa, que contribuam para romper com o circuito de geração progressiva de desigualdade.

É necessário observar, quais são esses rostos, do que se ocupam e qual o histórico familiar já os acompanha. Somente deste modo, olhando para a realidade destes jovens brasileiros, será possível traçar planos mais específicos e voltados a suas necessidades sem correr o risco de cairmos na padronização representada pelas políticas universais que perpetuam a desigualdade de forma velada. Para que isso ocorra:

A necessidade de uma ação anti-racista que enfrente o desafio histórico de integrar as perspectivas “universalista” e “diferencialista” se encontra no centro de um processo de desnaturalização da desigualdade racial. Portanto, faz-se necessário redefinir os horizontes de igualdade de oportunidades entre brancos e negros estabelecendo políticas públicas explícitas de inclusão racial (HENRIQUES, 2002, p.96).

Além de políticas que garantam o acesso destes jovens, aqui apresentados, negros e pobres de frequentarem, a escola é necessária que se criem formas de permanência.

As entrevistas com os jovens, seus pais e avós, serviram para mostrar as continuidades e também as descontinuidades, dos valores, crenças e costumes. As famílias

valorizam a escola e se orgulham de seus jovens estarem no ensino médio, mas isso não basta para que o futuro deles seja diferente das gerações anteriores.

Em relação à socialização familiar, foi possível observar que a rede de apoio e controle criados pela família norteia os jovens durante o percurso do ensino médio e mesmo quando já são maiores e conseguem fazer suas próprias escolhas em relação à escolha profissional. As gerações mais velhas, também influenciam em como as expectativas são criadas e percebidas por esses jovens. Em contraponto, temos os pais e avós que demonstram estar apoiando e torcendo para que os jovens cruzem uma linha de chegada imaginária e o façam também por eles, que não conseguiram avançar. Sendo assim, não medem esforços e ficam na torcida para que os filhos consigam, e ficam a postos para aplaudir os filhos e os netos.

A ausência de uma política pública clara que atinja os jovens pobres, pretos, moradores de pequenos distritos do interior, possibilita que haja a responsabilização do jovem pelo futuro, os tornando assim, os únicos responsáveis por seus sucessos e fracassos. Tal pensamento, torna-se uma forma de punição e auto punição por não alcançarem e corresponderem as expectativas geradas e que esses jovens projetaram para si ou que foram projetadas pelos ascendentes (LEAO; DAYRELL; REIS, 2011).

O desejo de que estudem e trabalhem e que tenham um futuro diferente do que os antecederam marcam as falas dos mais velhos. A carteira de trabalho assinada é o desejo dos pais e avós ouvidos na pesquisa para seus filhos e netos. Apesar de muitas vezes o trabalho na lavoura não ser considerado o pior de todos, existem os melhores trabalhos, os de carteira assinada, que são menos sacrificantes. A carteira simboliza o escritório ou o comércio, longe da lavoura, como bem expressa o Vicente “o peso da caneta é menor”.

Apesar dos pais não se oporem ao trabalho na lavoura e garantirem que apoiam os filhos em todas as decisões, eles desejam que os filhos sigam um caminho diferente, de menos sacrifício para que tenham um futuro com mais conforto, como a mãe de João, que tem o desejo que ele se torne engenheiro mecânico, ou o pai de Pedro que espera que ele tenha estabilidade no emprego. A conclusão do ensino médio já seria um marco importante e um ponto de partida, segundo os seus pais e avós, para alçar voos maiores em busca de estabilidade, retorno financeiro e tranquilidade. Um facilitador para conseguir o emprego de carteira assinada e uma fase a menos na busca do diploma de engenharia ou de outro curso da escolha do jovem.

Maiores expectativas em relação aos estudos e ao trabalho só não foram maiores em relação à Lívia, a única menina dos jovens entrevistados. O caso dela, possibilitou

algumas reflexões em torno do que é esperado para as meninas negras, moradoras do distrito. Se seria uma reprodução dos papéis femininos por parte da mãe, como tivemos a oportunidade de perceber, ou se seria um caso específico, isolado.

As entrevistas mostraram o envolvimento ativo dos jovens com a realidade de trabalho no período de colheita e a influência familiar para que prossigam nos estudos e não abandonem a escola.

O que se observa, entretanto, é que algumas coisas se mantêm desde a educação de seus pais. O trabalho foi inserido na educação dos pais desses jovens ainda na infância, o que tornou o trabalho corriqueiro e ordinário e não o veem como prejudicial aos filhos. O trabalho sazonal na “panha” do café foi inserido na educação de forma paralela à escolarização, e ficou claro em todas as falas dos entrevistados que eles acreditam que o trabalho não interfere no processo de escolarização dos jovens.

Tivemos a oportunidade de ouvir e conviver com jovens que estão buscando viver cada dia de cada vez de acordo com as oportunidades que estão sendo oferecidas, convivendo diariamente com o trabalho, ainda que em períodos sazonais, e acreditando que desenvolver tais atividades de forma paralela aos estudos não os prejudica. Vivendo de forma singular sua condição juvenil, alimentando a esperança de seus pais e avós de vê-los sempre cruzando linhas de chegada, na conquista dos bons empregos, longe da lavoura do café. Empregos estes, que as gerações anteriores não tiveram a oportunidade de alcançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude é um período em que cada pessoa passa por experiências próprias e com significados distintos. Deste modo deve ser analisada e considerada em suas continuidades, descontinuidades e especificidades. As trajetórias dos jovens são marcadas por experiências distintas, com características comuns, mas vivenciadas individualmente. Cada jovem em seu contexto social lidará de uma forma com este percurso e fase da vida. As experiências familiares, com a comunidade, com seus pares serão singulares, que não cabe ser comparada e sim compreendida de forma ampla. Assim, deste modo, torna-se cada vez mais relevante e necessário que os estudos que se dedicam às juventudes, reflitam sobre a condição juvenil inserida em um contexto, composto por relações familiares, de socialização, de trabalho (ABROMOVAY e CASTRO, 2015; DAYRELL, 2003; PAIS, 2001)

Nesta pesquisa trouxemos uma discussão no campo da sociologia da educação a partir de autores nacionais e internacionais que abordaram direta ou indiretamente a constituição do ser jovem e sua relação com a escola e o trabalho. Assim, trouxemos as contribuições de autores como Bourdieu (1983), Dayrell (2003), Dayrell e Jesus (2016), Lahire (1997, 2007) e Sposito (1998, 2002), entre tantos outros, que nos ajudaram a pensar a construção de seus processos de escolarização, de sociabilidade, e socialização.

Ao buscar uma melhor compreensão dos jovens do distrito, estudantes e trabalhadores surgiu a questão central para o desenvolvimento desta pesquisa: *Qual o lugar do trabalho na lavoura do café na vida de jovens do ensino médio em um distrito de Viçosa?*

Assim, a pesquisa trouxe como objetivo principal compreender o lugar do trabalho na lavoura do café na vida de jovens do ensino médio em um distrito de Viçosa.

Os jovens entrevistados, pertencem às camadas populares e todos eles apresentaram uma característica comum: O trabalho temporário na colheita de café. Devido às necessidades pessoais e familiares, o período de colheita torna-se uma alternativa para complementar ou para garantir autonomia financeira. Visto que os jovens com menos de 18 anos, sem terem o ensino médio concluído e por falta de experiência e exigência de qualificação formal se iniciam ainda crianças no trabalho temporário, tornando-se uma medida paliativa para atender às necessidades pessoais, e de forma mais

específicas, as financeiras. Deste modo, os jovens estudantes coincidem o trabalho na colheita do café durante os períodos de maio a agosto com as atividades escolares.

A participação dos estudantes na colheita do café ocorre a várias gerações e existem registros que comprovam que nos anos 60 a escola se esvaziava na época da colheita do fruto. Ainda hoje tal ofício, transmitido de pais aos filhos, fazem parte da rotina de jovens estudantes e continua se perpetuando, mesmo em um momento em que a escolarização é tão valorizada na sociedade. Entretanto, a evasão não é observada como antigamente, hoje os jovens estudantes conciliam as jornadas de trabalho com as atividades escolares. O que nos permite retomar os estudos de Dayrell (2003) ao enfatizar o jovem como social, que desempenha várias funções em seu espaço social, de filho, aluno, trabalhador, entre outros.

Ao pensar a condição juvenil atualmente, é importante salientar que esses ciclos são distintos, e que para alguns jovens estes momentos podem não estar totalmente definidos, o que Pais (2001) nos apresenta como *as trajetórias não lineares*

Muitos jovens de camadas populares ao chegarem ao ensino médio já romperam com uma histórico escolar familiar pregressa (LAHIRE, 2006; THIN,1997) e trazem consigo o desejo de concluir a escolarização básica e ir além. Porém, suas expectativas são diversas e difíceis de serem contempladas de forma ampla pela escola. Na medida em que avançam nos estudos surgem novas demandas e obstáculos. Com isso, a possibilidade de alcançar mais oportunidades do que os pais e das que lhes foram apresentadas até o momento pode se tornar um fator positivo para que o jovem continue estudando. Entretanto, apesar de reconhecerem a necessidade de concluir o ensino básico, existem aqueles que não estão motivados a continuar os estudos, fruto, em muitos casos, da violência simbólica à qual foram submetidos ao longo dos anos (BOURDIEU, 1989) e das urgências da vida, como a necessidade de trabalhar.

As necessidades de contrair obrigações que os pais e avós em sua idade já possuíam, buscar formas de mais autonomia em relação à família e de se sentirem independentes, são características que arcam a transitoriedade para a vida adulta e podem gerar expectativas e ansiedades no jovens.. Além disso, temos a questão da dignidade do trabalho e o valor que se dá ao mesmo, sobretudo as famílias pobres, valores que vão sendo repassados de geração em geração (SARTI,1994).

A transmissão geracional imprime nas experiências desses jovens, desde a sua infância, os valores, a moral, e o que é esperado para eles desde a infância (TOMIZAKI, 2010). O trabalho para os jovens de camadas populares sobretudo os quais esse estudo

contempla, assume facetas distintas. Aparece como possibilidades de autonomia, liberdade, possibilidade de se relacionar para além do convívio familiar, dentre outras que vão sendo descortinadas a partir das experiências singulares de cada jovem entrevistado.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, uma vez que buscou a observação e compreensão das experiências de quatro jovens estudantes e trabalhadores (Felipe, João, Lívia e Pedro). Para a realização do trabalho buscou-se a interlocução com os jovens, seus pais e avós. Por meio de entrevistas reflexivas com os jovens: Felipe, João, Lívia e Pedro, todos estudantes do primeiro ano do ensino médio, seus pais e avós, todas, pessoas envolvidas no trabalho da colheita do café, foi possível analisar as experiências dos jovens. socialização familiar, escolarização e trabalho. Foi possível a partir dos dados obtidos, investigar a importância da colheita do café na vida das famílias do distrito; analisar como o trabalho interfere na escolarização dos jovens e compreender como o trabalho da colheita do café foi vivenciado no percurso escolar dos pais e avós dos jovens da pesquisa.

O trabalho se tornou parte da rotina dos jovens estudantes, principalmente no período da colheita, meses que dedicam de forma intensa ao trabalho. O trabalho que deve ser bem executado, assim como fazem seus pais e avós. Observa-se também o valor que o trabalho na colheita tem em suas famílias, visto que para seus pais e avós a atividade também faz parte da rotina e em determinado momento da vida, o que hoje não a fazem mais a fizeram. Uns citam a atividade como penosa e desgastante, em contrapartida a outros que garantem ser um trabalho divertido e entre os trabalhos disponíveis, não ser dos piores. É um trabalho realizado a partir de contatos informais em que o cumprimento da palavra dada é fundamental, a assiduidade é importante e se torna um pré-requisito para que no ano seguinte seja convidado para retornar a mesma lavoura no período de colheita. É notório que apesar dos filhos terem se inserido na atividade por influência e por terem “ herdado “ de seus pais e avós o ofício, os pais sobretudo esperam que os jovens prossigam no processo de escolarização e cursem faculdade, tenham empregos melhores, preferencialmente de carteira assinada para que tenham assim, certa estabilidade e possam ter um futuro “ tranquilo”.

Em relação aos jovens os mecanismos próprios para a busca das vivências da sua condição juvenil chamam a atenção. Apesar das dificuldades de projetarem sobre seus futuros, os estudantes procuram no presente modos de viverem o dia a dia. Rompendo muitas vezes com o que fora projetado pelos pais. Felipe, João, Lívia e Pedro, não são jovens desinteressados, simplesmente o fato de planejar o futuro nunca foi uma proposta

possível e viável. Ao se voltarem o olhar para a realidade e experiência de pais e avós, percebem que as opções de continuarem residindo no distrito é muito concreta, e, mesmo que optem por viver em outro lugar, podem contar com o apoio familiar

As expectativas são criadas, principalmente por seus pais em relação ao futuro, os avós, por sua vez, adotam uma postura de apoio e observância e, quando solicitados, ajudam. Apesar de torcer pelo futuro dos netos, os avós não são incisivos em relação a futuro deles. Também os pais garantem apoio incondicional, entretanto, algumas expectativas existem, e estas vêm sendo projetadas nesses jovens como uma realização e uma expectativa de vida diferente das que tiveram.

O estudo não foi capaz de explicar o fenômeno em sua totalidade, ainda há muito em que aprofundar e conhecer com amplitude sobre as realidades juvenis, de modo mais específico, as experiências de jovens trabalhadores. O Trabalho destes jovens nas lavouras de café se revelou como um meio transmitido por herança (TOMIZAKI, 2010) de seus pais e avós para suprir demandas urgências da vida cotidiana, tornando-se também um meio para vivenciar de forma plena sua condição juvenil. Estes jovens pertencentes as famílias de camadas populares, residentes do interior além de dividir a rotina entre o trabalho e os estudos encontram o desafio de pensar e projetar seu futuro.

Deste modo, torna-se necessário que mais estudos com abordagem voltada aos estudantes oriundos de camadas populares, estudantes e trabalhadores, visto que ainda é um tema pouco abordado nas pesquisas em educação do Brasil. Concluindo, essa pesquisa traz como sugestões para pesquisas futuras a discussão sobre a permissibilidade do trabalho do menor no Brasil, o aprofundamento nas questões étnico-raciais e ainda a influência da relação de gênero nos projetos de futuro dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Drogas nas escolas: versão resumida. Brasília: UNESCO: Rede Pitágoras, 2005

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL, O Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho. Decreto-Lei nº 5.442, de 01.mai.1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del5452compilado.htm. Acesso em: 03.mar.2011.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; CUNHA, Maria Amália de Almeida. Escolha ou destino? A influência intergeracional na vida de jovens egressos do Ensino Médio. Revista Contemporânea de Educação, n. 12, p. 173-194, ago./dez. 2011.

DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. JUVENTUDE, ENSINO MÉDIO E OS PROCESSOS DE EXCLUSÃO ESCOLAR. Educ. Soc. , Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, junho de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302016000200407&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de setembro de 2019.

DAYRELL, Juarez. Juventude, socialização e escola. In: _____ et al. (orgs.). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil – Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 298-321.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, 2003, p. 40-52.

DUBET, François. *Sociologia da Experiência*. Trad. F. Tomaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

INEP. Programa Internacional de Avaliação de alunos (Pisa): Resultados Nacionais – Pisa 2018. Brasília: Inep, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Disponível em : <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>. (Acesso em: 02/01/2019.)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=24478&t=destaques>. (Acesso em: 29/05/2019.)

INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. INEP. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/busca?_3_keywords=estudante+trabalhador+no+brasil&_3_formDate=1441824476958&p_p_id=3&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column2&p_p_col_count=1&_3_struts_action=%2Fsearch%2Fsearch&_3_groupId=0&_3_cur=1&_3_format=. (Acesso em: 06/06/2019.)

KRAWCZYK, Nora. A escola média: um espaço sem consenso. *Cadernos de Pesquisa*, n. 120, p. 169-202, nov. 2003.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável*. Porto Alegre: Ática, 2007.

LAHIRE, Bernard. Infancia y adolescência: de los tiempos de socialización sometidos a construcciones múltiples. *Revista de Antropología Social*, n. 16, p. 21-38, 2007.

LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual. In: Sociologia, Problemas e Problemáticas. N. 49, 2005.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 253-273, maio/ago. 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. "A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições". In: Revista Educação e Sociedade, vol. 23, nº 78, Campinas, 2002.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise social, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Âmbar, 2001.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri - Viçosa - mudanças socioculturais - evolução histórica e tendências -. Viçosa: Universidade Federal, 1990. 300 p.

PINTO, João Bosco Guedes. *São José do Triunfo – “Um povoado Mineiro entre outros”*. Minas Gerais: UREMG ,1963.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 2º ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

SARTI, Cyntia Andersen. A família como ordem simbólica. Psicologia USP, 15(3), 11-28. São Paulo, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina; MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como ethos das pesquisas antropológicas e qualitativas. Ciência e saúde

coletiva para a sociedade, Associação Brasileira de Saúde Coletiva, p. 1-15, 2013. Disponível em: http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=14912. (Acesso em: 23/04/2019).

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 mar. 2020.

SPOSITO, Marilia P. (Coord.) *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, n. 7).

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H. (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, p. 9-61, 2004.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias ara uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação* 11.32 (2006): 211.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, junho de 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de março de 2020.

VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 115-129.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O.(org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

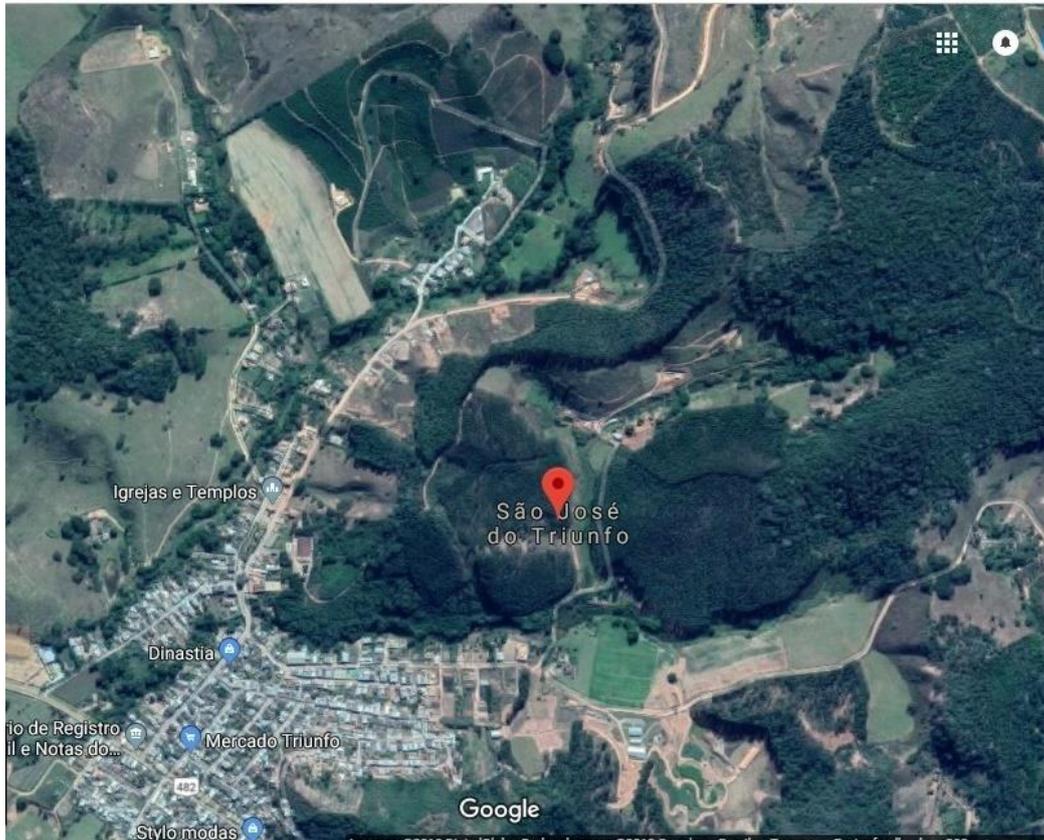
WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZAGO, Nadir. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas. In: DAYRELL, Juarez et al. (orgs.). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil – Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 132-150.

APÊNDICES:

I. Levantamento fotográfico

Figura 4: imagem de São José do Triunfo capturada por satélite



Fonte: Google maps (2018)

Figura 5: Festividades de Nossa Senhora do Rosário, momento de entrada na igreja.



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

Figura 6: Festividades de Nossa Senhora do Rosário, momentos em que o grupo de congado vai até a igreja, percorrendo as ruas da comunidade.



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

Figura 7: Festividades de Nossa Senhora do Rosário, momento de início do rito no dia festivo.



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

Figura 8: Festividades de Nossa Senhora do Rosário, missa solene com participação da comunidade.



Fonte: Mônica da Silva Rosa (2019)

Figura 9: Pátio da escola



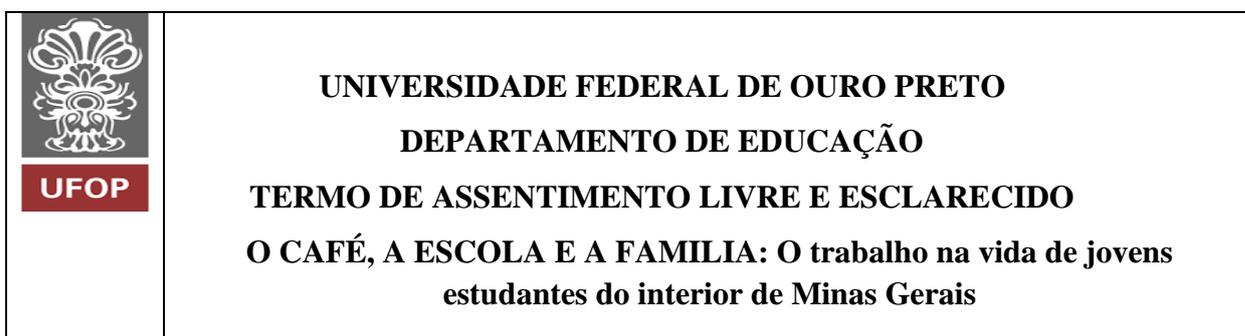
Fonte: Grupo da Escola no facebook (2019)

Figura 8: Quadra da escola



Fonte: Grupo da Escola no facebook (2019)

II. Termo de consentimento livre e esclarecido – Para menores e maiores de idade.



Convidamos o (a) Sr (a)

_____ a participar da Pesquisa O CAFÉ, A ESCOLA E A FAMÍLIA: O trabalho na vida de jovens estudantes do interior de Minas Gerais, sob a responsabilidade da pesquisadora Mônica da Silva Rosa, a qual se pretende compreender qual a importância do trabalho para os jovens de São José do Triunfo. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, que será gravada apenas em áudio. **Esses dados serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro na UFOP, em gabinete da professora orientadora, por um período de cinco (5) anos e após esses períodos incinerados. A participação na pesquisa não implicará em maiores riscos ou desconforto direto, pois serão tomados os devidos cuidados durante a realização da observação, análise do material e entrevista, para impedir a ocorrência de danos de ordem moral, intelectual, emocional ou espiritual.** As entrevistas terão aproximadamente uma hora e meia de duração e ocorrerão em dois momentos diferentes, em local e data definidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados com roteiro de perguntas semiestruturadas. Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso seja identificado algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção de conhecimentos em torno da temática das práticas familiares de Educação. Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da

pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP e qualquer dúvida sobre aspectos éticos dessa investigação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço: Rua do Seminário, Centro, Mariana - MG, 35420-000, pelo telefone (31) 31 971811881 , ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, no Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto – MG, telefone (31) 3559-1368. Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso perceber algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante da pesquisa.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____,
fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha participação na pesquisa. Por compreender toda a explicação, aceito participar do estudo, sabendo que não receberei nada e que poderei sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Mônica da Silva Rosa
Pesquisadora responsável

Data: ____/____/____



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O CAFÉ, A ESCOLA E A FAMÍLIA: O trabalho na vida de jovens
estudantes do interior de Minas Gerais

Convidamos o (a) Sr (a)

_____ a autorizar que seu (sua) filho(a) participe da Pesquisa O CAFÉ, A ESCOLA E A FAMÍLIA: O trabalho na vida de jovens estudantes do interior de Minas Gerais, sob a responsabilidade da pesquisadora Mônica da Silva Rosa, a qual se pretende compreender qual a importância do trabalho para os jovens de São José do Triunfo. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, que será gravada apenas em áudio, se assim o (a) Sr (a) e filho/a autorizar. **Esses dados serão guardados em arquivo digital pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro na UFOP, em gabinete da professora orientadora, por um período de cinco (5) anos e após esse período serão destruídos. Existe eventual desconforto e risco mínimo para os participantes que irão se submeter a esta pesquisa, uma vez que serão discutidos temas pessoais e demandará tempo, mas os participantes responderão apenas quando se sentirem seguros, confortáveis e se tiverem disponibilidade. serão tomados os devidos cuidados durante a realização da observação, análise do material e entrevista, para impedir a ocorrência de danos de ordem moral, intelectual, emocional ou espiritual.** As entrevistas terão aproximadamente uma hora e meia de duração e ocorrerão em dois momentos diferentes, em local e data definidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados com roteiro de perguntas semiestruturadas. Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso seja identificado algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção de conhecimentos em torno da temática das práticas familiares de Educação. Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer

fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) e seu (sua) filho(a) não terão nenhuma despesa e também não receberão nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. **Os resultados desta investigação serão disponibilizados por meio de dissertação de mestrado, relatório técnico, artigos científicos, capítulo de livros, seminários e eventos relacionados ao tema. O principal benefício da pesquisa é a contribuição para os estudos no campo de Educação.**

A pesquisa terá início assim que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) aprová-la. As atividades devem ser finalizadas, conforme o Programa de Mestrado em Educação da UFOP, em março de 2020, com o apoio do Instituto de Ciências Humanas – ICHS. **Para maiores esclarecimentos que se fizerem necessários segue o endereço e telefone para contato da pesquisadora responsável: Mônica da Silva Rosa, endereço: Rua Alfa, nº 210 – apto A. Bairro: Bauxita – Ouro Preto – MG – CEP.: 35.400.000 – Telefone (31) 97181-1881.**

Qualquer dúvida sobre aspectos éticos dessa investigação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, no Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto – MG, telefone (31) 3559-1368. Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso perceber algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante da pesquisa.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____,
fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da participação do/a meu/minha filho/a na pesquisa. Por compreender toda a

explicação, autorizo meu/minha filho/a
_____a participar do
estudo, sabendo que não ganhará nada e que poderá sair quando quiser. Este
documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo
pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Mônica da Silva Rosa
Pesquisadora responsável
monicarosa.ufop@gmail.com
(31) 97181-1881

Rosa Maria da Exaltação Coutrim
Orientadora
rosacoutrim@gmail.com
(31) 9827-7198

Data: ____/____/____

III- Roteiros de entrevistas

O CAFÉ, A ESCOLA E A FAMÍLIA: O trabalho na vida de jovens estudantes do interior de Minas Gerais

Roteiro para entrevista com os Jovens

Identificação

Nome: _____	Data: _____
Endereço: _____	Telefone: _____
Sexo: () Fem. () Masc.	Data de nascimento: _____
Idade no dia da entrevista: _____	cor\raça: _____

Perfil socioeconômico:

1. Onde você nasceu?
2. Onde você mora? Você poderia descrever este lugar?
3. Este local é urbano ou Rural?
4. Com quem você mora?
5. Sua casa é própria ou alugada?
6. Você trabalha?
7. Você se lembra quando e onde e como foi seu primeiro trabalho?
8. Com que idade começou a trabalhar?
9. Você administra seu próprio dinheiro?
10. Quais são seus gastos e obrigações financeiras atualmente?
11. Estudar é importante pra você?
12. trabalhar é importante pra você?
13. Trabalhar e estudar tem a mesma importância pra você?

Eixo 1. Socialização familiar

1. Você tem irmãos? Quantos?
2. Eles estudam?
3. Quantas pessoas moram na sua casa?

4. Seus pais vivem juntos ou são separados?
5. Até que série sua mãe estudou? Qual a profissão dela?
6. Até que série seu pai estudou? Qual a profissão dele?
7. Seu pai trabalha ou trabalhou na panha do café?
8. Sua mãe trabalha ou trabalhou na panha do café?
9. Sua avó trabalha ou trabalhou na panha do café?
10. Seu avô trabalha ou trabalhou na panha do café?
11. Como é sua relação com seus pais?
12. Vocês conversam muito? Sobre quais assuntos conversam mais?
13. Você desenvolve os mesmos trabalhos que seus pais ou avós?
14. Seus pais perguntam sobre o trabalho ou sobre a escola?
15. Sua família frequenta as atividades propostas pela escola? quais?
16. alguém da sua família te ajuda em relação aos estudos?
17. Você tem mais parentes que moram no distrito?
18. Existe algo sobre sua família que não foi perguntado e que você gostaria de deixar registrado?

Eixo 2. Escolarização

1. Em qual série você está?
2. Você estuda em casa? Quanto tempo por dia você estuda fora da escola?
3. Você sempre estudou na mesma escola?
4. Você gosta de estudar nessa escola? O que não gosta?
5. Você se considera um bom aluno/uma boa aluna? Por quê?
6. Você teve alguma reprovação? Em qual ano? Por que você acha que isso aconteceu?
7. Você já pensou em parar de estudar? Por quais motivos?
8. como você se vê daqui há 10 anos? Pretende continuar estudando?
9. O trabalho interfere nas atividades da escola?
10. Existe algo sobre a escola que não foi perguntado e que você gostaria de deixar registrado?

Eixo 3. trabalho

1. Algum dos seus irmãos trabalham? Onde?
2. Você trabalha onde?
3. Quanto tempo do seu dia você passa no trabalho?
4. Você gosta do seu trabalho?

5. Você pretende trabalhar com outra coisa? Com o que?
6. Quantas horas por dia você passa trabalhando?
7. Você teve apoio da sua família quando começou a trabalhar?
8. Você ajuda financeiramente em casa?
9. Trabalhar é importante pra você
10. Você aprendeu a trabalhar com quem?
11. Com que idade começou a trabalhar?
12. E em que trabalhava?
13. Você aprendeu o seu ofício com quem?
14. Trabalhar na lavoura com o café é importante para você?
15. Trabalhar na lavoura com o café é importante para sua família?
16. você acha que ficar sem ir á escola no período da colheita do café pode prejudicar seus estudos?
17. Quando termina o trabalho na lavoura você sente vontade de voltar para a escola?
18. O que seus familiares acham de você não ir á escola durante o período de colheita?
19. Você decide voltar para a escola depois do período de colheita ou é uma orientação da sua família?
20. Existe algo sobre o seu trabalho que não foi perguntado e que você gostaria de deixar registrado?

Roteiro para entrevista com pais e avós

Identificação

Nome: _____ Data: _____

Endereço: _____ Telefone: _____

Sexo: () Fem. () Masc.

Data de nascimento: _____

Idade no dia da entrevista: _____

cor\raça: _____

Informações iniciais

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quando e onde você nasceu?
3. Desde quando você mora no distrito?

Eixo 1. Socialização familiar

1. Como é sua relação com seus filhos\ netos?
2. Vocês conversam muito? Sobre o trabalho? Sobre a escola? Sobre o futuro?
3. Existe algo sobre sua família que não foi perguntado e que senhora\ o senhor gostaria de deixar registrado?

Eixo 2. Escolarização

1. Até quando a senhora\ o senhor estudou? Qual sua profissão?
2. A senhora\ o senhor costuma ir na escola do seu filho\ sua filha ou neto\ neta?
3. Se ele\ ela quiser parar de estudar a senhora\ o senhor apoiaria?
4. O que a senhora\ o senhor pensa para o futuro escolar do seu filho\ da sua filha?

Eixo 3. trabalho

1. A senhora\ o senhor trabalha? Onde?
2. Quais os tipos de emprego você já teve?
3. Quanto tempo do seu dia a senhora\ o senhor passa no trabalho?
4. A senhora\ o senhor gosta do seu trabalho?
5. A senhora\ o senhor pretende trabalhar com outra coisa? Com o que?
6. Quantas horas por dia a senhora\ o senhor passa trabalhando?
7. Com que idade a senhora\ o senhor começou a trabalhar?
8. O que achou quando seu filho\ filha começou a trabalhar?

9. Você tem alguma recordação do trabalho na lavoura durante sua infância?
10. O que a Senhora\ senhor acha do seu filho\ neto trabalhar na panha do café?
11. Qual a importância da panha do café para você e sua família?
12. trabalhar na panha do café interferiu nos seus estudos?
13. O senhor\ senhora quando iniciou o trabalho na panha do café gostava desse trabalho?
14. O senhor\ senhora acha que o trabalho com a panha do café interfere nos estudos do seu filho\neto?